

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FATIMA SILVA DE ABREU

A FLORESTA SECRETA: PROJETO GRÁFICO DE LIVRO INFANTOJUVENIL

RIO DE JANEIRO
2022

Fatima Silva de Abreu

A floresta secreta: projeto gráfico de livro infantojuvenil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel do Curso de Comunicação Visual Design.

Orientador: Marcelo Gonçalves Ribeiro

Coorientadora: Christiane Mello Guimarães de Oliveira

RIO DE JANEIRO

2022

CIP - Catalogação na Publicação

A586f Abreu, Fatima Silva de
A floresta secreta: projeto gráfico de livro
infantojuvenil / Fatima Silva de Abreu. -- Rio de
Janeiro, 2022.
113 f.

Orientador: Marcelo Gonçalves Ribeiro.
Coorientadora: Christiane Mello Guimarães de
Oliveira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Comunicação Visual Design,
2022.

1. Livro infantojuvenil. 2. Projeto gráfico. 3.
Personagens negras e LGBTs. 4. Desmatamento. I.
Ribeiro, Marcelo Gonçalves, orient. II. Oliveira,
Christiane Mello Guimarães de , coorient. III.
Título.

FATIMA SILVA DE ABREU

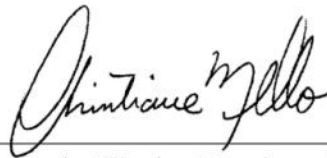
A floresta secreta: projeto gráfico de livro infantojuvenil

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Visual Design.

Aprovado em: 01 de novembro de 2022.

Documento assinado digitalmente
gov.br MARCELO GONCALVES RIBEIRO
Data: 23/11/2022 22:11:23-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Marcelo Gonçalves Ribeiro (orientador)
CVD/EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro



Christiane Mello Guimarães de Oliveira (Coorientadora e Membro da banca)
Designer | Estúdio Versalete

Documento assinado digitalmente
gov.br RAQUEL FERREIRA DA PONTE
Data: 28/11/2022 19:27:10-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Raquel Ferreira da Ponte (Membro da banca)
CVD/EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro



Ana Carolina Augusto Rosa de Almeida (Membro da banca)
Publicitária e Autora

Resumo

ABREU, Fatima Silva de. **A floresta secreta**: projeto gráfico de livro infantojuvenil. Rio de Janeiro, 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Visual Design). Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo: 1) elaboração de projeto gráfico de livro infantojuvenil do conto *A Floresta Secreta*, escrito e ilustrado pela autora do projeto; 2) produzir e estimular a construção de narrativas infantojuvenis inclusivas; 3) questionar a predominância do homem branco, cis, hétero no fazer literário. Para além do livro ilustrado, este trabalho se dedica à pesquisa de três temáticas extremamente importantes: a) Personagens negras; b) Personagens LGBTQs; c) Desmatamento. Temáticas urgentes e necessárias de serem discutidas em todos os campos, principalmente no acadêmico.

Palavras-chave: Livro infantojuvenil, projeto gráfico, personagens negras e LGBTQs, desmatamento.

Abstract

ABREU, Fatima Silva de. **A floresta secreta**: projeto gráfico de livro infantojuvenil. Rio de Janeiro, 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Visual Design). Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

This course conclusion work aims to: 1) design a graphic design for a children's book of the short story A Floresta Secreta, written and illustrated by the author of the project; 2) produce and encourage the construction of inclusive children's narratives; 3) question the predominance of the white, cis, straight man in literary work. In addition to the illustrated book, this work is dedicated to the research of three extremely important themes: a) Black characters; b) LGBT characters; c) Deforestation. Urgent and necessary topics to be discussed in all fields, especially in the academic field.

Keywords: Children's book, graphic design, black and LGBT characters, deforestation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1 - EMBASAMENTO TEÓRICO.....	11
1.1. NARRATIVA.....	11
1.2. O GÊNERO CONTO.....	14
1.2.1. Origem dos contos.....	14
1.2.2. Conto A Floresta Secreta.....	17
1.2.2.1. Cenários.....	18
1.2.2.2. Personagens.....	19
Flora (protagonista).....	19
Guardião da floresta.....	19
Samuel e Zoe.....	20
1.2.2.3. Personagens negras e LGBTQs na literatura.....	21
1.2.2.4. Ilustração de personagens negras e LGBTQs na literatura.....	29
Menina bonita do laço de fita.....	30
As tranças de Bintou.....	31
A Princesa e a Costureira.....	32
Olívia tem dois papais.....	33
Meus Dois Pais.....	34
O Cavalheiro e o Lobisomem: uma História de Coragem.....	35
Joana Princesa.....	36
Cachinhos de Urso.....	37
Princesa Kevin.....	38
Duas Mamães.....	39
Como Nascer de Duas Mães: Guia Prático.....	40
Meu crespo é de rainha.....	41
Amoras.....	42
O Pequeno Príncipe Preto.....	43
1.2.2.5. O desmatamento global.....	44
1.3. TEXTO, IMAGEM E SUAS ORIGENS.....	47
1.3.1. O Livro ilustrado e suas categorias.....	49

CAPÍTULO 2 - O PROJETO GRÁFICO.....	56
2.1. SIMILARES.....	57
2.1.1. Livro Seis homens.....	57
2.1.2. Livro O amor não é óbvio.....	59
2.1.3. Livro Onda.....	61
2.1.4. Análise de similares.....	63
2.2. ILUSTRAÇÃO.....	64
2.2.1. Rascunhos personagens.....	66
Flora.....	66
Guardião da floresta.....	67
Samuel.....	67
Zoe.....	68
2.2.2. Personagens finalizados.....	68
Flora.....	68
Guardião da floresta.....	69
Samuel.....	69
Zoe.....	70
Cenários.....	70
2.3. CAMINHO DE FERRO.....	71
2.4. PÁGINAS DUPLAS FINALIZADAS.....	71
2.5. TIPOGRAFIA.....	71
2.6. PALETA DE CORES.....	73
2.7. MANCHA GRÁFICA E GRID.....	76
2.8. FORMATO, SUPORTE E ENCADERNAÇÃO.....	78
CAPÍTULO 3 - CONCLUSÃO.....	80
3.1. REFERÊNCIAS.....	82
3.2. ANEXOS.....	85
3.2.1. Conto A floresta secreta.....	85
3.2.2. Caminho de ferro.....	95
3.2.3. Capa e miolo finalizados.....	97

AGRADECIMENTO

Antes de tudo agradeço à minha rainha, minha Maria, que também atende por minha MÃE. Ela, que muito abdicou de si para que eu pudesse ser. Que sonhou com o dia em que eu estaria formada pela maior faculdade federal do país. Logo ela, que nem o ensino fundamental completou. Te amo mãe!!

Aos meus amigos Laíse Failace, Luiza Marques, Gabriel Jesus que muito me auxiliaram na hora de ilustrar o livro. Com feedbacks que muito me ajudaram no processo. Que me mostraram que eu tinha capacidade de fazer mais e melhor.

Em especial à Laíse, que segurou, literalmente, minha mão nas crises de ansiedade por achar que eu não ia conseguir e oferecer um “lugar seguro”.

À minha amiga Danusa, pelos incentivos e apoio neste processo de fazer.

Ao meu orientador, Marcelo, pela paciência e toda orientação neste um ano de projeto, sem ele este projeto não seria o mesmo.

À professora Chris, por sua coorientação, por sua disponibilidade em estar junto comigo nesta jornada dando orientações perfeitas.

À professora Raquel, por suas orientações na pré-banca e na banca, seus feedbacks sempre precisos.

À autora e ex-colega de setor no Grupo Record, Ana Rosa, agradeço imensamente por sua leitura sensível do trabalho, por suas orientações mais que pertinentes e seu carinho. A melhor que temos.

Por último e não menos importante, a Deus.

INTRODUÇÃO

O que é a leitura senão um bem imaterial importantíssimo para o desenvolvimento do intelecto humano? Praticamente tudo que é feito no dia a dia envolve a leitura, seja no rótulo de um alimento, em uma mensagem de texto recebida pelo whatsapp, no letreiro do ônibus, nas placas espalhadas pela rua, no mercado, etc. A leitura desenvolve seres críticos, aptos a opinar sobre qualquer assunto e capazes de lutar por seus direitos. Indo mais além, permite a viagem entre o possível e o impossível. E conhecer outros mundos é o que ela concede a quem se aventurar em seus caminhos. Ler é ser parte da história, é receber e dar contribuições imagéticas que a enriquecem ainda mais, fazendo do leitor um co-autor da história lida. Amaury Veras Neto (2015), a partir dos escritos de Barthes (2013) nos diz que a literatura

:

(...) nos faz sair, transcender a realidade e questionar o mundo com outros olhos - olhos humanizados pela literatura, olhos que saíram do mundo-agora e estão noutros lugares livres das forças que nos impulsionam a ser o mesmo. “Deslocando-se”; transportando-se – às vezes precisando nos abjurar do que já dissemos – para lugares diferentes do poder “gregário” e “opressor”. (NETO, 2015, p. 21)

O objetivo deste trabalho de conclusão é o projeto gráfico de livro ilustrado infantojuvenil do conto *A Floresta Secreta*, escrito e ilustrado pela autora do projeto. Neste momento não há a intenção de publicação do livro, pois após a conclusão deste projeto o conto continuará sendo escrito. Logo, todas as especificações do projeto foram pensadas para um exemplar apenas.

Como a compreensão da história depende totalmente da narrativa textual, o livro é indicado para crianças entre 10 e 12 anos, que já dominam bem a leitura. E por se tratar de um livro com classificação livre, a história não contém nenhum elemento inapropriado para leitores abaixo de 18 anos. Não impedindo que sua leitura seja feita por e para todas as idades.

O conto traz três importantes temas que são abordados de maneira bem sutil pela narrativa textual e visual. 1) Personagens negras. 2) Personagens LGBTQs. 3) O desmatamento. Estas temáticas são urgentes e necessárias no momento em que a sociedade global vive.

Toda história, e não somente ela, conta com um elemento sempre presente e importante: a narrativa. Uma ferramenta utilizada na contação de histórias, passadas de geração em geração para a continuidade das culturas e dos povos. Muitos teóricos se debruçaram sobre o assunto e nos permitiram tomar consciência de que a narrativa está presente até onde não damos conta. Um exemplo disto está nos estudos de Carl Gustav Jung (1984) sobre os sonhos, que segundo suas percepções, há uma certa organização/estrutura. Além de Jung, outros autores foram consultados e a partir dos estudos realizados por eles veremos algumas estruturas narrativas que se comportam de modo bem simples e objetivo como a narrativa de três atos.

Sophie Van der Linden (2011) é uma autora com grande relevância na construção deste projeto e a partir de suas percepções será possível entender sobre o desenvolvimento de um livro ilustrado e as diferenças que existem entre livro ilustrado, livro com ilustração, livro-imagem. Este trabalho conta também com a contribuição de alguns artigos e monografias que baseiam-se no livro *Para ler o livro ilustrado*, publicado em 2011 por Sophie Van der Linden.

Para que haja uma melhor execução de um projeto é necessário o mínimo de organização e planejamento, e desta forma se chegará ao objetivo: uma melhor solução para um dado problema. A execução desse projeto se dará com base na metodologia apresentada por Maria Luísa Peón em seu livro *Sistemas de identidade visual* (2003). Como o próprio título do livro já expõe, trata-se de um método elaborado para o desenvolvimento de identidade visual com todos os seus desdobramentos. Entretanto, a base dessa metodologia pode ser utilizada para elaboração de qualquer projeto, não só de design certamente, e adaptada para a realidade de cada problema a ser solucionado.

“É a metodologia projetual que, se não garante necessariamente boas soluções para todas as questões expostas aqui, com certeza ajuda a organizar as tarefas necessárias a boas soluções.” (PEÓN, 2003, p. 9)

No caso deste projeto utilizaremos as seguintes fases mencionadas por Peón: fase A – Problematização; fase B - Concepção; fase C - Especificação. Deste modo, cada fase tem suas etapas a serem concluídas para que se chegue ao objetivo final: o livro impresso. A seguir o detalhamento de cada fase.

Fase A – Problematização. Na fase inicial é realizado um diagnóstico da situação do trabalho tendo as seguintes etapas: levantamento de dados; estabelecimento de requisitos e restrições.

Fase B - Concepção. Tendo recolhido os dados necessários na etapa anterior é o momento de definir as soluções a partir das diversas alternativas geradas nas seguintes etapas: geração de alternativa; definição do partido; solução preliminar; validações; solução.

Fase C - Especificação. Chegando a fase final do projeto, agora é só realizar as etapas finais que são: detalhamento técnico; seleção final das aplicações; elaboração de arte finalização.

A metodologia é o conjunto e a ordenação de procedimentos para a realização de um dado objetivo - ou seja, o conjunto de métodos utilizados, bem como o estudo e análise destes métodos. A metodologia é, assim, uma ferramenta para o desenvolvimento de um objetivo - e não o objetivo em si mesmo. Por isso, ela deve servir como um auxiliar para resolver os problemas, e não se configurar como um problema. (PEÓN, 2003, p. 50)

Por fim, mais do que entregar o produto livro ilustrado, o propósito é produzir e estimular a construção de narrativas infantojuvenis inclusivas e questionar a predominância do homem branco cis hétero no fazer literário. Por isto há uma grande importância em entregar uma história em que personagens, que muitas vezes são excluídos, possam estar em situações “normais” sem preconceitos, sem sofrimentos por serem quem são. Apenas vivendo coisas que poderiam acontecer com qualquer outro tipo de personagem e despertar nos leitores a sensação de representatividade.

CAPÍTULO 1 - EMBASAMENTO TEÓRICO

1.1. NARRATIVA

O que é narrativa? Parece um tanto clichê iniciar este estudo utilizando este questionamento, todas as respostas, entretanto, só existem porque alguém se perguntou a respeito de algo. Podemos nos questionar ainda mais. Onde a encontramos? Qual o seu objetivo?

O dicionário do Google vai definir a palavra “narrativa”, como:

1. ação, processo ou efeito de narrar; narração;
2. exposição de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos mais ou menos encadeados, reais ou imaginários, por meio de palavras ou de imagens;
3. conto, história, caso.

Como bem definiu o dicionário do Google a narrativa é a ação de relatar, contar como ocorreu um fato ou vários, sendo eles verdade ou pura imaginação. Um pouco mais além da definição trazida do Google, veremos alguns autores mais à frente com definições mais profundas acerca da narrativa.

Podemos trazer a narrativa como atividade presente em culturas que utilizavam-a como meio de manter vivas suas histórias. E não tendo suporte físico, exemplo papel, como opção de armazenamento destas histórias os povos mantinham a tradição da oralidade. Elas eram sempre contadas de geração em geração como forma de garantir o seu não esquecimento. E mesmo tendo o acesso ao papel, esta tradição se mantém até hoje em muitas culturas.

A narrativa está em muitos lugares. Nas escolas, principalmente na educação infantil, onde as crianças recebem estímulos dos professores para de modo colaborativo criar histórias partindo de um tema ou objeto ou imagem. Dali saem histórias com início, meio e fim. E esta estrutura narrativa simples, é encontrada em muitos livros e filmes. Podemos citar Syd Field como um adepto da estrutura de 3 atos. Em seu livro “Manual do roteiro” utiliza a estrutura para ensinar aos roteiristas iniciantes o ofício de forma bem simples e didática.

Se o roteiro é uma história contada em imagens, então o que todas as histórias têm em comum? Um início, um meio e um fim, ainda que nem sempre nessa ordem. Se colocássemos um roteiro na parede como uma pintura e olhássemos para ele, ele se pareceria com o diagrama da página 13. (FIELD, 2001, p. 12)

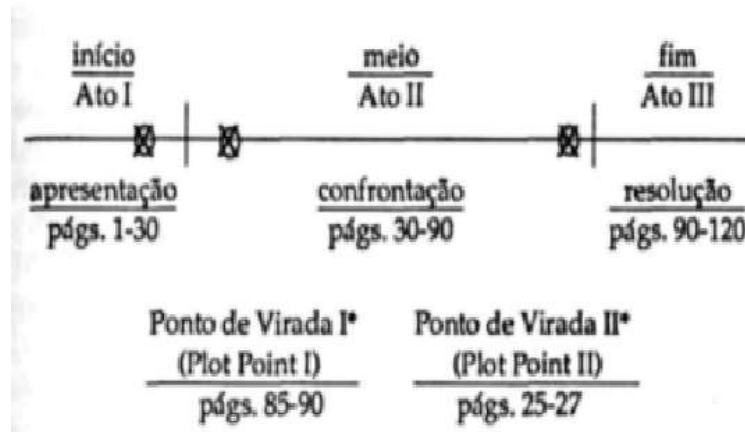


Diagrama apresentado por Syd Field no livro Manual do roteiro (2001). (Fonte: autor)

Podemos dizer que a estrutura de 3 atos nasce a partir dos escritos de Aristóteles aproximadamente no ano 335 a.C. Pois deles surgem os primeiros estudos sobre o tema com base na Poética de Aristóteles (1992 apud VIEIRA, 2001). Seus estudos foram tão aprofundados, de modo que serviram e servem como referência para estudos sobre narrativa. Bremond (1966 apud VIEIRA, 2001) é quem, a partir de uma acentuada revisão nos estudos de Propp sugere um novo modelo de estrutura em 3 partes, em ordem cronológica, onde um evento 1º começa, 2º se desenvolve e 3º termina. Ou seja, início, meio e fim, como vimos antes do diagrama de Field.

Adam também define a estrutura da narrativa como sendo uma tríade e acredita que esta estrutura precisa mais que uma união lógica dos acontecimentos, é necessário que aconteça uma transformação na sequência narrativa.

Vimos que o reagrupamento de proposições narrativas em tríades imbricadas constituem grupos de funções. São estes grupos de proposições organizadas em ciclos que formam as sequências narrativas. Para que um grupo de proposições narrativas forme uma sequência é preciso não somente que um mesmo ator as unifique atravessando-as, mas também que haja uma transformação. (ADAM, 1985, p. 54. Apud VIEIRA, 2001).

Logo, a estrutura narrativa, segundo Adam (1985 Apud VIEIRA, 2001), se dará da seguinte forma:

1. Situação inicial (Universo Perturbado - falta);
2. Transformação (Mediação - prova);
3. Situação Final (Universo Restabelecido - falta corrigida).

Jung (1945/1984 apud VIEIRA, 2001) retoma o conceito de drama, vindo de Aristóteles, em seus estudos com sonhos. Em muitos deles nota a existência de uma sequência narrativa com 4 pilares. A primeira fase dos sonhos é chamada por Jung de *Exposição*, aqui o lugar da ação, personagens e situação inicial do drama são expostos. A segunda fase é o *Desenvolvimento* da ação, onde há uma tensão por não haver conhecimento do que virá pela frente. A terceira fase, chamada de *Culminação* ou *Peripécia*, apresenta algo que pode mudar completamente a situação. E por fim, a quarta e última fase, a *Lise, Solução* ou *Resultado*, neste momento a trama desenrolada ao longo do sonho é resolvida.

Labov e Waletzky (1967 apud VIEIRA, 2001), utilizaram a narrativa oral de adultos e crianças de diversas culturas como objeto de estudo. A partir delas, Labov define a narrativa como uma forma de continuar passando as experiências de geração em geração. Ele ainda aponta duas funções fundamentais exercidas pela narrativa: 1) de referência, indicando lugar, tempo, personagens, onde e como os fatos ocorreram; 2) de avaliação, onde a narrativa tem o objetivo de passar alguma lição ou moral ao ouvinte aplicando algum ensinamento. A estrutura narrativa segundo Labov e Waletzky é composta de *orientação, complicação, ação ou avaliação, resolução, conclusão* ou *moral*.

Todos os autores mencionados anteriormente têm em comum os estudos baseados em Aristóteles e uma visão de estrutura narrativa bem simples e objetiva, dividida em no máximo 5 partes. Os estudos acerca da estrutura narrativa vão muito mais além, este estudo, entretanto, limita-se a debruçar-se sobre as estruturas acima expostas. Pois elas serviram de referência para a construção da história *A floresta secreta*, que mais a frente veremos.

1.2. O GÊNERO CONTO

1.2.1. Origem dos contos

A palavra “conto” é definida pelo dicionário do Google de dois modos: 1) LITERATURA. Narrativa breve e concisa, contendo um só conflito, uma única ação (com espaço ger. limitado a um ambiente), unidade de tempo, e número restrito de

personagens; 2) relato intencionalmente falso e enganoso; mentira, embuste, treta.
Segundo Massaud Moisés (2006)

A palavra 'conto' possui, em vernáculo, as seguintes acepções: 1) número, cômputo, quantidade: 'Um conto de réis'; 'Um sem conto de soldados'; 2) história, narrativa, historieta, fábula, 'caso'; embuste, engodo, mentira ('conto-do-vigário'); 3) extremidade inferior da lança, ou do bastão: 'E, dando uma pancada penetrante, / Co conto do bastão, no sólio puro' (Os Lusíadas, 1, 37). (MASSAUD, 2006, p.29)

Tanto a definição 1 do Google, quanto a definição 2 de Massaud referem-se ao conto como literatura e segundo ele, há outras definições menos prováveis. Elas, porém, acrescentam hipóteses que se aproximam da condição do conto enquanto elemento pertencente à prosa.

(...) a origem remontaria ao lat. *commentu* ('invenção', 'ficção'). Admite-se também que o vocábulo 'conto' seria deverbal de *contar*, derivado do lat. *computare*. Na Idade Média, significou inicialmente 'enumeração de objetos', passando com o tempo a 'resenha ou descrição de acontecimentos', 'relato', 'relato de coisas verdadeiras', 'enumeração de acontecimentos', 'narrativa'. (MASSAUD, 2006, p.29)

Segundo, MASSAUD (2006) o termo “conto”, passa a ter mais autonomia a partir do século XVI, com o surgimento do primeiro contista chamado Gonçalo Fernandes Trancoso, autor dos *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo* (1575) e em seguida com *Corte na Aldeia* (1619), de Francisco Rodrigues Lobo. Daqui para frente o vocábulo “conto” não perderia sua denotação literária. Mais à frente, no século XVIII o termo é confundido com “novela” e “romance” por conta do seu sentido variado, sendo ainda considerado pejorativo.

“Ao longo do movimento romântico, empregava-se o vocábulo ‘conto’ no sentido de narrativa popular, fantástica, inverossímil.” (MASSAUD, 2006, p.31) Por conta disto muitos autores preferiam classificar suas obras como “novela” ou “romance”, mesmo tendo a estrutura de um “conto”. Autores hoje bem conhecidos por seus contos, como Poe, passaram por este momento de “pré-conceito” com o uso do termo.

Só no século XIX, com a chegada do realismo que o termo passou a ser amplamente utilizado até os dias de hoje. E mesmo com esta “aceitação” do vocábulo, houveram autores que continuaram evitando seu uso. Este foi o caso de Machado de Assis, que não utilizou o termo na maioria de suas coletâneas do

gênero: *Histórias da Meia-Noite* (1873), *Papéis Avulsos* (1882), *Várias Histórias* (1896), *Páginas Recolhidas* (1899).

Sobre sua origem, “é difícil precisar (...) Tão antiga é sua prática que nos autoriza imaginá-lo, em seu berço de origem, contemporâneo, ou mesmo precursor, das primeiras manifestações literárias, ao menos a de caráter narrativo.” (MASSAUD, 2006, p.32) Segundo ele, algumas teorias foram levantadas a respeito do surgimento dos contos, desde os Irmãos Grimm e posteriormente Max Müller relacionando os contos com os mitos arianos difundidos na pré-história Indiana. Passando por Andrew Lang defensor do conto como anterior ao mito e de surgimento simultâneo em diversas culturas geograficamente distantes. Chegando a Propp apontando o conto maravilhoso como uma superestrutura, que quando analisada é possível “(...) reconhecer sinais dos modos de produção e dos regimes políticos (sistema de clãs) que assistiram ao seu imemorial aparecimento.” (MASSAUD, 2006, p.32) Existe ainda, a crença, por parte de alguns estudiosos, que os contos tenham surgido há milhares de anos antes de Cristo, apontando alguns episódios bíblicos como exemplo.

Segundo MASSAUD (2006), nos séculos XVI e XVII, na Itália, Espanha e França o conto tem seu florescimento através de grandes autores. No século XVIII vemos uma aparente apatia por consequência de um ambiente onde somente a poesia e a prosa doutrinária se desenvolveram. Sobretudo, no século XIX, finalmente, evolui de tal forma que passa a ser considerado um produto da literatura, deixando a forma simples e tomando a forma artística. Ainda na metade deste mesmo século a publicação de contos aumenta bastante e divide com o romance os dias de glória e até hoje é um gênero amplamente utilizado. Um exemplo disto são os milhares de contos que podemos encontrar em sites, blogs especificamente para isto. Onde o leitor pode encontrar os mais diversos tipos de contos, desde um romance à uma ficção científica.

Sobre sua estrutura podemos dizer que em comparação com um romance, o conto é curto e tem algumas delimitações que fazem a narrativa ser um conto. Por ser breve, ele precisa ter menos personagens e girar em torno de um único conflito. Enquanto no romance é possível criar um enredo com várias ações e personagens ao mesmo tempo. O espaço do conto ou cenário acontece geralmente em apenas um local físico (uma rua, sala, escritório, quarto, etc.) ou mental por não ter este tempo hábil para descrever ao leitor.

E quando isso ocorre, de duas uma: ou a narrativa tenta abandonar sua condição de conto, ou o deslocamento advém de uma necessidade imposta pelo conflito que lhe serve de base, constituindo a preparação da cena, busca de pormenores enriquecedores da ação, etc. Nessa alternativa, o espaço ocupado pelas personagens antes do lugar onde se desenrola a cena principal é dramaticamente neutro ou vazio, espaço-sem-drama, ao passo que o outro é espaço-com-drama. (MASSAUD, 2006, p.41)

O conto escrito para criação deste projeto, o livro ilustrado, no que tange o espaço/cenário conta com dois e justamente acontece isto por ter o segundo cenário como o principal, onde vai se desenrolar de fato a história. E Massaud bem explicita o porquê deste recurso na citação acima.

A história pode ser contada por três tipos possíveis de narrador. O narrador em 1ª pessoa, que está inserido na narrativa como um personagem principal ou secundário. O narrador observador, que não está inserido e nem conhece o passado e futuro ou pensamentos das personagens, apenas relata o que está vendo em 3ª pessoa. E por fim o onisciente, que difere do observador apenas pelo fato de conhecer a linha temporal e os pensamentos das personagens. Massaud nos diz que para melhor compreender o gênero conto:

(...) é preciso levar em conta que os seus ingredientes convergem para o mesmo ponto. A existência de uma única ação, ou conflito, ou ainda de uma única "história" ou "enredo", está intimamente relacionada com a concentração de efeitos e de pormenores: o conto aborrece as digressões, as divagações, os excessos. Ao contrário: cada palavra ou frase há de ter sua razão de ser na economia global da narrativa, a ponto de, em tese, não se poder substituí-la ou alterá-la sem afetar o conjunto. Para tanto, os ingredientes narrativos galvanizam-se numa única direção, ou seja, em torno de um único drama, ou ação. (MASSAUD, 2006, p.41)

1.2.2. Conto *A Floresta Secreta*

A narrativa deste conto foi estruturada em 3 atos, onde a primeira parte apresenta brevemente a atmosfera da história e as personagens, focando em Flora, a protagonista. Na segunda parte temos o conflito geral: Flora se perde na floresta. E os conflitos secundários que formam o conflito geral: 1) Desconfiança e ferocidade dos animais da floresta; 2) Guardiã da floresta, desconfiado se recusa a ajudar Flora a encontrar seus pais. Na terceira e última parte temos a resolução. O

Guardião da floresta finalmente confia em Flora e decide ajudá-la a chegar até seus pais em segurança.

A história se passa em uma Terra do futuro, em que as cidades tomaram quase que por completo o planeta e as florestas foram extintas. Os animais que não foram mortos pelo desmatamento, foram extintos por caçadores, restando apenas alguns poucos em pequenos pedaços de floresta entre as cidades que ainda são secretos. Flora, uma doce e curiosa menina, filha adotiva de Samuel e Zoe (pais gays), descobre nos pertences antigos de seu falecido avô Lorenzo, pai de Samuel, um mapa para uma floresta secreta. E com ajuda e companhia de seus pais parte para uma grande aventura. Nesta floresta, eles vão encontrar com seres nunca vistos por sua geração e será preciso muita coragem para superar os desafios que este lugar tem guardado.

A história traz como tema/conceito desmatamento e extinção de animais, curiosidade, confiança e desconfiança, medo, alegria, euforia, solidão, personagens LGBTQs, personagens negras. O propósito é tratar estes temas/conceitos com uma linguagem fácil, simples e trazer o leitor para dentro do universo da história.

A ideia desta história nasceu em um momento corriqueiro do dia-a-dia e foi anotada num bloco de notas do celular, como algumas outras também. E antes desta ser escolhida outras foram cogitadas. Porém esta parecia mais adequada, pois é um projeto de classificação livre, ou seja, todos podem ler sem restrição. Como é um projeto gráfico de livro, e não um projeto de escrita, a história precisava estar pronta para que a parte gráfica pudesse ser desenvolvida. Por isso a história foi fechada exclusivamente para este livro, mas não está totalmente concluída e continuará sendo escrita após a conclusão do projeto.

1.2.2.1. Cenários

A trama se passa em dois cenários. Começa na cidade, onde moram Flora e seus pais Samuel e Zoe e se desenrola por completo na floresta secreta.

A cidade. Muitos prédios grandes e cinza, todas as ruas são pavimentadas, muitos carros que não poluem o meio ambiente (depois de quase acabar com o planeta, a humanidade se viu obrigada a desenvolver meios de viver com mais

consciência ou morreriam). As poucas árvores que há pela cidade, foram criadas em laboratórios.

A floresta secreta é uma floresta tropical, onde a fauna e a flora estão intactas. Há todos os tipos de árvores, frutíferas e não frutíferas, plantas, arbustos, grama, etc. Os animais, diversos, vivem em harmonia e protegidos de qualquer ameaça humana.

1.2.2.2. Personagens

Flora (protagonista)

Uma menina de 8 anos, negra de pele clara, olhos castanhos escuros, um super black power laranja e 1,16m de altura. Muito meiga, curiosa, corajosa e apaixonada por tudo que fale sobre as florestas e os animais que já existiram no planeta. Seu maior sonho é conhecer uma floresta de verdade, sentir o cheiro que tem a terra e as árvores e ver os animais de pertinho, mas isto é impossível pois foram extintos. Suas matérias favoritas na escola são geografia e biologia e se tudo der certo, será uma cientista bióloga como seus pais e avô. Seu cabelo laranja se deve a uma mutação genética resultante do processo somatório dos materiais genéticos de Samuel e de Zoe.

Seu pai Samuel lhe dá uma caixa com pertences de seu avô Lorenzo e muito animada com o presente, investiga cada item da caixa. Havia livros, fotos, papéis rabiscados e um pequeno pendrive que continham alguns arquivos e vídeos feitos por seu avô. Muito inteligente e determinada, consegue desvendar um grande mistério: um mapa para a floresta secreta que seu avô menciona nos livros e vídeos. E assim convence toda a família a sair de sua cidade em uma grande aventura em busca desta floresta secreta.

Guardião da floresta

Um ser mágico com uma voz rouca e grave que intimida qualquer um à sua frente. Não se sabe ao certo sua idade. Mede 2,33m de altura, bem peludo, ao seu redor há pequenas faíscas que o iluminam. Luzes de diferentes cores: azul, verde,

amarelo, vermelho, laranja... Como um arco-íris. Esta aura colorida em volta dele são os espíritos dos outros guardiões que o acompanham.

Ele não era apenas ele, mas a força e memória de todos os seus ancestrais. Trazia em si as dores, lutas e superações que marcaram as gerações anteriores. Sempre a espreita, vigilante, com muita sabedoria e justiça carregava a responsabilidade de afastar tudo o que pudesse ameaçar a vida daquele lugar. Com isso, a solidão virou sua maior companhia desde muito novo, quando começou a percorrer a pequena floresta para guardá-la.

Dentro de todo grupo há aqueles que se destacam como líderes e protetores naturais de seu grupo. Assim era com os guardiões, que durante muitas gerações protegiam a floresta secreta. Passaram por muitas batalhas com os seres humanos, o que dizimou grande parte do grupo. Além de força, os guardiões tinham algumas tradições que passavam de geração em geração. Como manter viva a memória de cada guardião, não apenas para ser lembrado, mas para ter acesso a informações importantes que eram cruciais para a sobrevivência deles. Quando um dos ancestrais estava pronto para se juntar ao espírito da floresta eles se reuniam e realizavam rituais que passavam os poderes e as memórias para os que ficavam. Assim foi acontecendo até que restou apenas um guardião.

Samuel e Zoe

Samuel e Zoe, pais de Flora, são um casal gay que sempre amaram à natureza, os animais, piqueniques no parque artificial próximo de casa. Sentiam que faltava algo para completar aquela família de dois, quando então decidiram ter a pequena Flora através de um programa de desenvolvimento de bebês em laboratório. Neste programa os pais davam seus materiais genéticos e o bebê era desenvolvido no laboratório em uma barriga artificial. Eles tinham um aplicativo onde podiam falar e ver imagens do bebê em desenvolvimento até o dia de seu nascimento.

Eles eram grandes defensores do Planeta e trabalhavam no LEPFF - Laboratório de Experimento e Preservação da Fauna e Flora do Regional VIII, cidade onde moravam. Lá eles cultivavam as poucas espécies de flora que sobreviveram aos grandes desmatamentos. Realizavam muitos estudos e experimentos para um dia possivelmente reconstruir parte dos biomas.

Samuel, 37 anos, 1,87m de altura, negro de pele escura, magro, cabelo preto pequeno e enroladinho, olhos castanhos escuros, impaciente, fechado, tímido. Teve muita dificuldade para lidar com a morte de seu pai, o biólogo Lorenzo.

Zoe, 35 anos, 1,74m de altura, negro de pele clara, magro, cabelo castanho escuro médio e ondulado, olhos castanhos escuros, paciente, extrovertido, calmo e possuía uma ligação muito forte com Flora.

1.2.2.3. Personagens negras e LGBTs na literatura

Durante muitas décadas a literatura brasileira foi no mínimo displicente com o público negro e LGBT, infantil e adulto. Tanto em não publicar autores negros e LGBTs como em não retratá-los de modo digno ou simplesmente nem citá-los nas histórias. Há poucos anos atrás estes grupos de pessoas eram retratados de modo bem pejorativo, distante da realidade, o que ao invés de criar representatividade, alargava ainda mais o preconceito. Até os dias atuais estes grupos sofrem com a pouca representatividade no mercado literário. E mesmo com o aumento de publicações com estas personagens, ainda é baixo em comparação com as publicações brancas e heteronormativas.

Esta ausência se dá também nas políticas públicas de distribuição de livros paradidáticos, que apresenta uma baixa ou quase nula participação de narrativas compostas por autores e personagens negras e LGBTs. Isto é extremamente problemático e perigoso e por mais que pareça óbvio o porquê, não é. Ainda é preciso explicar, exaustivamente, o quanto é necessária a inclusão desse grupo de pessoas em todos - TODOS - os campos da sociedade. E que para não haver diferenças/discriminação é preciso incluir de verdade, não simplesmente cumprir cota por obrigação.

Na pesquisa realizada por James Rios de Oliveira Santos & Altamir Botoso (2021) tendo como objeto de estudo os editais do PNBE de 2011 e 2013, é possível constatar esta discriminação, não somente racial, dentro da literatura brasileira. Segundo eles "...as narrativas do PNBE (2011 e 2013) são brancas e predominantemente masculinas." E podemos constatar esta afirmativa nos números obtidos por eles. Em 2011 foram 69 escritores homens e somente 36 mulheres escolhidos para compor os textos narrativos do PNBE. Isto representa em

porcentagem 63,9% de escritores do sexo masculino, enquanto 33,3% são do sexo feminino. Já em 2013 esses números tiveram um aumento, foram 93 homens e 46 mulheres com textos contemplados no PNBE, ou seja, 66% de escritores homens e apenas 32,6% mulheres.

É um tanto contraditório ter dito, há dois parágrafos atrás, que o entendimento da importância da inclusão não é óbvio. Pois mesmo com o aumento de informações sobre o assunto, vemos os números de discriminação aumentarem. Ou seja, esta questão vai muito mais além da obtenção de informações disponíveis. E talvez seja óbvio sim, entretanto, grande parte dos seres humanos simplesmente ignoram. Preferem, eles, dar continuidade ao legado de uma sociedade arcaica e desumana, arraigada de preconceitos. Enfatizando que “(...) ser negro no Brasil é ser violentado por uma dupla injunção: a de ser empurrado a encarnar o corpo e os ideais de ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro.” (SANTOS Apud BENTO 2011).

Ainda nos resultados da pesquisa de SANTOS & BOTOSO (2021), os números em relação a raça dos escritores selecionados para o PNBE 2011 e 2013 não foram muito longe dos apresentados sobre o sexo. O edital de 2011 contou com 3 escritores negros e 1 mestiço, (somando 3,7%), e 93 escritores brancos, acumulando um total de 86,1% dos selecionados. No edital de 2013 não mudou praticamente nada em relação a 2011. Foram 4,2% de escritores negros e mestiços e 83,7% de escritores brancos. Vale destacar que as obras selecionadas pelo PNBE foram 150 em 2011 e 180 em 2013.

A ausência do(a) negro(a) enquanto escritor(a) de narrativas infantojuvenis selecionadas pelo PNBE é, portanto, uma realidade. E sendo uma realidade registrada por meio de números, observa-se, mais uma vez, a presença hegemônica de escritores brancos a compor os acervos de ambos os editais. Nesse contexto, o racismo só pode ser atestado através do buraco da fechadura, pelas fissuras do silêncio, que naturalizam as quase ausências como se elas obedecessem à ordem natural das coisas. Em outras palavras, isso significa que a baixa representatividade nos acervos é, quase sempre, tão somente observada pelo crítico que enseja compreender a dinâmica funcional do racismo em programas de leitura do que, efetivamente, por aqueles que gerenciam tal programa. (SANTOS & BOTOSO, 2021, p.128).

Segundo Gabriel Matheus Bernard Baum (2021), as práticas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2020 não se mantiveram distantes das adotadas nas edições do PNBE, extinto em julho de 2017 e inserido no PNLD. Pouquíssimos

livros com temáticas negras e LGBTs foram introduzidos no programa. “Analisando as resenhas dos livros foi possível encontrar poucos livros que abrem margem para tratar da diversidade sexual e de gênero, e estão somente na categoria de livros do 8º e 9º ano”. (BAUM, 2021, p.33) E os que tratam do tema LGBT, por exemplo, são tardiamente inseridos no currículo escolar.

No edital de 2022 houve um grande retrocesso em comparação com o edital de 2020, que ainda havia uma pequena abertura para tratar dos temas. Como diz Baum (2021, p 32):

As obras do programa também não devem possuir doutrinação religiosa, política ou ideológica, e devem respeitar o caráter laico do país, assim como a autonomia do ensino público, ainda é levantada a necessidade de representar a “diversidade cultural, social, histórica, econômica, as diferenças sociais e culturais, além da promoção de condutas voltadas à cidadania e respeito às diferenças.

Já no edital 2022 não há qualquer preocupação em trabalhar as temáticas negras e LGBTs. E sim deixar claro, por meio do silêncio, que elas não precisam ser inseridas nas escolas.

(...) o documento não cita nenhuma vez os temas sobre sexualidade e os conflitos da adolescência, não fala em nenhum momento sobre a valorização da cultura, história e identidade afro-brasileira. No entanto, o edital acrescenta a importância de valores cívicos e patriotas, além de ressaltar a todo momento o caráter pedagógico das obras. (...) também, não faz menção aos livros estarem livres de doutrinas religiosas (...) (BAUM, 2021, p. 37)

A representação de pessoas negras nas histórias, não apenas na literatura, ainda não ocupa tantos espaços de protagonismo. A personagem negra ainda ocupa majoritariamente os papéis estereotipados ou de coadjuvante: o motorista, a garçonete, o ladrão, o preso, a doméstica, a babá. Por que não o empresário, a cantora famosa, a cientista?

Um bom exemplo (ou um péssimo exemplo) das representações coadjuvantes ou estereotipadas podem ser encontradas em publicações muito notórias como em *Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato (1931). Onde Tia Nastácia, vista como uma serviçal de família branca é tida como a “*negra de estimação que carregou Lúcia em pequena*”. Ou em *Histórias da tia Nastácia*,

publicada em 1937, onde é tratada de modo muito depreciativo pelas crianças como mostrado em alguns exemplos abaixo.

No capítulo IV, após contar a história de *A princesa ladrona*, Tia Nastácia é atropelada por Emília: “(...) só aturo essas histórias como estudos da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras — coisa mesmo de negra beijuda, como tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto...”.

No capítulo V - *O pássaro preto*, “(...) — disse Emília. — O que vale é que você mesma confessa não ter culpa das idiotices da história, senão eu cortava um pedaço desse beijo...”

Em *João e Maria*, capítulo XI, “(...) — O tal negro entrou aí — disse Pedrinho — porque no Brasil as histórias são contadas pelas negras, que gostam de enxertar personagens pretos como elas. Lá na Dinamarca Andersen nunca se lembraria de enxertar um preto porque não há pretos. Tudo gente loura.”

Já no capítulo XXIV - *O macaco, a onça e o veado*, Emília diz à Tia Nastácia: “— Bem se vê que é preta e beijuda! Não tem a menor filosofia, esta diaba. Sina é o seu nariz, sabe?”

Há muitos escritos acadêmicos acerca das ofensas, explícitas, a pessoas negras nas histórias de Monteiro Lobato. E como ele, há muitos outros autores, que não tiveram o menor apreço em desvalorizar a pessoa negra em suas narrativas. O que mais chama a atenção, é que são histórias para crianças. Nisto vemos como os adultos e suas falas têm total responsabilidade na formação de um indivíduo, seja para bem ou para mau. Desta forma o adulto que propaga o preconceito gera crianças preconceituosas, que conseqüentemente irão agir de igual modo com as crianças negras ao seu redor. E isto afetará de modo totalmente destrutivo o desenvolvimento da criança negra. Que verá em suas características motivo de desgosto, perdendo-se de sua identidade única e maravilhosa de pessoa negra. Logo, a criança branca crescerá com o sentimento de superioridade e a negra com o sentimento de não pertencimento, desejando possuir as características tidas como “certas” ou “padrão” advindas do corpo branco.

Provavelmente, a consciência que a criança adquire é de que seu corpo provoca essas rejeições, e essa percepção pode estabelecer uma relação ruim com esse corpo. (...) Dessa e de outras formas, o corpo negro passa a ser sentido como corpo que traz dor, corpo indesejado, que precisa ser

modificado. E, como corolário, coloca-se o desejo de ter um corpo branco, aquele considerado bonito, agradável. (BENTO, 2011, p.111)

A pesquisa *Personagens do romance brasileiro contemporâneo* desenvolvida pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea, coletivo de pesquisadores vinculado à Universidade de Brasília (UNB) e coordenado pela professora Regina Dalcastagnè, a partir do segundo semestre de 2003. Mostra quão grande é a discrepância na porcentagem entre autores e personagens brancos e negros no mercado literário brasileiro nos anos entre 1965 e 1979 e entre 1990 e 2014. Em que analisou 689 romances de autores brasileiros publicados pelas mais importantes editoras do país. Aqui nos atemos aos dados apontados na segunda e terceira fase da pesquisa, que foi publicada em 2021 por Regina Dalcastagnè no artigo intitulado *Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas: alterações e continuidades*.

Segundo DALCASTAGNÈ (2021, p.135-136) os resultados quanto às principais ocupações das personagens negras são: bandido/contraventor 12,9%; empregado(a) doméstico(a) 11,2%; escravo 9,4%; estudante 7,6%; profissional do sexo 6,5%; dona de casa 5,9%. Em contrapartida a estes resultados as ocupações das personagens brancas são as com mais prestígio perante à sociedade. Classes proprietárias e executivas, profissões liberais (médico, advogado, arquiteto etc.), estudante, dona de casa, professor, artista (teatro, cinema, artes plásticas, música, dança), escritor, profissional da imprensa. “O efeito de realidade gerado pela familiaridade com que o leitor reconhece o espaço da obra acaba por naturalizar a ausência ou a figuração estereotipada de mulheres, de negros, de indígenas e de outros estratos marginalizados.” (DALCASTAGNÈ, 2021, p.123). Além de o leitor não ver representatividade nestas literaturas, ele é discriminado por sua cor, sexo e orientação sexual sendo desestimulado a tornar-se aquele que vai tomar a voz e falar aos seus.

Aqueles que estão objetivamente excluídos do universo do fazer literário, pelo domínio precário de determinadas formas de expressão, acreditam que seriam também incapazes de produzir literatura. No entanto, eles são incapazes de produzir literatura exatamente porque a definição de “literatura” exclui suas formas de expressão. Ou seja, a definição dominante de literatura circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros. (DALCASTAGNÈ, 2021, p. 112)

Um livro bom é aquele que consegue prender a atenção do leitor, que provoca uma imersão natural. Para isto acontecer, de alguma forma o leitor se identificou, seja por aproximação de sua realidade com a história ou por idealização de si mesmo ou de outrem, com elementos da narrativa. No entanto, “(...) os números indicam, com clareza, o perfil do escritor brasileiro. Ele é homem, branco, aproximando-se ou já entrado na meia-idade, com diploma superior, morando no eixo Rio-São Paulo.” (DALCASTAGNÈ, 2021, p. 121). Em outra publicação anterior, sobre a mesma pesquisa, (DALCASTAGNÈ, 2011, p. 15) no diz que “Os lugares de fala no interior da narrativa também são monopolizados pelos homens brancos, sem deficiências, adultos, heterossexuais, urbanos, de classe média...”

Entre as personagens homossexuais, há uma nítida predominância de personagens do sexo masculino (78,8%), mas as bissexuais são majoritariamente do sexo feminino (58,8%). Dir-se-ia que é um reflexo, na literatura, de fantasias masculinas, mas cabe observar que a disparidade é maior ainda entre as personagens de escritoras mulheres. E, ao contrário do que se poderia esperar, dada a crescente visibilidade das lutas LGBT no país e no mundo, as proporções não são significativamente diferentes daquelas encontradas nas personagens dos romances publicados entre 1965 e 1979, entre as quais 88,8% são heterossexuais, enquanto homossexuais e bissexuais ficam com 2% cada. (DALCASTAGNÈ, 2021, p. 126)

Se a maioria das histórias são escritas e interpretadas por homens brancos e heterossexuais, onde o leitor negro e ou LGBT se encaixa? Principalmente se for pobre. Onde estão os autores e autoras negras e LGBTs? Felizmente, temos visto crescer o número de novos escritores defensores das pautas minoritárias. Importante mencionar, mesmo que brevemente, a luta de algumas pequenas editoras que têm se dedicado, especificamente, a publicar autores negros, mulheres, LGBTs e tem feito a diferença em colocar estas vozes em evidência no mercado literário.

E todo ser humano precisa de referências na infância, precisa se sentir representado de alguma forma por aquela personagem encontrada nas histórias, seja em filmes, desenhos ou livros. Dessa forma ele poderá encontrar soluções para assimilar melhor sua identidade. O ato de ser, existir é complexo e envolve muito mais do que simplesmente estar num espaço físico. Aqui nem menciono crenças espirituais, mas o conjunto de condições físico-mentais que constroem o ser

humano. Se compararmos os livros publicados, por exemplo, de 2003 pra cá, que colocam a criança negra e ou com uma família composta, por exemplo, por dois pais ou duas mães e ou ainda como ela sendo LGBT com os períodos anteriores, veremos que praticamente não existiam. Porém ainda não é o suficiente.

É apenas nas últimas décadas, especialmente a partir da alteração dos artigos 26A e 79B da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, por meio da Lei 10.639/2003, que conseguimos captar, no mercado editorial brasileiro, mais obras literárias que expressam representações humanas de modos mais plurais, seja na ilustração ou no texto verbal. (SOUZA & ARAÚJO, 2020, p.199)

E mesmo com o aumento das publicações literárias que abordam, de alguma forma, a identidade de gênero, precisamos abrir um parêntese para falar sobre nossa sociedade. Que vê de modo muito errôneo e preconceituoso a relação entre infância e construção do ser quanto a sua identidade, não somente racial, mas também de gênero e orientação sexual. Ora, se já é um grande problema o respeito para com pessoas LGBTs adultas e que respondam por si, imagina quando é proposto falar sobre o assunto com nossos pequenos. Isto é um grande retrocesso, pois, no mínimo, além de formar seres com o pensamento limitado quanto à pluralidade, impede que aqueles que logo cedo já se percebem não pertencentes ao sistema de gênero construído e imposto pela sociedade, possam lidar melhor com o seu “eu”.

Na literatura infantil, geralmente, as personagens possuem características bem marcadas. As meninas/mulheres são tratadas como frágeis, delicadas, que precisam ser salvas a todo tempo, responsáveis pelos afazeres de casa. Já os meninos/homens são fortes, barulhentos, aqueles que vão salvar todas as donzelas, provedores, corajosos. “Essas narrativas estereotipadas acabam por espelhar o que socialmente definimos como identidades masculinas e femininas” (PIRES, 2009 Apud BARBOSA 2016, p. 15). E as personagens, tanto feminino quanto masculino, que saem um pouquinho destes papéis de gênero são tachados como vilãs ou marginalizadas na história.

Em 2019, um vídeo bem repercutido nas redes sociais mostra a atual ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, rodeada por algumas pessoas e profere a seguinte frase: “Menino veste azul e menina veste rosa”. Será apenas utilizada, esta fala da ministra, como exemplo e não há o objetivo de

aprofundar neste assunto. Este episódio ilustra muito bem o pensamento do adulto conservador, defensor dos bons costumes e da moral. Mas o que é bom costume e moral para eles?

Como dito no tópico anterior, o que os adultos falam tem muito influência na formação dos pequenos. E de igual forma a literatura tem um papel significativo no desenvolvimento identitário dessas crianças. E se ela expressa que há apenas “tal forma de ser”, como ficam os que são diferentes?

Diante disto, muitos autores sensíveis à necessidade de diversidade na literatura, seja racial ou de gênero, começaram a produzir narrativas que desempenham o papel de acolhimento para as crianças de famílias formadas por dois pais ou duas mães ou elas próprias sendo LGBTs. E também gerar empatia naquelas que não se identificam, mas precisam conhecer e respeitar.

Barthes (2013 Apud NETO, 2015) nos diz que:

A Literatura possui um locus singular. Barthes (2013) nos mostra que nela se é permitido dizer o que noutros lugares da nossa sociedade não se permite: podemos dizer de modo diferente, “livre” das forças sociais e duma língua que nos impulsiona a falar, que nos “obriga a dizer” fascista. Ali falamos de modo diverso, nos libertamos da “autoridade da asserção” e do “gregarismo da repetição”, para “trapacearmos” a língua com a língua e dizemos mais e diferente, ouvindo-a fora do poder; esplendorosa, a literatura revoluciona, permanente, a linguagem, sem, claro, se desvencilhar do lugar fechado que é esta. (Neto, 2015, p. 21)

Toda esta liberdade, que se tem a partir da literatura, deve ser bem aproveitada para oferecer subsídio à construção da identidade das crianças de forma plural, diversa, respeitosa e gerar inclusão. Desse modo haverá cada vez mais uma sociedade pautada na empatia, de olho no olho e mãos unidas. Elas são o futuro do mundo. Parece um discurso utópico, fantasioso. Mas é apenas o desejo de muitos que estão excluídos e marginalizados por serem diferentes. E a literatura tem este poder de ser para eles “lugar seguro”, onde podem encontrar personagens com vivências semelhantes às suas.

Utopia. Outro aspecto trabalhado por Barthes. Através de sua representação do real (Mimesis), a literatura tem uma “função utópica”; apesar de seu objeto ser a realidade, ela é “obstinadamente” irrealista; ela procura e deseja o impossível: o utópico. A literatura muda o mundo. Muda não de qualquer forma, não de qualquer jeito - muda com a palavra. (Neto, 2015, p. 21)

Esta parte da pesquisa, as ilustrações, o livro como um todo, contou com a leitura sensível de Ana Rosa¹. Após a leitura, os feedbacks foram bastante positivos e pertinentes de modo geral. Havendo a necessidade de usar termos diferentes para designar a coloração de pele das personagens. Antes, os termos utilizados pela autora do projeto eram preto e pardo, após os feedbacks de Ana Rosa, passaram a ser tratados como negro de pele escura e negro de pele clara.

Estes temas abordados são deveras profundos e apenas este trabalho não será o bastante para abrigar tudo o que precisa ser pesquisado e discutido. Seria este um estudo mais concentrado e objeto de uma pós-graduação. Todavia, se fez estas questões, imensamente pertinentes a este projeto. Que busca não somente a obtenção de grau ou meramente colocar mais um produto literário no mercado. E sim, questionar a predominância do homem branco, cis, hétero no fazer literário e as consequências disto. Produzir e estimular a construção de narrativas inclusivas que acrescentem gotinhas de felicidade e aqueçam os corações dos pequenos e dos grandes leitores.

1.2.2.4. Ilustração de personagens negras e LGBTs na literatura

Mesmo com pouca presença ou nenhuma nos editais dos programas de aquisição de livros paradidáticos. É possível encontrar bons livros com personagens negras e/ou LGBTs, tanto infantis quanto infantojuvenis nas livrarias físicas e online. Os livros em que há a união dos dois tipos de personagens é bem menor em relação aos que são destinados a um ou a outro. No entanto, são livros que deveriam estar nas bibliotecas escolares, nos programas curriculares, nas casas de todas as famílias com crianças, em toda parte. Pois são narrativas importantes, com linguagem simples e que tratam das diferenças, seja de cor, sexo, gênero com situações do dia-a-dia, geralmente. E quando não são acontecimentos do dia-a-dia, são fantasias maravilhosas que permitem que leitores diversos possam se sentir parte. E isso é mágico.

¹ Publicitária no Grupo Editorial Record, Autora do livro *Você por aqui?* e do conto *Feira de São Cristóvão*, leitora sensível de livros e membro da banca examinadora deste Trabalho de Conclusão de Curso.

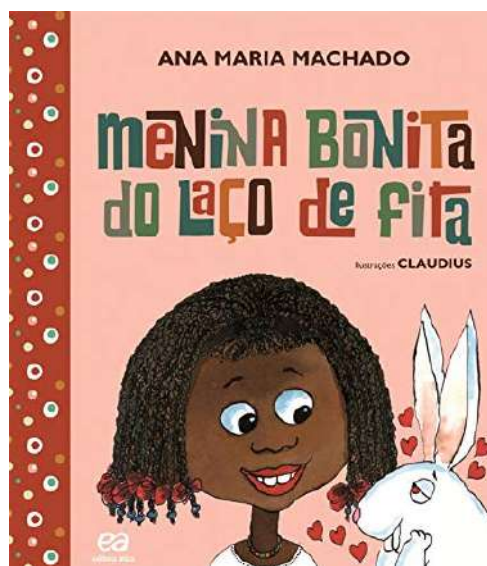
As ilustrações em livros para crianças assumem um papel de grande relevância. E por mais que, estudiosos apontem que as crianças pequenas se atentem mais para os símbolos verbais, a narrativa visual e a narrativa textual fazem um par perfeito. O que o texto não diz a ilustração mostra e em muitos livros ela assume o papel principal, que são os chamados livros-imagem. Mais à frente este assunto, livros-imagem, será melhor abordado. Em especial, no caso de livros com personagens negras as imagens têm um grande peso. Pois a partir delas as crianças terão contato com uma imagem de características próximas às suas ou de seus coleguinhas.

(...) consideramos de extrema relevância dar atenção às imagens, pois a leitura semiótica se estabelece pela combinação entre discurso e imagem. Por isso, enfatizamos neste texto a necessidade de uma reflexão sobre a importância do texto visual, entendendo-o como imprescindível à formação das crianças no contexto brasileiro: às crianças negras, ilustrações positivas (combinadas a um texto de qualidade literária) contribuem para o fortalecimento de suas identidades, pois poderão se reconhecer nas imagens; e às crianças brancas, tais ilustrações podem oferecer condições para a superação de um senso de suposta superioridade racial, ao se depararem com produções que não refletem apenas um espelho de si próprias. (SOUZA & ARAÚJO, 2020, p.200-201)

A seguir serão apresentados alguns livros que possuem personagens negras e/ou LGBTs em sua narrativa. A lista conta apenas com alguns dos livros onde as personagens são ilustradas fugindo dos estereótipos e das narrativas negativas. Principalmente as com personagens negras, são histórias e ilustrações que valorizam suas características e mostram como ser diferente não é algo ruim. Pelo contrário, são características belíssimas como todas as outras.

Menina bonita do laço de fita

Uma linda menina negra desperta a admiração de um coelho branco, que deseja ter uma filha tão pretinha quanto ela. Cada vez que ele lhe pergunta qual o segredo de sua cor, ela inventa uma história. O coelho segue todos os “conselhos” da menina, mas continua branco.



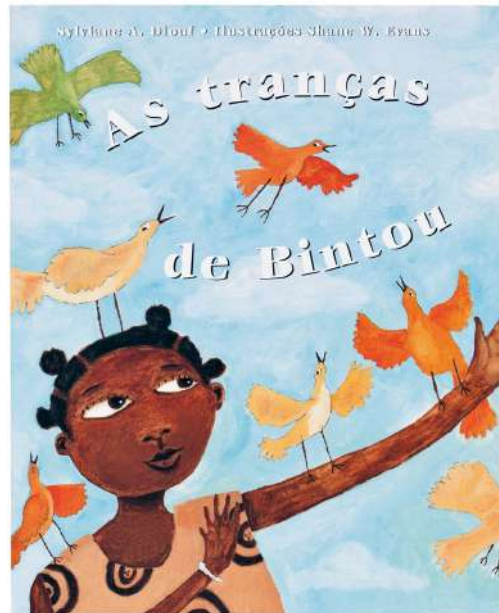
Escrito por Ana Maria Machado e ilustrado por Claudius (2019), classificação etária não disponível, português, possui 24 páginas, tamanho 22 x 19cm, capa comum e foi publicado pela Ática.

(Fonte: https://www.amazon.com.br/Menina-Bonita-do-La%C3%A7o-Fita/dp/8508147597/ref=sr_1_1?keywords=menina+bonita+do+la%C3%A7o+de+fita&qid=1660505269&s=books&srefix=menina+bonita%2Cstripbooks%2C229&sr=1-1)

As tranças de Bintou

As tranças de Bintou é um dos maiores sucessos do catálogo infantojuvenil da Cosac Naify, com mais de 70 mil exemplares vendidos, adquirido pelo governo brasileiro para equipar bibliotecas públicas e adotado em dezenas de escolas de todo o país. A nova edição contém texto de orelha do antropólogo e professor da Unesp Omar Ribeiro Thomaz. A autora Sylviane A. Diouf, estudiosa da cultura e da história da África, nos apresenta Bintou, uma menina negra que não se contenta com seus birotos no cabelo e sonha usar tranças como sua irmã mais velha. A história encanta pela maneira cuidadosa e doce com que trata, a partir de um contexto cultural específico, um momento universal: a passagem da infância para a adolescência. Um livro que nos revela a beleza de cada fase da vida e nos permite

repensar o Brasil por meio dos costumes africanos.



Escrito por Sylviane A. Diouf e ilustrado por Shane W. Evans (2004), classificação etária não disponível, português, possui 32 páginas, tamanho 26 x 21cm, capa comum e foi publicado pela Cosac & Naify.

(Fonte: <https://www.amazon.com.br/Tran%C3%A7as-Bintou-Sylviane-Diouf/dp/8575039601>)

A Princesa e a Costureira

O livro conta a história da princesa Cíntia, que quando nasceu foi prometida em casamento para Febo, o príncipe do reino vizinho, para que se mantivessem os laços de amizade entre os reinos. Quando chegou a época da cerimônia, a princesa foi encomendar seu vestido e, então, conheceu a costureira Ishtar, por quem se apaixonou. Quando Cíntia anunciou para os pais suas intenções com Ishtar e disse que não mais se casaria com Febo, seu pai mandou que a prendessem na torre do castelo, pois desafiou o interesse e a tradição dos reinos, que dizia que moças deveriam se casar com rapazes. Para garantir um final feliz, a princesa e a costureira receberão ajuda da irmã da princesa, do próprio príncipe, da Fada Madrinhã e de uma Agulha Mágica. O livro pretende auxiliar familiares e

profissionais, tanto na discussão sobre a diversidade humana como sobre a luta mais ampla pelos direitos das pessoas LGBT.



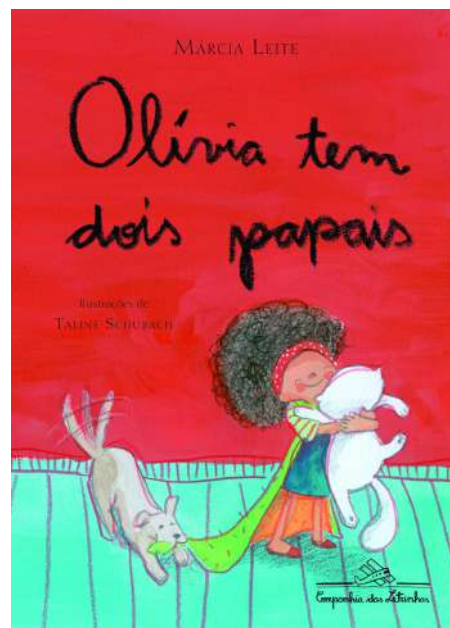
Escrito por Janaína Leslão e ilustrado por Júnior Caraméz (2015), destinado a crianças a partir de 12 anos, português, possui 52 páginas, tamanho 20 x 20cm, capa comum e foi publicado pela Metanoia Editora.

(Fonte: https://www.amazon.com.br/Princesa-Costureira-Jana%C3%ADna-Lesl%C3%A3o/dp/8563439782/ref=asc_df_8563439782/?tag=googleshopp00-20&linkCode=df0&hvadid=379739131843&hvpos=&hvnetw=q&hvrand=9571457308638660525&hvpone=&hvptwo=&hvqmt=&hvdev=c&hvdvcmdl=&hvlocint=&hvlocphy=9100910&hvtargid=pla-865130391598&psc=1)

Olívia tem dois papais

Olívia é uma menina esperta, que sabe bem o que quer e tem plena noção de como usar algumas palavras para conseguir o que deseja. Quando tem de ficar sozinha enquanto os pais trabalham, ela diz que está muito "entediada". Como não gosta de ver a filha "entediada", papai Raul para imediatamente de trabalhar e, quando percebe, já está deitado no chão ao lado dela, brincando de filhinho e mamãe, ou cercado por um monte de bonecas. Para chamar a atenção de seu pai Luís, Olívia fala que está "desfalecendo", afinal de contas, desfalecer de fome é

uma coisa muito séria, e Luís é o melhor cozinheiro da família. "Intrigante" é outra palavra de que Olívia gosta muito, isso porque todas as coisas do mundo são muito intrigantes para ela. Olívia quer saber, por exemplo, como seu papai Raul sabe brincar de boneca e seu papai Luís cozinha tão bem. Quer saber também como vai aprender a usar maquiagem e sapatos de salto alto, se na casa dela não mora nenhuma mulher. A família da Olívia é um pouco diferente, e totalmente "encantadora", outra palavra que ela adora usar. (Fonte: Amazon.com)



Escrito por Márcia Leite e ilustrador por Taline Schubach (2010), destinado a crianças de 6-8 anos, português, possui 48 páginas, tamanho 21.6 x 15.4cm, capa comum e foi publicado pela Companhia das Letrinhas.

(Fonte: https://www.amazon.com.br/Ol%C3%ADvia-dois-papais-M%C3%A1rcia-Leite/dp/8574064114/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=N7QH8AS3QPG5&keywords=olivia+tem+dois+papais&qid=1659202432&s=books&srefix=olivia+tem+dois+papais%2Cstripbooks%2C162&sr=1-1)

Meus Dois Pais

Naldo não fica muito surpreso quando seus pais resolvem se separar. Afinal, os dois vivem brigando... Mas, quando a mãe dele precisa mudar de cidade, o

menino acha natural ir morar com o pai. Naldo só não consegue entender por que a mãe e a avó são contra. (Fonte: Amazon.com)



Escrito por Walcyr Carrasco e ilustrador por Ana Matsusaki (2017), classificação etária não disponível, português, possui 48 páginas, tamanho 27.18 x 7.87cm, capa comum e foi publicado pela Moderna.

(Fonte: https://www.amazon.com.br/Meus-Dois-Pais-Walcyr-Carrasco/dp/851610768X/ref=d_pd_sbs_sccl_2_16/138-8888388-8112354?pd_rd_w=WXsKN&content-id=amzn1.sym.4e54af11-91e7-41b0-af49-07bca5d2336e&pf_rd_p=4e54af11-91e7-41b0-af49-07bca5d2336e&pf_rd_r=5P4WK5D950T41V7KWYTJ&pd_rd_wg=xL0gZ&pd_rd_r=388fcf59-d262-40ec-9de6-d01e42c25dc8&pd_rd_i=851610768X&psc=1)

O Cavaleiro e o Lobisomem: uma História de Coragem

Embora Kevin tenha se tornado conhecido como o cavaleiro mais corajoso de seu reino encantado, isso não significa que ele não tem medo de nada. E se tem uma coisa de que Kevin tem muito medo é de Lobisomem. Nesta aventura, Kevin terá que enfrentar seu maior medo para salvar a princesa e o príncipe do seu reino. E ele irá descobrir que é enfrentando nossos maiores medos que podemos nos deparar com muitas possibilidades de ser e amar. (Fonte: Amazon.com)

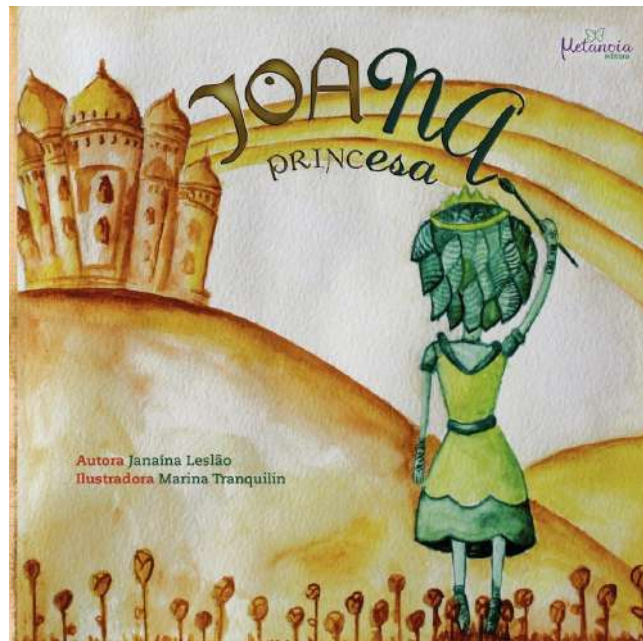


Escrito por Alexandre de Souza Amorim e ilustrador por Bruno Guimarães Reis (2018), classificação etária não disponível, português, possui 42 páginas, tamanho 20 x 22cm, capa comum e foi publicado pela Crianças Diversas.

(Fonte: <https://www.amazon.com.br/Cavaleiro-Lobisomem-uma-Hist%C3%B3ria-Coragem/dp/8554148029>)

Joana Princesa

Era uma vez uma princesa que, ao nascer, recebeu o nome de João. Algum tempo depois, a criança pediu para que seus pais a chamassem de Joana, pois, assim como ela, seu nome também tinha crescido; queria ser menina para sempre. O rei e a rainha não sabiam o que fazer para reverter a situação e até consultaram a bruxa do reino. Enquanto isso, Joana acalentava em seu coração o desejo de “ser uma garota igual a todas as outras”. Para realizar seu sonho, parte em uma grande aventura em busca do Arco-Íris Mágico que, segundo a lenda, pode transformar rapazes em garotas. (Fonte: Amazon.com)

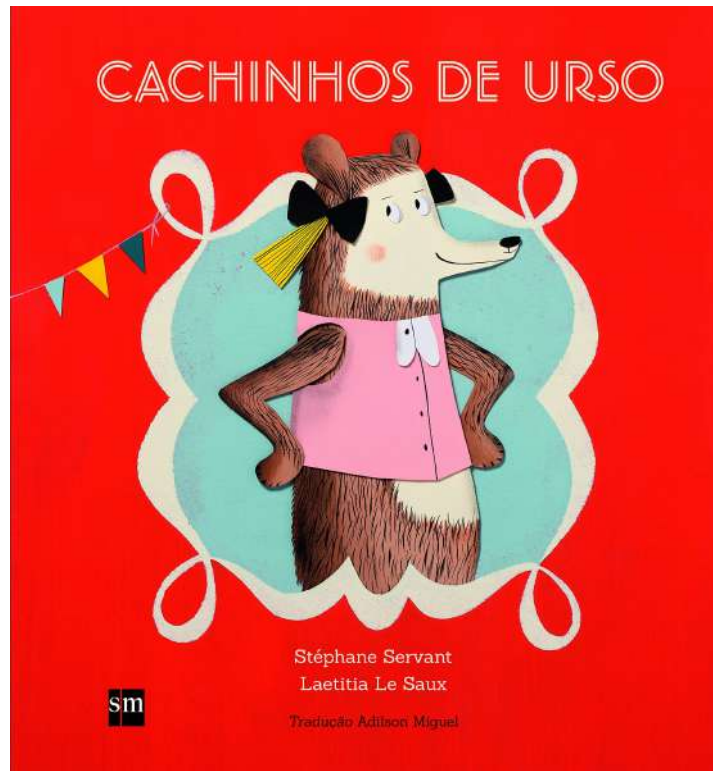


Escrito por Janaína Leslão e ilustrador por Marina Tranquilin (2018), destinado a crianças a partir de 12 anos, português, possui 50 páginas, tamanho 20 x 20cm, capa comum e foi publicado pela Metanoia Editora.

(Fonte: <https://www.amazon.com.br/Joana-Princesa-Jana%C3%ADna-Lesl%C3%A3o/dp/8563439936>)

Cachinhos de Urso

Na casa da família Urso, todos trabalham em sua fantasia para a festa que vai acontecer à noite. Mamãe Urso vai de Bela Adormecida, Papai Urso, de Lobo Mau, e o Pequeno Urso quer ir de Cachinhos Dourados, ou melhor, Cachinhos de Urso, com direito a saia e marias-chiquinhas. Papai Urso não consegue compreender a escolha do filho e tenta convencê-lo a usar qualquer fantasia mais “masculina”, como de ogro ou cavaleiro medieval. Nenhum dos dois cede até que um terceiro e decisivo personagem entra na história para resolver o impasse. (Fonte: Amazon.com)



Escrito por Stéphane Servant, ilustrador por Laetitia Le Saux e traduzido por Adilson Miguel (2015), destinado a crianças de 8-9 anos, português, possui 32 páginas, tamanho 24.64 x 22.86cm, capa comum e foi publicado pela SM.

(Fonte: https://www.amazon.com.br/Cachinhos-Urso-St%C3%A9phane-Servant/dp/854180786X/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=3N8RO2ETF6AKJ&keywords=Cachinhos+de+urso&qid=1659209000&s=books&sprefix=cachinhos+de+urso%2Cstripbooks%2C161&sr=1-1)

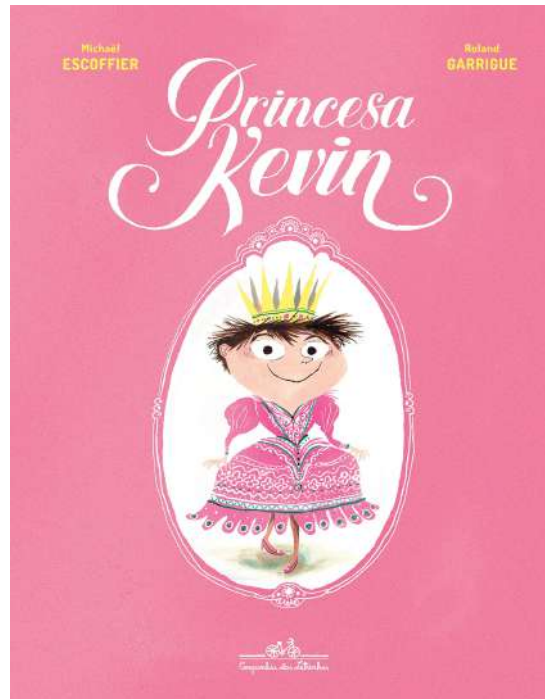
Princesa Kevin

Um livro para pequenos e grandes leitores que conta a história de Kevin: um menino que, no dia da fantasia na escola, quer ir vestido de princesa — e vai mostrar para todo mundo que não há mal nenhum nisso.

É o dia de ir fantasiado na escola de Kevin, mas ele não quer ir de caubói, de pirata ou de dragão, como todos os outros meninos. Kevin quer se vestir de princesa!

E que problema haveria nisso? Por que meninos não podem ser princesas, e meninas, cavaleiros?

Com ilustrações vibrantes e um texto cheio de graça, Princesa Kevin apresenta aos leitores um menino corajoso e cheio de criatividade, que sabe que, no fim do dia, o que importa é estar bem consigo mesmo e se divertir, seja usando sapatos de salto ou uma capa de super-herói. (Fonte: Amazon.com)



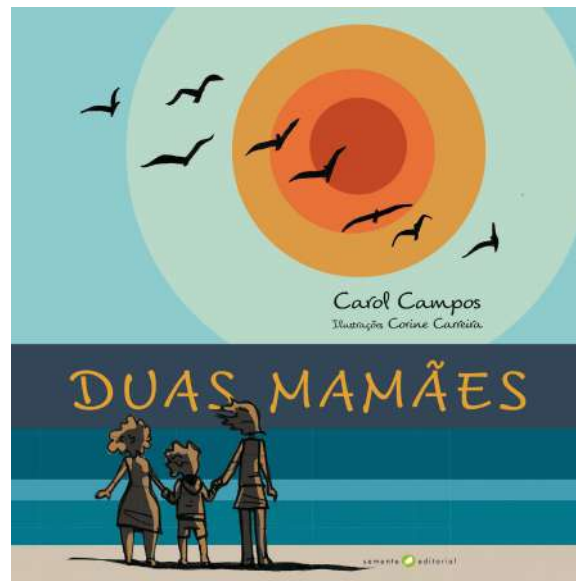
Escrito por Michaël Escoffier, ilustrador por Roland Garrigue e traduzido por Lígia Ulian (2020), destinado a crianças de 6-8 anos, português, possui 32 páginas, tamanho 27.6 x 21.6cm, capa comum e foi publicado pela Companhia das Letrinhas.

(Fonte:https://www.amazon.com.br/Princesa-Kevin-Micha%C3%ABE-scoffier/dp/8574069000/ref=d_pd_sbs_scc1_2_3/138-8888388-8112354?pd_rd_w=Rms0q&content-id=amzn1.sym.4e54af11-91e7-41b0-af49-07bca5d2336e&pf_rd_p=4e54af11-91e7-41b0-af49-07bca5d2336e&pf_rd_r=AZT8ETEVRP622J9XW2QR&pd_rd_wg=Tcf18&pd_rd_r=c0f80272-0b67-4697-a670-acdef372f358&pd_rd_i=8574069000&psc=1)

Duas Mamães

Pedro é um garoto sabido: sabe vários nomes de dinossauros, sabe surfar e dançar, e soube como iria chamar cada uma das suas mães! Pedro tem tudo o que uma família precisa – amor, cuidado, risadas e muita diversão! E, se alguém acha

que a família do Pedro é diferente, tem razão! Afinal, você conhece uma família que seja igualzinha à outra? (Fonte: Amazon.com)



Escrito por Carol Campos, ilustrador por Corine Carreira (2021), classificação etária não disponível, português, possui 32 páginas, tamanho 21 x 21cm, capa comum e foi publicado pela Semente Editorial.

(Fonte: <https://www.amazon.com.br/Duas-Mam%C3%A3es-Carol-Campos/dp/6586610303>)

Como Nascer de Duas Mães: Guia Prático

Lupe é uma criança muito curiosa, que gosta de investigar as coisas da vida da natureza em detalhes e quer saber como e por que as coisas acontecem. Suas mães, Julia e Carol, admiram seu trabalho e se enchem de orgulho. Conversando com as pessoas, Lupe percebeu que nem todo mundo conhecia famílias com duas mães e quando conheciam, muitas não sabiam como duas mulheres fazem para ter filhos. Resolveu então juntar tudo o que sabia, fez pesquisas, entrevistou seus amigos e escreveu um guia para ajudar as crianças (e adultos) a entenderem como isso pode ser feito! Está preparado para saber? Então embarque com a gente nessa investigação! (Fonte: Amazon.com)



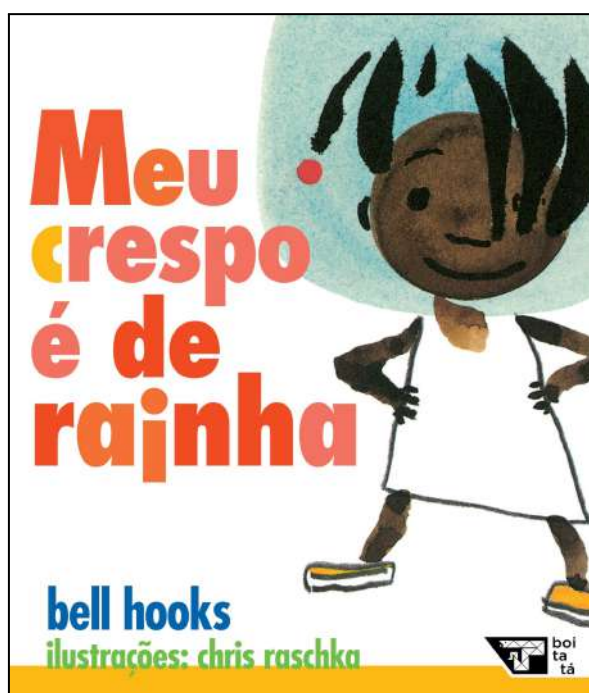
Escrito por Karen Mentone, ilustrador por Gabriela Emmerich (2021), destinado a crianças de 0-18 anos, português, possui 48 páginas, tamanho 20.32 x 25.4cm, capa comum e foi publicado pela Lupe Palavraria Diversa.

(Fonte: https://www.amazon.com.br/Como-Nascer-Duas-M%C3%A3es-Pr%C3%A1tico/dp/6599518907/ref=d_pd_sbs_sccl_1_5/138-888388-8112354?pd_rd_w=rOFD6&content-id=amzn1.sym.4e54af11-91e7-41b0-af49-07bca5d2336e&pf_rd_p=4e54af11-91e7-41b0-af49-07bca5d2336e&pf_rd_r=GF80YZRXQT1ATYW5WPEK&pd_rd_wg=B8giX&pd_rd_r=770cb3f7-b9b2-4c81-bef8-9f869c68e6f2&pd_rd_i=6599518907&psc=1)

Meu crespo é de rainha

Publicado originalmente em 1999 em forma de poema rimado e ilustrado, esta delicada obra chega ao país pelo selo Boitatá, apresentando às meninas brasileiras diferentes penteados e cortes de cabelo de forma positiva, alegre e elogiosa. Um livro para ser lido em voz alta, indicado para crianças a partir de três anos de idade - e também mães, irmãs, tias e avós - se orgulharem de quem são e de seu cabelo 'macio como algodão' e 'gostoso de brincar'. Hoje em dia, é sabido que incontáveis mulheres, incluindo meninas muito novas, sofrem tentando se encaixar em padrões inalcançáveis de beleza, de problemas que podem incluir

desde questões de insegurança e baixa autoestima até distúrbios mais sérios, como anorexia, depressão e mesmo tentativas de mutilação ou suicídio. Para as garotas negras, o peso pode ser ainda maior pela falta de representatividade na mídia e na cultura popular e pelo excesso de referências eurocêntricas, de pele clara e cabelos lisos. Nesse sentido, *Meu crespo é de rainha* é um livro que enaltece a beleza dos fenótipos negros, exaltando penteados e texturas afro, serve de referência à garota que se vê ali representada e admirada. (Fonte: Amazon.com)



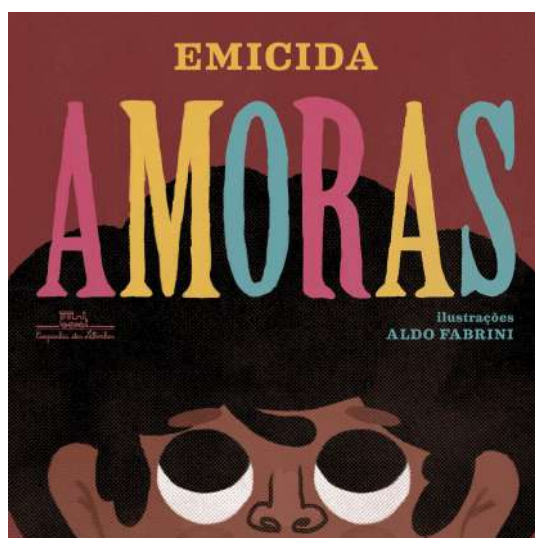
Escrito por Bell Hooks, ilustrador por Chris Raschka (2018), classificação etária não disponível, português, possui 32 páginas, tamanho 20.2 x 17.2cm, capa comum e foi publicado pela Boitatá.

(Fonte: https://www.amazon.com.br/Meu-Crespo-Rainha-Bell-Hooks/dp/857559608X/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=1JIPDWNIDQS73&keywords=Meu+crespo+%C3%A9+de+rainha&qid=1659211411&s=books&prefix=meu+crespo+%C3%A9+de+rainha%2Cstripbooks%2C166&sr=1-1)

Amoras

Na música “Amoras”, Emicida canta: “Que a doçura das frutinhas sabor acalanto/ Fez a criança sozinha alcançar a conclusão/ Papai que bom, porque eu

sou pretinha também”. E é a partir desse rap que um dos artistas brasileiros mais influentes da atualidade cria seu primeiro livro infantil e mostra, através de seu texto e das ilustrações de Aldo Fabrini, a importância de nos reconhecermos no mundo e nos orgulharmos de quem somos — desde criança e para sempre. (Fonte: Amazon.com)



Escrito por Emicida, ilustrador por Aldo Fabrini (2018), destinado a crianças de 3-8 anos, possui 44 páginas, tamanho 20.2 x 20.8cm, capa comum e foi publicado pela Companhia das Letrinhas.

(Fonte: https://www.amazon.com.br/Amoras-Emicida/dp/8574068365/ref=sr_1_2_ssapa?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=3WDXNP4QNS4Z&keywords=Amora&qid=1659211619&s=books&srefix=amora%2Cstripbooks%2C184&sr=1-2-spons&psc=1&spLa=ZW5jcnlwdGVkUXVhbGlnaWVyPUEzMIJKNVNSTNaOTc5JmVuY3J5cHRIZEikPUEwMzcxNzgyM0E1Q1E3MUZKMThNRSZlbnNyeXB0ZW50ZWRBZEikPUEwMDQwODYzWIBTOUxOMIRVQzJPJndpZGdldE5hbWU9c3BfYXRmJmFjdGlvbj1jbGlja1JIZGlyZWNOJmRvTm90TG9nQ2xpY2s9dHJ1ZQ==)

O Pequeno Príncipe Preto

Em um minúsculo planeta, vive o Pequeno Príncipe Preto. Além dele, existe apenas uma árvore Baobá, sua única companheira. Quando chegam as ventanias, o menino viaja por diferentes planetas, espalhando o amor e a empatia. O texto é originalmente uma peça infantil que já rodou o país inteiro. Agora, Rodrigo França traz essa delicada história no formato de conto, presenteando o jovem leitor com

uma narrativa que fala da importância de valorizarmos quem somos e de onde viemos - além de nos mostrar a força de termos laços de carinho e afeto. Afinal, como diz o Pequeno Príncipe Preto, juntos e juntas todos ganhamos. (Fonte: Amazon.com)



Escrito por Rodrigo França, ilustrador por Juliana Barbosa Pereira (2020), destinado a crianças de 3-8 anos, possui 32 páginas, tamanho 28 x 20.6cm, capa comum e foi publicado pela Nova Fronteira.

(Fonte: https://www.amazon.com.br/Pequeno-Pr%C3%ADncipe-Preto-Rodrigo-Fran%C3%A7a/dp/8520938388/ref=d_pd_sbs_sccl_2_4/138-8888388-8112354?pd_rd_w=H6lCf&content-id=amzn1.sym.4e54af11-91e7-41b0-af49-07bca5d2336e&pf_rd_p=4e54af11-91e7-41b0-af49-07bca5d2336e&pf_rd_r=FP2N3QYXYA0ANCM5BZ&pd_rd_wg=MmfCi&pd_rd_r=a9d4f11d-80a8-4ddf-88d2-c7a7bfec4d72&pd_rd_i=8520938388&psc=1)

1.2.2.5. O desmatamento global

A cada volta que a Terra completa em torno do Sol o seu número de habitantes aumenta. No século XX viu-se um crescimento da população mundial exacerbado. Em 1900 a população mundial era de 1,56 bilhão e em 2000 este número quadruplicou, foi para 6,1 bilhões. Já no século XXI temos uma taxa de

crescimento bem inferior comparada a do século anterior, em 2020 chegou-se a 7,75 bilhões de pessoas dividindo o planeta.

Este crescimento populacional que o século XX viveu, foi inédito em relação aos séculos anteriores e supostamente será aos futuros, que tiveram uma taxa de crescimento lenta. E segundo José Eustáquio Diniz Alves (2008), o planeta vive sua melhor fase demográfica desde o início da humanidade. Segundo ele, ainda no século XIX os índices de mortalidades iniciaram seu processo de redução. Posteriormente, no século XX, estas taxas praticamente despencaram com o aumento da expectativa de vida, que em 1900 era de apenas 30 anos. Esta longevidade média da população mundial duplicou nos anos 2000, passando para 65 anos. Este foi um grande salto na história da humanidade e isso se dá pela melhora no padrão de vida da população, as inovações médicas, os programas de saúde pública, o aumento da qualidade da higiene pessoal, saneamento básico que permitiram a diminuição das taxas de mortalidade infantil.

Este aumento populacional, que mesmo tendo se estabilizado, não deixa de ser contínuo e impacta diretamente no aumento da produção de produtos, alimentos, serviços, etc. E isto está diretamente ligado com o aumento de espaços de vegetação devastados pelo mundo. Desde sua aparição, o ser humano derruba árvores para seu benefício, o que difere de lá pra cá é o aumento global desta ação.

O desmatamento ou desflorestamento, como também é chamado, divide opiniões, enquanto uns defendem a necessidade de praticar tal ação para suprir as necessidades da população, outros vêem esta atividade como um enorme problema ao meio ambiente a curto e longo prazo.

A atividade capitalista que mais têm contribuído para o desflorestamento global é a agropecuária. Claro que esta não é a única “vilã” das commodities. O dendezeiro, a soja, o cacau, a borracha e o café também integram este grupo. Segundo o relatório *Global Forest Review* do *world resources institute*, no período entre 2001 e 2015 a criação de gado foi responsável por 45,1 Milhões de hectares (Mha) de floresta desmatada pelo mundo para criação de pastos. O Brasil se destaca como o país que mais desmatou florestas para criação de pastos, com 21,8 Mha (48%).

O dendezeiro ocupa 22,4 Mha de florestas desmatadas, com maior predominância no sudeste asiático. Já as plantações de soja abrangem 8,2 Mha de florestas substituídas e quase 97% delas estão na América do Sul. O Brasil, mais

uma vez está na frente, ocupando 61% destas terras desmatadas. Dos 61%, 48% aconteceram na Amazônia e 45% no Cerrado.

O cultivo de cacau substituiu 2,3 Mha de floresta no planeta. Desta vez a Indonésia e Costa do Marfim saíram na frente com os maiores índices de desmatamento. Respectivamente mantiveram 25% e 22% das terras desmatadas. O Brasil não ficou tão longe, foi responsável por 19% destas terras.

A borracha ficou com 2,1 Mha de desflorestamento global entre os países analisados, o que soma 40% da produção de borracha no mundo. Os outros 60% são de países que não foram incluídos na pesquisa por falta de dados. A Indonésia foi líder com 1,0 Mha de desmatamento e a Malásia com 0,7 Mha. Enquanto o plantio de café utilizou 1,9 Mha de terras desmatadas pelo mundo.

Apesar de pesquisas indicarem o aumento de cobertura arbórea em 80,6 Mha entre 2001 e 2012, muito já foi perdido e continua sendo. Foram 437 Mha de floresta destruída, ou seja, 11% de cobertura arbórea global em 2000. E até 2021 foram cerca de 25,3 Mha de floresta derrubada. Parte do ganho de cobertura arbórea se dá em regiões que tiveram tanto ganho quanto perda, como a colheita e replantio de árvores para comercialização.

Outro fator responsável pelo desmatamento são as queimadas naturais ou provocadas por pessoas. No período de 2001 a 2021 foram 91 Mha de cobertura arbórea devastada. Destas florestas perdidas por incêndios somente parte dela tem a oportunidade, mesmo que demorada, de se recuperar. A outra parte, que possivelmente, teve incêndios provocados pelo ser humano, tem seu novo uso pela agricultura.

Todo este desmatamento desmedido tem colocado em risco o equilíbrio de todo o sistema biológico do planeta. E como visto anteriormente, já tomou grandes proporções por todo o globo terrestre e suas consequências são enormes. Ao fazer a retirada excessiva de vegetação de uma região, é provocado uma grande instabilidade em seu bioma. A fauna perde seu habitat, sendo obrigada a migrar para outras regiões e até mesmo morrem por não conseguir fazer este deslocamento. A flora, ao contrário da fauna, não consegue se locomover de uma região para outra. E muitas delas entram para a lista de extintas, assim como muitos animais.

O clima é outro elemento fortemente influenciado pelos desmatamentos. O planeta tem apresentado aumento em sua temperatura ao passar dos anos e isso

se deve às grandes retiradas de árvores. A quantidade de gases liberada na atmosfera está cada vez mais elevada e agravando o efeito estufa e o aquecimento global. Apesar de ser ignorado por muitos, estes fenômenos agridem em grau elevado à saúde humana e do planeta.

1.3. TEXTO, IMAGEM E SUAS ORIGENS

Quando se tem um livro para ler, geralmente, não se pensa muito em como ele foi produzido, que tipo de papel utiliza, o tipo de impressão a que foi submetido e outras coisas. E mais além, não há o questionamento a respeito de como eram os suportes utilizados para a escrita, ou de como surgiu a escrita. Simplesmente há uma imersão no mar de letras que habitam em sua imensidão. Mas Jean-Yves Mollier (2009, p. 522) nos diz que:

Baseando-se nas ideias de Erwin Panofsky, sobre a perspectiva considerada como uma forma simbólica, ele dá mais atenção ao que chama de “a forma expressiva” de que se reveste o livro. Ele convida o leitor a interessar-se pela tipografia, pelo layout, pela ilustração, ou o que Roger Laufer chamou de “escritura”, ou seja, a produção de sentidos, os significados relacionados à ínfima materialidade do livro.

Refazendo, resumidamente, a trajetória da escrita até hoje, verifica-se o quanto ela e a humanidade evoluíram. Antes que ela existisse o ser humano necessitava se comunicar, passar e guardar informações importantes. E esta comunicação se dava por meio de símbolos, da oralidade, de desenhos. Os registros mais antigos encontrados por estudiosos datam de 40 mil anos. As pinturas feitas em paredes de cavernas eram, supostamente, utilizadas para retratar uma caçada, rituais, etc.

Saindo da pré-história e passando para antiguidade, por volta de 3 mil a.C, a escrita cuneiforme surge na antiga Mesopotâmia com os Sumérios. A partir dela os egípcios deram origem à escrita hieroglífica. Em 1.200 a.C. a escrita chinesa surge e em 600 a.C. os gregos aperfeiçoaram a escrita fenícia (1000 a.C.). Desta evolução da escrita grega, veio o alfabeto que utilizamos hoje. A invenção do papel só aconteceu no ano 100 d.C. Entretanto, antes dele vieram o papiro em torno de 3 mil a.C pelos egípcios e o pergaminho no século 2 a.C. pelos gregos.

Com a invenção da escrita e do papel, através do processo de impressão de Johannes Gutenberg o mundo conheceu o livro como ele é hoje. Ele produziu a Bíblia em Latim, que continha 641 páginas. Já a invenção da prensa, segundo historiadores, não se deu de fato por Gutenberg, ela já existia em outras partes do mundo. Todavia, é notória a agilidade de produção que o processo de Gutenberg realizou. Era possível fazer muitas cópias em menos tempo e com isso a leitura se difundiu e nunca mais parou.

Não se tem uma data precisa de quando surgiu o primeiro livro com imagem. O que pode ser apontado, segundo Alcía S. Morello & Heloisa R. Rincon (2017), é que alguns pesquisadores seguiram vestígios da história a partir dos processos de impressão "(...) de acordo com as técnicas disponíveis, e também, como eram as publicações quando se começou a unir caracteres e figuras nos livros." (Morello & Rincon, 2017, p. 25) E seguindo os passos dos tipos de impressão que existiam na época, segundo Sophie Van der Linden (2011 Apud Morello & Rincon, 2017, p. 25), podemos acompanhar a evolução do livro ilustrado até os modelos que existem hoje.

Como primeiro tipo de impressão utilizado na produção de livros, temos a xilogravura, que até o fim do século XVII era o processo com mais versatilidade nas composições. Seu processo consiste em gravar a imagem na matriz de madeira utilizando uma ferramenta para entalhar. O processo é parecido com carimbo, onde cava-se o desenho, passa-se tinta e o papel ou outro suporte é pressionado sobre a matriz para reproduzir o desenho. Na época este tipo de impressão era o mais versátil, entretanto, ainda não o suficiente para dar a liberdade necessária à junção de imagem e texto pela espessura de seus traços. Afetava diretamente na qualidade do detalhamento dos desenhos.

"Ao longo do século XVI, generaliza-se o uso do talho-doce, uma gravura realizada com cinzel ou ácido sobre uma placa de cobre." Linden (1973, p. 12 Apud Morello & Rincon, 2017). Este modelo de impressão possibilitava aos traços uma menor espessura, dando ao desenho melhor detalhamento. No entanto, não permitia a união de texto e imagem na mesma placa. Atualmente esta técnica gráfica é considerada a mais segura contra fraude. Presente em documentos como: Cédulas de Identidade, Carteira Nacional de Habilitação - CNH, Cédulas Monetárias, Passaportes.

Findando o século XVIII, a litografia surge através de Aloys Senefelder possibilitando maior liberdade para a ilustração. Utilizando uma pedra de calcário especial, chamada “pedra de litografia”, como base e materiais gordurosos, o desenho é gravado e em seguida recebe um tratamento de solução química e água. Assim as partes gordurosas onde foi feito o desenho se fixam à base e para depois serem feitas as reproduções em papel ou outro suporte.

Em 1770, desenvolvida por Thomas Bewick, a xilografia de topo viabiliza a melhor impressão da imagem. E com isso se tem livros com maior qualidade em relação a interação texto e imagem. A xilografia de topo, difere da xilografia ou xilografia de fio principalmente pelo corte feito à árvore. Enquanto na de fio o corte é feito seguindo as veias da árvore (sentido vertical), a de topo o corte é transversal ao tronco. Mas não é somente esta a disparidade entre ambas. O mais importante é que este tipo de corte permitia o uso de ferramentas utilizadas na gravação do metal, com isso um detalhamento maior em relação a outros tipos de impressão. Logo, obtinha-se livros ilustrados com qualidade superior.

Com a evolução dos processos de impressão a conexão texto e imagem, imagem e texto também evoluíram imensamente. Permitindo uma composição da página dupla muito mais dinâmica, atribuindo ao livro ilustrado mais liberdade de expressão.

1.3.1. O Livro ilustrado e suas categorias

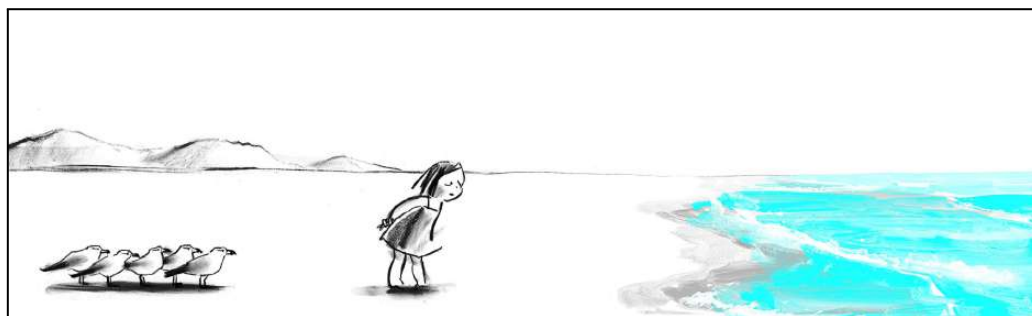
Designado geralmente ao público infantil, o livro ilustrado, como o próprio nome já insinua, traz a ilustração como o grande diferencial. Ele une a narrativa textual e a narrativa visual, o que torna a experiência da leitura muito mais interessante, divertida e prazerosa para a criança. A narrativa visual tem grande peso, principalmente, para as crianças pequenas, que estão caminhando para a alfabetização. A partir das imagens elas conseguem captar parte da história e acrescentar seus próprios elementos narrativos. Para que isso aconteça é preciso existir espaço ou pausa na narrativa textual e visual. Isto permite, justamente, que o leitor possa dar sua contribuição. Imagine uma história em que tudo já foi dito e não restou nada para a imaginação continuar.

A respeito de sua nomenclatura, que é denominada de formas distintas pelo mundo, diz Van Der Linden (2011):

(...) não há em muitos países um termo único para designar o livro ilustrado infantil: album ou livre d'images (França); álbum ilustrado (Portugal) e em língua inglesa picturebook, picture book e ainda picture-book. No Brasil, o termo foi traduzido como "livro ilustrado", embora ainda seja utilizado sem muito critério e se confunda com "livro com ilustração", ou "livro para criança". (Apud FLECK; CUNHA; CALDIN, 2016, p. 199)

Segundo Linden (2011 Apud WOO, 2016) o livro ilustrado pode ser dividido em muitas categorias, porém aqui será possível ver 7 destas categorias. À primeira vista parecem ser tudo a mesma coisa os livros que possuem imagem. Todavia, se bem observadas as suas particularidades, será fácil perceber as diferenças. Essas são as categorias: livro ilustrado ou livro imagem (picture book); livro com ilustração; primeiras leituras; histórias em quadrinhos (HQ); livro pop-up; livro-brinquedo e livro interativo.

Livro imagem (picture book) são aqueles que apresentam somente imagens em sua narrativa. Eles não contam com a parte textual e sua história é contada através das imagens.



Livro *Onda* por Suzy Lee (2017).

(Fonte: https://www.amazon.com.br/Onda-Suzy-Lee/dp/8574067733/ref=sr_1_1?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=2DFXU76OTXGS8&keywords=onda&qid=1663699920&s=books&srefix=onda%2Cstripbooks%2C219&sr=1-1)

O livro ilustrado apresenta, em sua concepção gráfica, igual peso entre imagem e texto. Segundo, Nicolajeva e Scott (2011 apud FLECK; CUNHA; CALDIN, 2016): "O caráter ímpar dos livros ilustrados está em combinar e tencionar dois níveis de comunicação: o visual e o verbal". Em alguns livros a ilustração ocupa

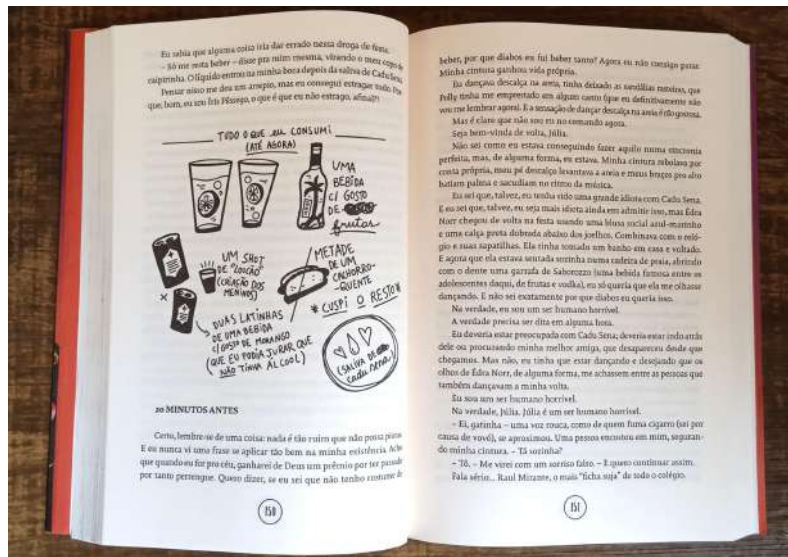
mais de 50% do espaço físico sem diminuir a importância do texto. Que por sua vez tem a função de narrar, contar os fatos da história enquanto a imagem tem a função de representar, complementar ou até mesmo acrescentar informações à história.



Miolo do livro *Seis homens* (2014). (Fonte: autora)

No livro com ilustração acontece o oposto, imagem e texto não tem importância equivalente. O texto tem a função principal de narrar e a imagem aparece apenas para ornar partes pontuais do texto, ocupando menos de 50% do espaço físico do livro.

O livro com ilustração é aquele em que o texto existe de forma independente, ele sustenta a narrativa, sem a necessidade intrínseca das imagens para que tenha sentido. As ilustrações podem enriquecer a experiência da leitura, mas não são imprescindíveis. Na maioria das vezes elas apenas reproduzem a palavra tal e qual. (FLECK; CUNHA; CALDIN, 2016, p. 199)



O amor não é óbvio de Elayne Baeta (2019). (Fonte: autora)

Já os livros primeiras leituras, segundo Woo (2016), são aqueles indicados para os leitores em formação, se localizando entre o livro ilustrado e o romance. Eles possuem capítulos curtos, com algumas pequenas ilustrações emolduradas no decorrer do texto e ou vinhetas, principalmente nas aberturas de capítulos.



A fada mamãe e eu: Fada-na-fila-de-esoera de Sophie Kinsella (2020). (Fonte: autora)

As histórias em quadrinhos (HQ), como o próprio nome já diz, são narrativas textuais e visuais, contadas através de imagens sequenciadas, geralmente, e quadros dispostos na horizontal.



Turma da Mônica: Trabalho infantil, nem de bricadeira!
de Mauricio de Sousa produções (2016). (Fonte: autora)

O livro pop-up assume formas tridimensionais a partir dos mecanismos de recorte e dobradura, transformando a página dupla em espaço com esconderijos, abas e encaixes.



Planeta Pop-up: Ovelha é que manda no... Livro de Caterpillar Books Ltd (2018)

(Fonte: https://www.amazon.com.br/Planeta-pop-up-ovelha-manda-galinheiro/dp/8537628174/ref=asc_df_8537628174/?tag=googleshopp00-20&linkCode=df0&hvadid=379699825663&hvpos=&hvnetw=g&hvrnd=6723977886810684080&hvpone=&hvptwo=&hvqmt=&hvdev=c&hvdvcmdl=&hvlocphy=9100910&hvtargid=pla-897474608311&psc=1)

Livros-brinquedo, além da narrativa textual e visual, trazem em suas páginas recortes, texturas e outros tipos de intervenção somados ou não a elementos tridimensionais como peças/figuras para encaixe, pelúcia, compartimentos com som etc.



Frozen 2: Poderes da Natureza de Disney (2019).

(Fonte: https://www.amazon.com.br/Frozen-2-Poderes-Natureza-Disney/dp/8506087139/ref=asc_df_8506087139/?tag=googleshopp00-20&linkCode=df0&hvadid=405729971246&hvpos=&hvnetw=g&hvrand=15351465061958623990&hvpone=&hvptwo=&hvqmt=&hvdev=c&hvdvcmdl=&hvlocint=&hvlocphy=9100910&hvtargid=pla-872167181208&psc=1)

O livro interativo possui características diferenciadas do livro convencional. Eles contém atividades e material que promovem uma interação extra-leitura, levando o leitor a fazer pinturas, recortes, colagens, etc.



Minha Casa de Carrossel: 02 de Iseek - Reino Unido (2020).

(Fonte: <https://www.amazon.com.br/Minha-Casa-Carrossel-Anton-Poitier/dp/8539423146>)

A diagramação de livros infantis, assim como para outros públicos, exige total atenção em sua elaboração. No design em geral e principalmente no editorial, é necessário criar sistemas de diagramação para auxiliar e otimizar o trabalho. Os livros infantis não se mantêm longe disto. Eles possuem alguns elementos, no que tange a sua diagramação, que podem ser classificados em 4 tipos, segundo Linden (2011, p. 67-70 Apud ZIMMERMANN, 2019; MENEGAZZI; DEBUS, 2018)

Na diagramação dissociativa, onde adota-se a alternância entre página de texto e de ilustração (característica herdada do livro com ilustração tradicional). Este tipo acaba por propiciar uma leitura menos dinâmica e mais lenta. Geralmente o texto é posicionado à esquerda e a ilustração à direita, na chamada página nobre. “Temos aqui uma situação de máxima separação entre texto e imagens” (LINDEN, 2011, p. 67 Apud MENEGAZZI; DEBUS, 2018, p. 278)

Em diagramações associativas há uma interação maior entre texto e imagem, mesmo tendo seus espaços distintos na página. Logo tem-se uma leitura mais fluida e rápida. É comum também que a imagem tome o espaço nobre e o texto se encaixe acima, abaixo, ao lado da ilustração ou até mesmo dentro dela.

Com a diagramação próxima a dos quadrinhos, na compartimentação, as ilustrações são maiores e submetidas ao movimento de continuidade entre as páginas. Pode-se encontrar aqui imagens em quadros, balões de texto.

A conjunção ao contrário da associação exhibe integração total entre imagem e texto, não havendo limites de espaços, a ponto de impossibilitar a separação entre eles. Causando uma confusão no leitor, que não consegue discernir onde é imagem, onde é texto, começo e fim de tão misturadas.

O livro ilustrado tem inúmeras possibilidades em sua construção e desconstrução por não haver “uma diagramação regular identificável, como as histórias em quadrinhos” (FLECK; CUNHA; CALDIN, 2016, p. 200). E um dos maiores obstáculos do designer é a tão temida página em branco. Contudo, a liberdade criativa é premissa neste desafio mágico.

A dobra, máxima separação entre texto e imagem, é a fronteira entre dois países fictícios que vivem intrinsecamente ligados. Nesta fronteira a criatividade pode se apropriar deste limite dando outro significado para a página dupla. Sem deixar, claro, de atentar para os detalhes técnicos (milímetros da arte podem se perder com a encadernação escolhida) que podem jogar por água abaixo toda a criatividade empenhada.

A página dupla, proporcionada pelo formato *códex*, tem sido uma das características mais importantes do suporte dos livros infantis ilustrados, influenciando na organização espacial da leitura, na sequencialidade da narrativa, permitindo arranjos poéticos e estéticos (LINDEN, 2011 apud MENEGAZZI; DEBUS, 2018, p. 276).

O livro ilustrado, como dito anteriormente, possui grande liberdade quanto ao seu desenvolvimento. Em suas variadas possibilidades de diagramação é possível trabalhar detalhes como a escolha de tipografias e seus tamanhos, cores, espessura, 1ª a 4ª capa sempre primando pela harmonia da composição. Tudo deve ser tratado com carinho e atenção para entregar ao pequeno leitor um produto que será bem consumido por ele.

CAPÍTULO 2 - O PROJETO GRÁFICO

O projeto gráfico do livro *A floresta secreta* tem como público-alvo leitores entre 10 e 12 anos. Porém não impede que pessoas de qualquer idade possam ler ou ouvir esta história que é de classificação livre.

Como referência artística, temos o minimalismo, movimento que surgiu na década de 1960 nos EUA e depois tomou o mundo todo. Como todos os outros movimentos artísticos influenciou não só as artes visuais como também a música e a literatura. Um estilo que preza pelo não exagero, formas geométricas simples, contornos, eliminação dos excessos e que se tornou um estilo de vida nos dias atuais. Menos é mais, menos consumo sem consciência, mas preservação do planeta.

O livro é composto por texto em prosa, um conto, mais ilustrações que ajudarão tanto a ilustrar o que está sendo contado, como agregar outras informações que não serão narradas pelo texto. A leitura do livro é linear, as páginas não são independentes entre si. O leitor precisa fazer o caminho do início ao fim do livro para que possa compreender a história como um todo.

Como a história que se passa neste conto ainda tem momentos para serem escritos e foi fechado para que pudesse ser trabalhado neste projeto, terá apenas um exemplar. Como o livro terá outra versão com mais conteúdo num futuro pós-TCC, as escolhas técnicas foram visando o menor custo de impressão.

2.1. SIMILARES

Para a construção de qualquer projeto é importante a etapa onde buscamos por similares. Geralmente cada similar escolhido tem uma característica que se pretende incorporar ao projeto que será desenvolvido. Neste projeto não foi diferente. A seguir veremos uma breve descrição dos livros e em seguida a análise com as características absorvidas como referência de cada livro.

2.1.1. Livro Seis homens

Escrito e ilustrado por David McKee e traduzido por Leo Cunha em 2014, a idade de leitura é de 6 - 8 anos. Formato capa dura ou brochura, 19 x 25cm com 40 páginas, publicado pela editora Galera Junior.

Sinopse do livro: Era uma vez seis homens que viajavam pelo mundo em busca de um lugar onde pudessem viver e trabalhar em paz. Até que um dia enfim encontraram a terra tão almejada. Mas por quanto tempo conseguiriam manter a guerra afastada do novo lar? Com astúcia e sensibilidade, o autor aborda questões de conflitos, intolerância e paz. (Fonte: https://www.amazon.com.br/Seis-homens-David-McKee/dp/8501102423/ref=sr_1_1?keywords=seis+homens&qid=1660517514&s=books&prefix=seis+h%2Cstripbooks%2C257&sr=1-1)

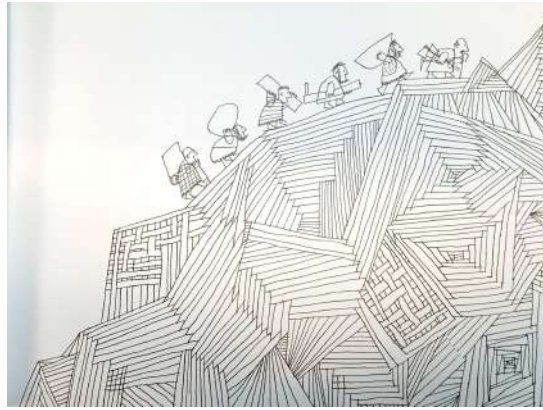


capa do livro *Seis homens*

(Fonte: https://www.amazon.com.br/Seis-homens-David-McKee/dp/8501102423/ref=sr_1_2?crd=3BOL45YWOLW2F&keywords=seis+homens&qid=1663700022&s=books&prefix=seis+homens%2Cstripbooks%2C176&sr=1-2)



Miolo do livro *Seis homens* (Fonte: autora)



Miolo do livro *Seis homens* (Fonte: autora)

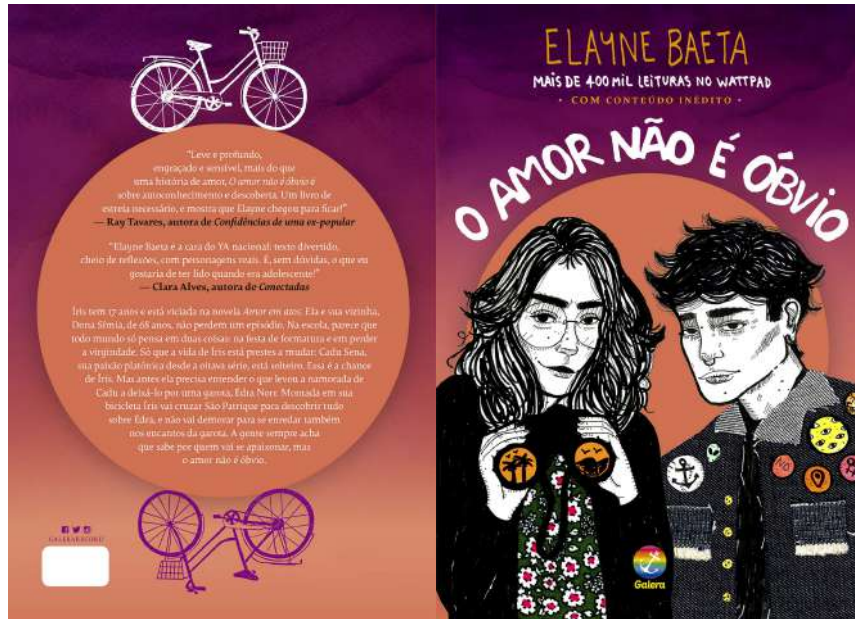
A primeira capa ilustra os seis homens, personagens da história, apenas em traços pretos caminhando sobre o que parece ser uma montanha em laranja. A quarta capa traz a continuação da montanha em laranja e a sinopse. A ilustração do miolo é toda em traços preto e branco

A tipografia tanto da capa quanto do miolo é sem serifa. Como se trata de pouco texto pelas páginas e é infantil, a tipografia sem serifa é mais indicada. Na capa usa-se uma tipografia manuscrita digital e no miolo sem serifa simples.

2.1.2. Livro *O amor não é óbvio*

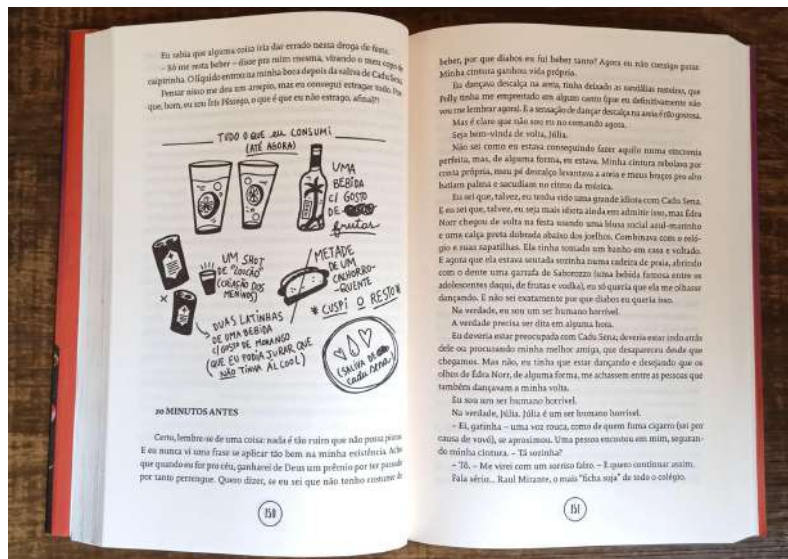
Escrito e ilustrado por Elayne Baeta (2019), a idade de leitura não é indicada. Formato brochura, 22.8 x 15.4cm com 392 páginas, publicado pela editora Galera.

Sinopse do livro: *O amor não é óbvio*. Ele está presente quando você se senta com a sua vizinha idosa para assistir a um novo capítulo da sua novela favorita. Ele é posto à prova quando você escuta as histórias mirabolantes da sua melhor amiga, ainda que nenhuma delas lhe interesse. E, às vezes, ele aparece quando você menos espera e te leva a fazer experimentos científicos munida de binóculos e uma bicicleta amarela.



O amor não é óbvio de Elayne Baeta (2019)

(Fonte: https://www.amazon.com.br/amor-n%C3%A3o-%C3%A9-%C3%B3bvio/dp/8501118265/ref=sr_1_1?crid=14O9WZ6V4Q9U4&keywords=o+amor+n%C3%A3o+%C3%A9+%C3%B3bvio&qid=1660517609&s=books&prefix=o+amo%2Cstripbooks%2C264&sr=1-1)



Miolo do livro *O amor não é óbvio* de Elayne Baeta (Fonte: autora)



Miolo do livro *O amor não é óbvio* de Elayne Baeta (Fonte: autora)

A primeira capa traz a ilustração das duas personagens principais da história, Íris Pêssego e Édra Norr em preto com detalhes coloridos. A quarta capa conta com a ilustração de duas bicicletas, que são elementos importantes dentro da história. A segunda e terceira capa trazem a ilustração do mapa da cidade de São Patrício, onde se passa a história, com todos os lugares que são citados na narrativa. Com traços mais rabiscados em figuras geométricas, representando os quarteirões da cidade, escritos, e outros objetos como: bicicleta, xícara, roda gigante, etc.

A tipografia aparece tanto em digital (com serifa) como em manual, sem serifa e desenhada pela ilustradora/autora, na capa e no miolo. A tipografia com serifa aparece majoritariamente no miolo, justamente por ser um livro longo, com grande massa de texto. Já a manual em títulos e pequenos textos explicativos.

2.1.3. Livro Onda

Escrito e ilustrado por Suzy Lee (2017), a idade de leitura não é indicada. Formato capa dura, 30.7 x 18.3cm com 48 páginas, publicado pela editora Companhia das Letrinhas.

Sinopse do livro: Uma garota curiosa, uma onda brincalhona e um dia na praia. A partir desses elementos, Suzy Lee explora as sutilezas do universo infantil de forma única - sem nem precisar fazer uso das palavras para isso.



Capa do livro Onda de Suzy Lee (2017)



Miolo do livro Onda de Suzy Lee (2017)



Miolo do livro Onda de Suzy Lee (2017)



Miolo do livro Onda de Suzy Lee (2017)

(Fonte: https://www.amazon.com.br/Onda-Suzy-Lee/dp/8574067733/ref=sr_1_1?adgrpid=125170938181&gclid=Cj0KCQjwuuKXBhCRARIsAC-gM0iUhYOxOH1KpBfwMWKWHrrQPagbH7tL4NqAmhcl9HgRmzFyRU32LAaAlaAEALw_wcB&hvadid=552151716622&hvdev=c&hvlocphy=9100910&hvnetw=g&hvqmt=e&hvrnd=9118878253808825563&hvtargid=kwd-307019528622&hydacr=5763_11235982&keywords=onda+suzy+lee&qid=1660511671&sr=8-1)

Os livros de Suzy Lee são sempre muito carregados de sensações e neste livro, como em todos, ela trabalha de modo belíssimo a narrativa visual. As ilustrações de capa e miolo trazem traços em grafite bem minimalistas e expressivos, com volumes para as personagens, aves, montanhas. Na onda, elemento que dá nome ao livro, a aquarela em azul e branco dá vida aos movimentos. E durante todas as páginas a personagem em somente traços preto e branco se diverte junto a onda com seu vai e vem.

2.1.4. Análise de similares

O livro Seis homens traz ao projeto uma característica muito importante, o traço em preto, o contorno na ilustração. Que será utilizado principalmente nos elementos da história que representam a cidade.

Apesar de não ser um livro ilustrado e sim com algumas poucas ilustrações, “O amor não é óbvio” tornou-se uma referência por sua forma de usar ilustrações simples como informativo. O que é muito proveitoso ao projeto.

Assim como as referências anteriores, o livro-imagem “Onda” de Suzy Lee é bem minimalista e suas ilustrações se aproximam bastante do pretendido para este projeto. Sobretudo, vale ressaltar que o traço utilizado neste livro não é o desejado,

atendo-se como referência apenas às seguintes características: sem detalhamento, formas simples, uso da cor como destaque para detalhes importantes, traço evidente. Uso de traço para as personagens e parte do cenário, a onda, que é o um elemento importante da história, não recebe traço, apenas cor.

2.2. ILUSTRAÇÃO

Antes de começar a ilustrar as páginas duplas do livro, foram feitas as personagens e suas respectivas fichas com as posições básicas. Para isto foram feitas pesquisas de referência para a construção de cada uma delas e em seguida obteve-se o moodboard. As características buscadas nas referências eram as seguintes:

- Formato do cabelo;
- Tom de pele;
- Formato dos olhos;
- Poses;
- Estilo do traço;
- Proporção dos corpos.

Após muitas pesquisas, foi feita uma filtragem do que realmente era pertinente e restaram apenas as mais compatíveis com o que se pretendia para cada personagem.

Para a construção dos cenários, principalmente a floresta, igualmente foram feitas pesquisas por imagens que apresentassem características próximas das pretendidas.

- Traço simples ou nenhum;
- Árvores e folhagens;
- Formas mais livres.

E estas foram as imagens selecionadas após a filtragem:

ilustração digital. Com ela seria muito mais prático o desdobramento e replicação de personagens, por exemplo. No digital o processo de tentativa e erro é bem mais proveitoso quando se tem um tempo limitado. E apesar das ilustrações serem digitais, os primeiros rascunhos foram feitos em nanquim sobre papel.

2.2.1. Rascunhos personagens

Flora



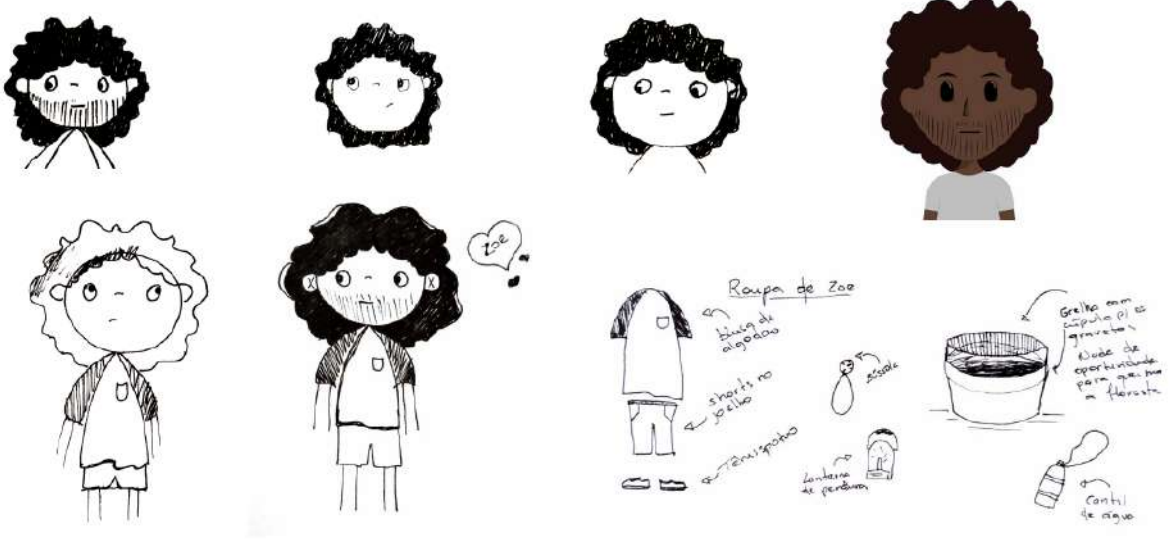
Guardião da floresta



Samuel



Zoe

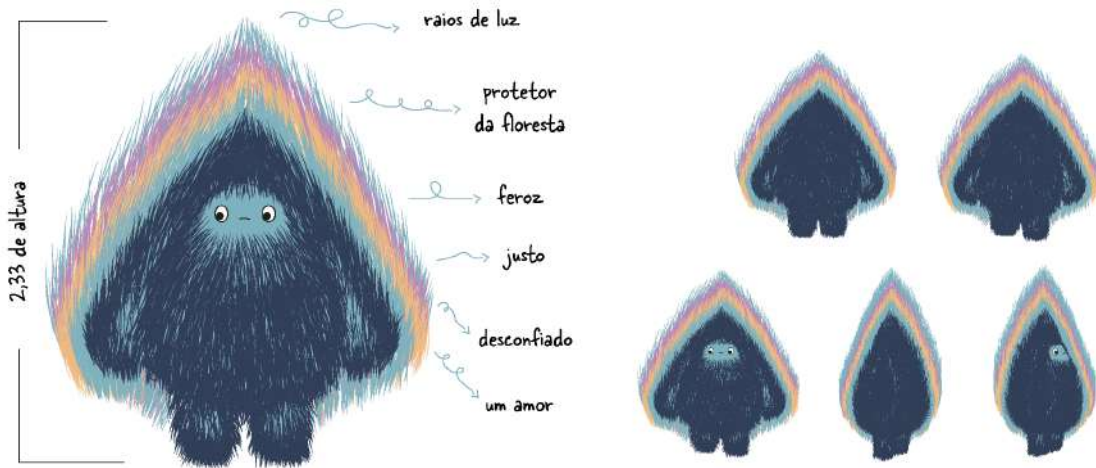


2.2.2. Personagens finalizados

Flora



Guardião da flores



Samuel



Zoe



Cenários



2.3. CAMINHO DE FERRO

Também conhecido como storyboard, o caminho de ferro é uma das primeiras coisas a serem feitas no projeto. A partir dele tem-se uma noção do que esperar de cada página do livro, as relações entre texto e imagem, espaços, dimensão. Além disto ele é um guia até o final do projeto, onde pode-se voltar sempre que necessário para manter o projeto na linha pensada lá atrás. Óbvio que ele não restringe o projeto a ser somente o que foi colocado nele, durante o processo de construção sempre são realizadas modificações. Ele serve como uma base e não como uma limitação. O caminho de ferro encontra-se no anexo 3.2.2.

2.4. PÁGINAS DUPLAS FINALIZADAS

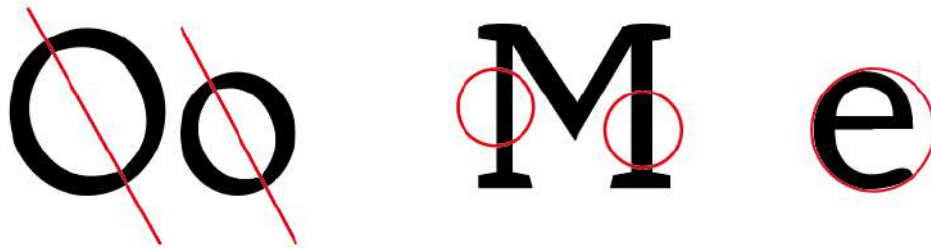
As páginas finalizadas do livro podem ser vistas no anexo 3.2.3, no fim deste documento.

2.5. TIPOGRAFIA

Para compor o miolo foi escolhida uma fonte open, a *Allejo*, criada por Thiago Matsunaga em 2009. Esta fonte possui serifas quadradinhas o que deixa seu desenho diferente das fontes habituais. É recomendado o uso das serifas para que o leitor tenha conforto ao passear seu olhar pelo texto. O que se faz bem importante, pois se trata de um livro com bastante texto.

O texto justificado à esquerda e hifenizado tem o corpo em tamanho 10 pt. A entrelinha é de 16 pt com uma proporção de 160% do tamanho do tipo, 40% a mais que o automático. Desse modo temos um pouco mais de conforto na experiência da leitura do livro.

Aparentemente uma fonte com características humanista/old style, seu eixo é oblíquo com traços modulados, pouca variação na largura das hastes, mais arredondada e larga, uma leve inclinação (quase imperceptível) da haste horizontal do “e” minúsculo. Sua criação parece ter tido inspiração nas fontes humanistas, pois a maioria de suas características apontam nesta direção.



Características da fonte Allejo

E finalmente, o tão esperado dia chegou. (Times New Roman 12 pt)

E finalmente, o tão esperado dia chegou. (Allejo 10 pt)

Comparação do tamanho de corpo entre as fontes Times e Allejo



Fonte Allejo

Para as composições tipográficas foram utilizadas as fontes Baroness kuffner, Marola, Serena, Soupleaf, Verdana hand e Tiza. Todas são fontes open, permitindo seu uso pessoal e comercial. Já para o fólho os números foram feitos à mão.



2.6. PALETA DE CORES

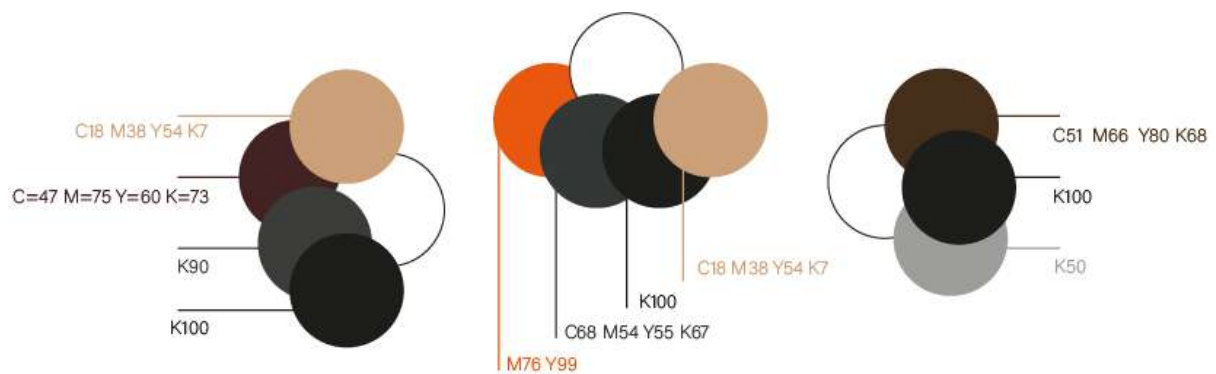
A paleta de cores de cada personagem e cenário foi definida bem antes de começar as ilustrações das páginas. Assim agilizaria o processo e evitaria escolhas aleatórias no meio do caminho.

Neste projeto, a cor, muito além de trazer beleza e vida às páginas, tem o objetivo de dar destaque aos detalhes mais importantes na narrativa. Principalmente aos detalhes que não são mencionados por escrito. Podemos tomar como exemplo a cor de pele das personagens, que não é citada no texto, mas na ficha de criação de personagem está especificado. Ou seja, precisa ser explicitada na ilustração, através da cor.

Outro exemplo que bem mostra a questão de não estar escrito no texto mas estar na ficha da personagem é a cor dos cabelos de Flora, que tem um significado importante. A cor laranja se deve a uma mutação genética resultante do processo somatório dos materiais genéticos de seus pais Samuel e de Zoe. Flora é como o sol que ilumina e traz vida. Não pode deixar de ser citado como exemplo o Guardião, que além de ter o pelo azul, tem uma aura colorida que são os espíritos dos outros guardiões que o acompanham.

No início da história, ainda na cidade, a vida parece monótona, sem vibração, por isso a paleta em tons de cinza. Quando a história passa para a floresta as cores começam a mudar, são mais coloridas. Os tons de cinza dão lugar aos tons de verde da floresta. As paletas são todas em tons pastéis, como haveria bastante

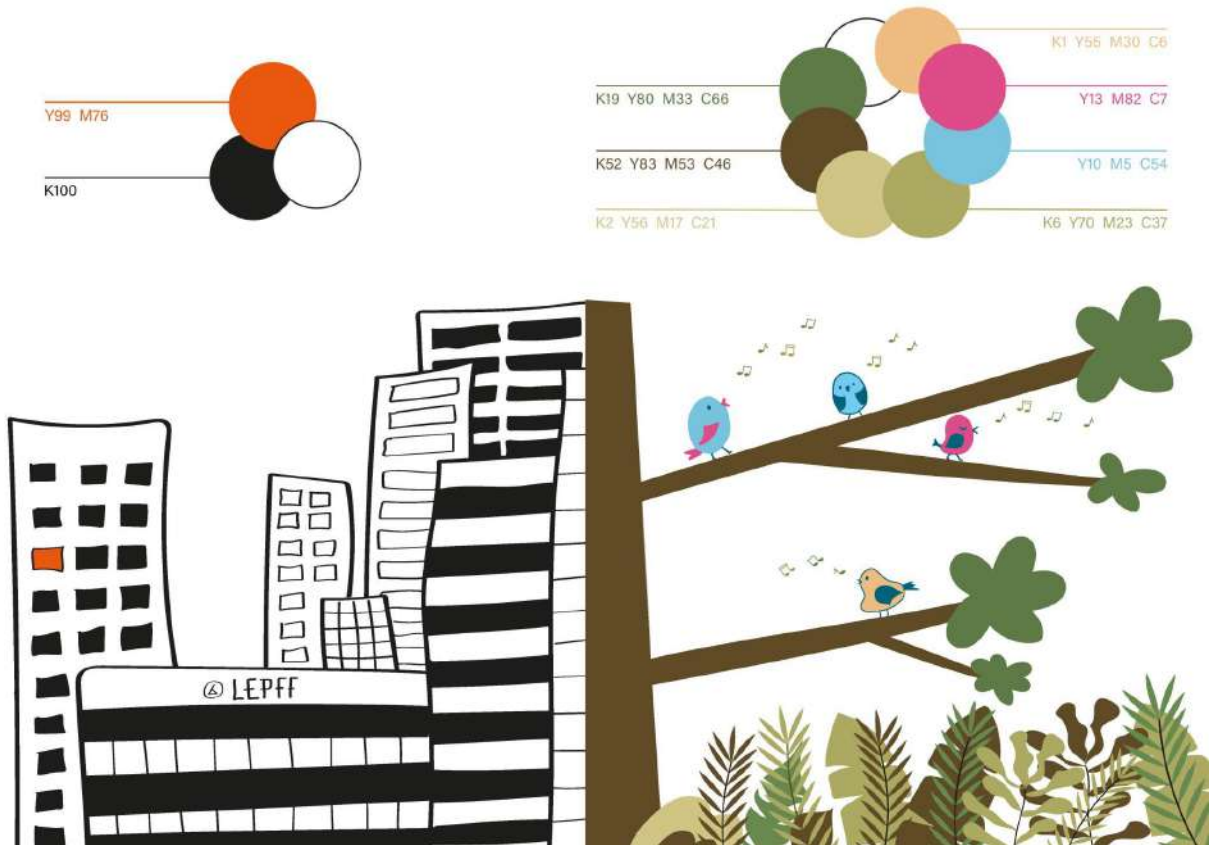
sobreposição de cor, esta escolha pareceu a mais acertada para não haver conflitos.



Paleta de cores das personagens: Samuel, Flora e Zoe.



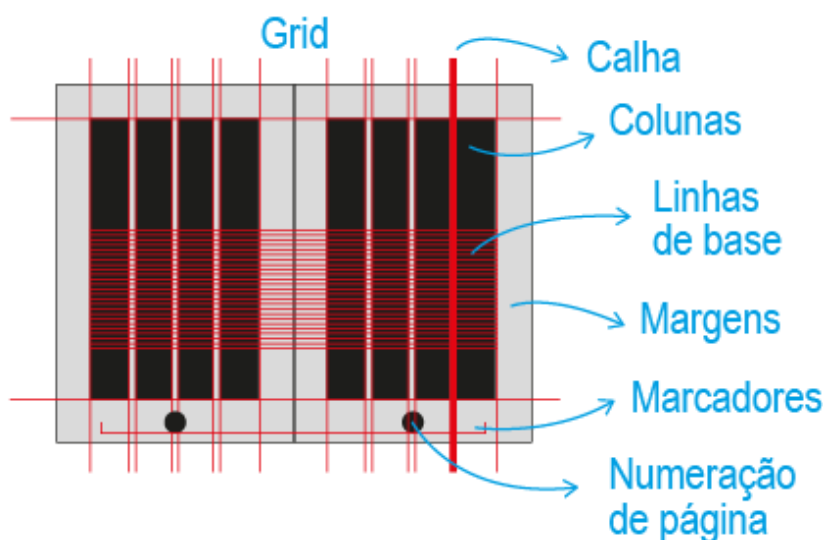
Paleta de cores da personagem Guardião.



Paleta de cores cenários - cidade e floresta

2.7. MANCHA GRÁFICA E GRID

O uso da grade proporciona consistência ao livro, tornando coerente toda a sua forma. Os designers que usam grades partem da premissa que tal coerência visual permite que o leitor concentre-se no conteúdo, em detrimento da forma. Cada um dos elementos da página -texto ou imagem- tem uma relação visual com todos os outros elementos: a grade fornece um mecanismo pelo qual essas relações podem ser formalizadas. (HASLAM, 2007, p. 42)



Mancha Gráfica: área onde o texto é acomodado na página. Ela pode ser limitada por margens de vários tamanhos ou pode ser sangrada.

Grid: formado por linhas verticais e horizontais (colunas, quadrados, retângulos...) de acordo com a margem ou a página. Servem de auxílio na organização dos elementos textuais e imagens na página.

Calha: área de respiro entre as colunas, quadrados, retângulos, módulos tanto na horizontal quanto na vertical.

Coluna: um tipo de grid na vertical que pode ser usado para organizar os elementos de texto e imagem.

Linha de base: são linhas “imaginárias” em que acomodamos o texto para que tenham o mesmo alinhamento por todo o livro.

Margem: responsáveis por definir o limite entre a borda da página e o texto e a imagem.

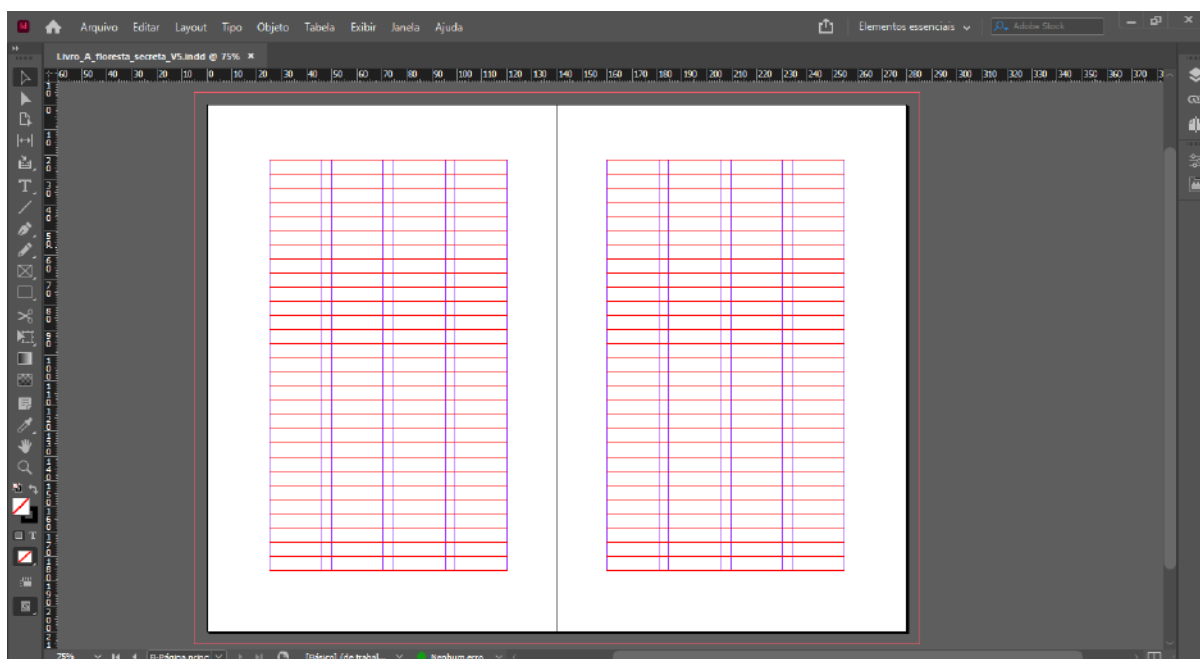
Marcadores/rodapé: área fora do grid, destinada aos elementos que não fazem parte do conteúdo, como: numeração de página, título, editorial e outros.

Numeração de página: localiza-se no marcador e como o próprio nome já diz, serve para identificação da página atual.

O grid é formado por quatro colunas de 22mm x 165mm e calhas de 4mm. Pensado para acomodar uma quantidade maior de texto e ao mesmo tempo ter o mínimo de flexibilidade de acomodação entre texto e imagem.

As margens têm 22,017mm superior, 20mm interna, 24,294mm inferior e 25mm externa. Estas medidas, um tanto quebradas, se dão por estarem

diretamente relacionadas à linha de base. De modo a serem, também, confortáveis para sua impressão posteriormente. O valor das margens superior e inferior parece estranho por ser quebrado, mas se deve a sua relação com a linha de base. Que são 30 linhas com 16 pt de entrelinha alinhadas à margem, como pode ser visualizado na imagem abaixo.



Página mestre do Indesign mostrando as linhas de base dentro da margem

A numeração de página é integrada à ilustração, aparecendo com cor e tipografia desenhada diferentes pelas páginas, sempre coerente com a ilustração da página. O objetivo é deixar a paginação divertida e não só estar lá por obrigação, engessada.

2.8. FORMATO, SUPORTE E ENCADERNAÇÃO

O formato é determinado pela relação entre a altura e a largura da página (no jargão das gráficas editoriais no Brasil a referência ao formato é feita

pela largura e depois pela altura). Na indústria editorial, o termo "formato" é algumas vezes usado erroneamente, fazendo referência a um determinado tamanho. Entretanto, livros de diferentes dimensões podem compartilhar de um mesmo formato. Os livros são geralmente projetados em três formatos: retrato, formato cuja altura da página é maior que a largura; paisagem, formato cuja altura da página é menor que a largura; e quadrado. (HASLAM, 2007, p. 30)

O formato vertical 14 x 21cm (fechado) é bem utilizado, também, para o público infantojuvenil. E esta escolha se deve, principalmente, ao fato do livro ter uma quantidade de texto maior que o encontrado em livros infantis, sendo bom também para o manuseio na hora da leitura.

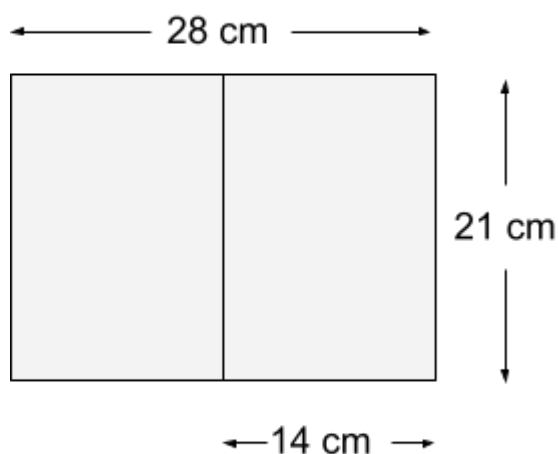


Imagem ? - Formato do livro aberto com suas medidas em centímetros.

O miolo é composto por papel offset 120g/m², um dos mais utilizados pela indústria gráfica devido ao seu baixo custo e variedade de gramatura. Outro fator importante é sua melhor absorção da tinta por não receber nenhum revestimento, sendo ainda resistente à umidade. Sua aparência é branca e fosca de ambos os lados, o que facilita sua impressão frente e verso.

Já para a capa temos o papel supremo 250g/m², por sua textura imensamente lisa de um lado e ligeiramente porosa do outro. Sua alta resistência em razão da variação de gramatura entre 250 e 350g/m² é ideal para impressão de alta qualidade.

No início das considerações do projeto gráfico a encadernação cogitada foi a em capa dura, por atribuir ao projeto uma estética superior, proporcionar maior opções de acabamento e preservação do livro. A brochura/lombada quadrada, entretanto, possibilitaria outros benefícios mais compatíveis com o projeto, como: baixo custo e melhor manuseio. Logo, a melhor escolha para o projeto foi a brochura com cola hotmelt. Processo onde as páginas independentes, sem dobra são unidas por cola quente, hotmelt. Como o público-alvo é a partir de 10 anos não se tem uma maior preocupação quanto ao mau manuseio como se tem com um público infantil.

CAPÍTULO 3 - CONCLUSÃO

Para a construção do conto que compõe o livro, entender a estrutura da narrativa em três atos foi essencial. A partir dela foi possível dividir o conto em: 1) apresentar a personagem principal, Flora; 2) expor os conflitos geral e secundários, Flora se perder na floresta; 3) e resolução dos conflitos, encontro de Flora com seus pais a partir da ajuda do Guardião. E vale lembrar que este é um conto ainda em construção. Fechado para este projeto e posteriormente continua a ser escrito.

Além da construção do livro ilustrado infantojuvenil *A floresta secreta*, este trabalho se dedicou a debater e questionar, mesmo que de modo breve, sobre as formas de representação das personagens negras e LGBTQs na literatura. Sobre como o fazer literário do homem branco cis hétero ainda predomina e interfere de modo negativo nas prateleiras das livrarias, nas políticas públicas de distribuição de livros e principalmente na formação do indivíduo.

Empenhou-se também em mostrar como o ser humano tem destruído de forma acelerada e irresponsável a vegetação do planeta. E como isso é extremamente problemático para o equilíbrio do sistema biológico da Terra e de seus habitantes.

O caminho do livro e a imagem é longo e inicia-se bem lá atrás, há aproximadamente 40 mil anos com o surgimento da escrita. Hoje ele é um objeto essencial para o desenvolvimento das crianças e apreciação de jovens e adultos. Pois, por mais que ele seja majoritariamente para crianças, não exclui as edições

para os adultos. Debruçou-se também em compreender as diferentes categorias e diagramação do livro ilustrado, apontadas por Linden (2011).

O maior desafio neste projeto foi conciliar as três pessoas: autora, ilustradora e designer. A autora queria continuar escrevendo a história, a ilustradora e a designer precisavam da história fechada para começar a produzir as imagens e a diagramação. Por outro lado, ter o controle total dos processos permitiu alterar pequenas coisas no texto que na hora de diagramar ajudariam muito.

A criação das personagens foi outro desafio, pois a ilustração não é um caminho profissional pretendido, e sim um meio para sanar necessidades no processo de design. Entretanto, este projeto foi um sonho realizado, o de dominar todas as áreas que competem a criação de um livro e a partir dele imergir em temas relevantes a todos como sociedade.

Conclui-se que o design é um instrumento facilitador de quebra de paradigmas quando seu “fazedor” põe à parte sua essência capitalista. De igual modo ou até mesmo acima disto, está a literatura. Que libertou a muitos e aprisionou a outros com seu “fazedor” limitado.

3.1. REFERÊNCIAS

ALVES, José Eustáquio Diniz. A transição demográfica e a janela de oportunidade. São Paulo: Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, p. 3, 2008. Disponível em: https://www.ufjf.br/ladem/files/2009/05/transicao_demografica.pdf. Acesso em: 27 ago. 2022.

ARAÚJO, Felipe. História do Livro. Curiosidades. Infoescola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/curiosidades/historia-do-livro/>. Acesso em: 27 ago. 2022.

BAUM, Gabriel Matheus Bernard. O fruto proibido das bibliotecas: literatura de temática LGBTQIA+ nas unidades de informação públicas e escolares. 2021. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/234816>. Acesso em: 27 ago. 2022.

BENTO, Maria Aparecida Silva. A identidade racial em crianças pequenas. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, 2012, p. 98-117. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/630/1684.pdf?sequ>. Acesso em: 27 ago. 2022.

COSTA, Renata. Quem inventou o livro? Nova Escola. 17 ago. 2009. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/2547/quem-inventou-o-livro>. Acesso em: 27 ago. 2022.

DALCASTAGNÈ, R. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, [S. l.], n. 26, p. 13–71, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. Acesso em: 27 ago. 2022.

DALCASTAGNÈ, R. Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas: Alterações e continuidades. Letras de Hoje, v. 56, n. 1, p. e40429, 2021.

Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/view/40429>. Acesso em: 27 ago. 2022.

FERNANDES, Márcia. História da escrita. Toda matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/historia-da-escrita/>. Acesso em: 27 ago. 2022.

FLECK, F. O.; CUNHA, M. F. V.; CALDIN, C. F. Livro ilustrado: texto, imagem e mediação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 21, n. 1, p. 194-206, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/33369>. Acesso em: 01 ago. 2022.

LITOGRAFIA. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5086/litografia>. Acesso em: 01 de agosto de 2022.

MENEGAZZI, D., & DEBUS, E.S. (2018). O Design da Literatura Infantil: uma investigação do livro ilustrado contemporâneo. *Calidoscópio*. Disponível em: https://redib.org/Record/oai_articulo2342240-o-design-da-literatura-infantil-uma-investigacao-do-livro-ilustrado-contemporaneo. Acesso em: 27 ago. 2022.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: prosa 1*. 21ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

MOREIRA, Ardilhes. Governo federal está desde 2014 sem comprar livros de literatura para escolas públicas. *G1*. 29 set. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/governo-federal-seguira-sem-entregar-novos-livros-de-literatura-para-bibliotecas-escolares-em-2018.ghtml>. Acesso em: 27 ago. 2022.

SANTIAGO, Emerson. Escrita. Comunicação. Infoescola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/comunicacao/escrita/>. Acesso em: 27 ago. 2022.

SANTOS, J. R. de O.; BOTOSO, A. Quase ausentes: autoria e representações de personagens negros no PNBE. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S. l.], v. 31, n. 3, p. 121–143, 2021. DOI: 10.35699/2317-2096.2021.29447. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/29447>. Acesso em: 27 ago. 2022.

SOUSA, Rafaela. "Desmatamento"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/o-desmatamento.htm>. Acesso em 16 de agosto de 2022.

SOUZA, Mariana Silva; ARAÚJO, Débora Cristina de. Crianças negras nas ilustrações de Josias Marinho. *Revista da ABPN*. v. 12, n. 33, p. 197-220, 2020. Disponível em: <https://1library.org/document/qm8m927z-criancas-negras-nas-ilustracoes-de-josias-marinho.html>. Acesso em: 27 ago. 2022.

Uma breve história da escrita. Espaço do Conhecimento UFMG. 02 abril, 2020. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/historia-escrita/>. Acesso em: 27 ago. 2022.

WOO, Stela Yu Jin. *Noite: livro ilustrado infantil*. 2016. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/15668>. Acesso em: 27 ago. 2022.

XILOGRAVURA. In: *ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7 Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14335/xilogravura>. Acesso em: 01 de agosto de 2022.

ZIMMERMANN, Marta Elisa. *Design editorial de livro ilustrado infantil*. 2019. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/219362?locale-attribute=pt_BR. Acesso em: 27 ago. 2022.

3.2. ANEXOS

3.2.1. Conto *A floresta secreta*

Era um domingo comum na casa de Flora. Após o almoço todos ficavam conversando na sala. Geralmente seus pais contavam histórias incríveis e ela adorava. Principalmente quando falavam de como era o planeta há tempos atrás.

— A vida nunca mais foi a mesma, começou Samuel, depois que grandes florestas foram extintas pelo mundo inteiro. Nos perguntamos todos os dias como isso aconteceu. E tentamos imaginar como era a vida há algumas centenas de anos atrás. Quando era possível conhecer as maiores florestas, como a do Congo e a Floresta Amazônica. Lugares belíssimos, com grande diversidade, abrigando inúmeras espécies de animais, plantas e árvores.

— A maioria das pessoas não se interessam pelas histórias de como era o nosso planeta. E como nós, seres humanos, destruímos tudo. Hoje vivemos no que sobrou da Terra. Tentamos reconstruir alguns biomas a partir de algumas amostras preservadas por pessoas que sabiam que o futuro era sombrio.

— Existe um lugar onde ainda é possível respirar o ar puro vindo das árvores, ouvir o canto dos pássaros e beber água direto de um rio. Todos acham que isto são apenas histórias contadas pelos antigos. Além de ficar longe das cidades, o caminho é desconhecido. Por isso quase ninguém chegou até lá para comprovar. Quando eu era pequeno, meu pai me levou até lá. Falou da importância das florestas, dos animais e de protegê-los, pois se todos soubessem ele iria desaparecer.

— Depois daquele dia eu somente conseguia pensar em como manter aquele lugar vivo e longe de todos. Mas logo em seguida meu pai se foi e nunca mais voltei lá, pois só ele conhecia o caminho.

Quando terminou de falar, Samuel, virou para seu lado esquerdo, abaixou, pegou uma caixa com algumas coisas e entregou à Flora, como presente antecipado por seu oitavo aniversário que estava bem próximo.

A menina, muito animada com o presente, agradeceu e tratou de correr até seu quarto para investigar cada item da caixa. Havia livros, fotos, papéis rabiscados e um pequeno pendrive que continham alguns arquivos e vídeos feitos por seu avô. Enquanto isso Samuel continuava na sala conversando com Zoe sobre as histórias maravilhosas que ouvia de seu pai na infância. De quanto tempo não mexia naquelas coisas, que nem lembrava mais que elas haviam o inspirado a fazer o que ele fazia hoje.

Samuel e Zoe eram grandes defensores do Planeta e trabalhavam no LEPFF — Laboratório de Experimento e Preservação da Fauna e Flora do Regional VIII — onde moravam. Lá eles cultivavam as poucas espécies de flora que sobreviveram aos grandes desmatamentos. Realizavam muitos estudos e experimentos para um dia possivelmente reconstruir parte dos biomas.

Flora é uma menina adorável, vive com seus pais na barulhenta 'floresta de cimento'. Passa a maior parte do seu tempo imaginando como seria uma floresta de verdade, com muitas árvores, animais e terra.

Depois de passar o dia todo olhando repetidamente as fotos e os vídeos sobre aquele lugar mágico, Flora teve um estalo e disse em voz alta:

— Achei!! É aqui!

Samuel e Zoe, que estavam no quarto ao lado ouviram e foram ver o que Flora tinha achado naquela hora que não estava dormindo. Quando abriram a porta era uma zona só.

— Pai, achei!! Agora podemos encontrar a floresta do vovô. E esticou a mão em direção a Samuel e Zoe e entregou um papel com vários rabiscos, que se não olhado com atenção, ninguém diria ser um pequeno mapa para algum lugar.

Em meio a um largo sorriso Flora disse:

— Temos que ir até lá. É isto que quero de aniversário.

Zoe e Samuel se entreolharam sem dizer uma palavra. Após um breve silêncio Zoe ajudou Flora a ir para cama, já era bem tarde e no dia seguinte todos iriam acordar bem cedo. A menina não conseguia pensar em outra coisa se não em conhecer aquele lugar.

Samuel ficou muito atordoado com o papel. Como não tinha conseguido perceber por todos estes anos que aquilo era um mapa? Zoe tentava acalmá-lo dizendo que era compreensível que precisasse se afastar de tudo que lembrasse o pai, pois estava passando por algo difícil. Naquela noite ninguém conseguiu dormir bem.

Alguns dias e finalmente Flora completava seu oitavo aniversário. Ao descer para o café da manhã, seus pais a esperavam com alguns enfeites pendurados, uma mesa cheia de coisas gostosas e uma caixa pequena envolta em um lindo papel de presente. A menina foi abraçada calorosamente por seus pais em meio a felicitações por seu aniversário. Em seguida, Samuel entregou a singela caixa. Curiosa por saber o que havia dentro, rasgou com rapidez o papel e abriu a caixa. Por alguns instantes de silêncio, a menina olhava com uma expressão de muito espanto para o conteúdo da caixa. E num supetão se jogou nos braços de seus pais e só sabia agradecer.

Flora desde pequena sempre que podia acompanhava seus pais no trabalho. Ajudava a cuidar das plantas, perguntava sobre tudo e assim cresceu com o mesmo amor que Samuel e Zoe pela natureza. Desde que recebeu os pertences de seu avô não pensava em nada além de conhecer aquela floresta escondida. Quando viu aquela bússola dentro da pequena caixa que recebeu de presente, seu coração palpitou tão forte que parecia que ia sair pela boca.

A menina não via a hora de pegar a estrada rumo ao seu sonho: de ser parte da natureza. Como ela viu nas coisas velhas de seu avô e ouvia nas histórias que seus pais a contavam todas as noites antes de dormir.

E finalmente, o tão esperado dia chegou. O carro nem tinha mais espaço para tanta coisa que eles estavam levando. É como sempre dizem seus pais: "melhor prevenir".

Quando já estavam bem distantes da cidade e se aproximando da pequena e secreta floresta, Flora podia sentir o ar puro e fresco no seu rosto, que adentrava a janela do carro. E o cinza

barulhento se tornou silencioso e verde. Algumas horas de viagem e finalmente o sonho da menina torna-se realidade. Bem ali à sua frente estava uma floresta de verdade.

Estacionaram o carro em uma grande área de gramado na entrada da floresta. Era perfeito para armar a barraca, fazer uma fogueira, colocar o telescópio e observar as estrelas à noite. Na cidade quase não era possível vê-las por conta de ser totalmente iluminada.

— Flora!! Olha que lindo aquele pássaro!

— Olha aquele outro, papai Zoe! Eles cantam bem alto.

Tinha bastante coisa para tirar do carro, Samuel e Zoe pegavam as pesadas e Flora as leves. Depois de carregar tudo para onde seria o acampamento, eles olharam para aquele amontoado e sabiam que tinham levado coisas demais.

— Vamos armar a barraca, amor? E Flora, você pode pegar estes gravetos espalhados por aqui para fazermos a fogueira. Pediu Samuel.

Enquanto seus pais, bem enrolados, armavam a barraca, Flora ia catando os galhos. Encantada com cada detalhe, se via em uma experiência única e sentia que deveria registrar tudo com muito cuidado. Foi andando e tudo a distraía pelo caminho. Avistava uma flor e precisava se inclinar para admirar mais de perto suas cores. Tateava cada árvore para sentir a textura dos troncos. Dava pra sentir com a ponta dos dedos a aspereza e os pequenos buraquinhos que se estendiam por todo o tronco. Às vezes apareciam algumas formigas que subiam nas mãos de Flora. Ela deixava que passassem por sua mão enquanto as observava.

Quando finalmente terminaram de armar a bendita da barraca, se deram conta da falta de Flora. Começaram a andar ali por perto e chamavam a menina.

— Onde se meteu essa garota, Samuel?

— Deve estar nos pregando uma bela peça. Isto é a cara de Flora.

— Nós vamos te achar garotinha e vamos te encher de cócegas, você vai ver.

Alguns minutos procurando a menina e começaram a ficar preocupados com a brincadeira que não acabava. — Flora, já chega. É melhor você aparecer. Estamos preocupados. Gritou novamente Zoe. E nada se ouvia de volta. Zoe e Samuel se olharam e como de costume já sabiam o que o outro estava pensando.

Quando Flora se deu conta estava muito longe do acampamento e logo tratou de voltar. Mas quanto mais caminhava, mais parecia estar se afastando. Junto com a tarde veio o medo e Flora começou a gritar por seus pais, mas nada ouvia de volta. Após inúmeras tentativas de encontrar o caminho, sem sucesso e exausta, decidiu sentar-se junto às enormes raízes de uma árvore, que parecia o prédio onde morava de tão alta. Por um instante fechou os olhos e um barulho a despertou recordando que ainda estava perdida e aquilo que parecia ser seu sonho estava virando um grande pesadelo.

Do outro lado da floresta estavam seus pais, aflitos e cansados de tanto gritar e correr à sua procura. Era uma luta contra o tempo, pois eram somente os três naquela imensidão verde e desconhecida. Logo a noite viria e tudo seria bem pior.

— Flora!! Gritava, Zoe desesperado.

Samuel sentou em um pedaço de tronco caído, apoiou os cotovelos nos joelhos, levou as mãos à cabeça e falava descontroladamente: — É tudo culpa minha. Eu não devia ter feito essa loucura. Como vamos encontrar nossa pequena neste lugar?

Zoe, como sempre, o acalmava.

— Nós vamos encontrá-la. Daremos risadas disto um dia. Nós vamos encontrá-la.

Samuel só conseguia pensar em como aquilo era culpa dele e chorava sem parar. Zoe o chamou para continuar procurando, pois eles precisavam encontrar a menina antes do anoitecer e assim fizeram.

Flora levantou e decidiu continuar a chamar por seus pais. Assim eles poderiam encontrá-la, afinal, uma certeza ela tinha: seus pais a estavam procurando por toda a floresta. Ela não fazia ideia de onde estava, nem pra onde ir, mas sabia que não podia ficar ali parada sem fazer nada.

O pavor de nunca mais rever seus pais, não a impediu de admirar as belezas daquele lugar. Sentia-se uma extensão da floresta, como um rebento retornando ao lar, por mais estranho que aquilo se mostrasse.

Cansada e com fome, ela abrigou-se debaixo de uma outra árvore. Um som de passos a fez saltar e com os olhos arregalados, à espera de seus pais, viu uma figura que a fez tremer de medo e admiração.

— O que faz aqui pequena? Com um timbre de voz rouco e grave, perguntou o Guardiã da floresta, à menina que mal se aguentava nas pernas de tanto que tremia.

Não acreditando no que estava acontecendo, a menina levou a mão direita ao braço esquerdo e deu um pomposo beliscão. E pensou: “Sonhando não estou. Mas como isso é possível?” Ela nunca havia visto um ser da floresta, apenas nos filmes e livros. Mas sabia que aquele era bem diferente de todos que já havia ouvido falar. Dele saíam pequenas faíscas de diferentes cores que o iluminavam.

E novamente o Guardiã perguntou e antes que completasse a frase, Flora o interrompeu.

— Estou perdida. Meus pais devem estar me procurando.

O Guardiã a olhava intrigado e com bastante receio. Parecia tentar ler suas intenções naquela floresta. Era muito difícil ter humanos por ali e as vezes que apareceram tinham más intenções.

Com a tarde já findando e a escuridão se derramando lentamente sobre a floresta, havia apenas o brilho das estrelas e da lua cheia. A cada uivo que se ouvia era um bater de dentes. Flora assustada buscou com o olhar o Guardiã, a única possível companhia, mas não o encontrou. E novamente se sentiu sozinha.

O Guardiã nada satisfeito com aquela presença inconveniente resolveu se afastar e deixar que a floresta se encarregasse daquela intrusa, como era de costume. Com o avançar da noite os uivos eram cada vez mais altos. A menina, horrorizada com aquele som totalmente desconhecido e apavorante, não conseguia se mover para buscar refúgio. E mesmo que tentasse não conseguiria, pois, além de não conhecer a floresta, também não enxergava nada.

Então ficou ali, abraçada aos seus joelhos chorando em silêncio e suplicando para que não fosse vista pelo o que quer que fosse o dono daquele som horripilante.

Samuel e Zoe ainda caminhando pela floresta em busca de Flora, ao ouvir o uivo estremeceram. A ideia de que a menina poderia estar sendo atacada por um animal feroz os deixava ainda mais apavorados. E a noite se apresentou com sons nada agradáveis para quem já estava assustado.

— O que faremos agora Zoe? Não temos mais pilhas.

— Vamos ter que esperar amanhecer e continuar as buscas. Não tem outro jeito. Disse Zoe, enquanto aproveitava os poucos feixes de luz da lua para procurar um lugar onde pudessem se acomodar.

O sol surgiu por entre as árvores e um raio tocou o rosto de Flora. Novamente surgiu no meio dos arbustos, o Guardiã e a menina pulou de susto. E mais uma vez questionou a garota sobre suas intenções naquele lugar. Flora já não tinha forças para responder.

O Guardiã insatisfeito com a falta de resposta da garota mais uma vez sumiu no meio de alguns arbustos. Flora, desta vez, estava bem atenta aos passos dele e resolveu segui-lo. Levantou e caminhou até os arbustos. Usando as duas mãos afastou os galhos para passar. Depois de ter atravessado, avistou algo que parecia impossível. Um imenso lago cercado de árvores. A luz do sol tocava a água e tudo brilhava tanto que mal era possível abrir os olhos. Depois de olhar de um canto ao outro viu algumas frutas e sem pensar, correu para pegá-las.

Já saciada, aproximou-se do lago para beber um pouco de água. Tão transparente, tão limpa, que dava para ver até os menores peixes nadando. E lembrou das histórias de “princesas-sereias” com caudas brilhantes que deslizavam pela água e logo tratou de mergulhar. Era algo impossível e que ninguém acreditaria se contasse. Flora sorria até com os olhos de tanta felicidade. Pulava no lago, apanhava água com as mãos e jogava para cima, nunca se divertiu tanto em sua vida.

O Guardiã, escondido, observava atentamente a menina. Depois de tantas perdas ele já não podia confiar nem mesmo em uma doce garotinha.

Aquela pequena floresta já havia conhecido muitos guardiões, que desde sua existência eram seus grandes protetores. Algumas porções de anos atrás, quando aquele bioma era grande e diverso, humanos o descobriram. Eles carregavam em suas mãos não só machados e rifles, mas o desejo de conquistar tudo o que seus olhos tocassem. Os guardiões eram vistos como troféus, sua ferocidade incitava em cada um daqueles humanos a necessidade de matá-los e exibi-los na volta das caçadas. Com os ataques cada vez mais constantes e bem equipados, os guardiões estavam em desvantagem e pouco a pouco eram derrotados. As perdas eram percebidas dos dois lados, o que aumentava ainda mais a sede de sangue dos humanos e diminuía o exército de guardiões.

Depois de longas batalhas entre humanos e guardiões a floresta estava completamente vulnerável. Os poucos guardiões que sobreviveram, sabiamente, se retiraram da luta e se esconderam em uma parte distante e secreta da floresta junto com outros animais, onde os humanos nunca conseguiram chegar. Lá construíram um refúgio e permaneceram imperceptíveis até que um pequeno grupo de biólogos por acidente os encontraram. Deste pequeno grupo, fazia parte Lorenzo, o pai de Samuel, um dos biólogos interessados em proteger os resquícios de fauna e floresta que sobreviveram pelo mundo. Uma tarefa nada fácil, já que os caçadores disputavam uma corrida com

eles para ver quem encontrava primeiro estes lugares e demarcava território. Era preciso que houvesse um sigilo total entre os integrantes da equipe, pois um passo em falso e todo o trabalho era perdido.

Ao longo de alguns anos os biólogos observaram e registraram de longe a vida daquela floresta e dos animais. Não interferiam, apenas protegiam. Havia diversidade de espécies que pareciam se apoiarem e evoluírem juntas. Como os guardiões que receberam alguns poderes oriundos de forças da floresta. Assim, mesmo em menor quantidade poderiam proteger seu lar. Além de força, os guardiões tinham algumas tradições que passavam de geração em geração. Como manter viva a memória de cada guardião. Quando um dos ancestrais estava pronto para se juntar ao espírito da floresta eles se reuniam e realizavam rituais que passavam os poderes e as memórias para os que ficavam. Assim foi acontecendo até que restou apenas um guardião.

Ele não era apenas ele, mas a força e memória de todos os seus ancestrais. Trazia em si as dores, lutas e superações que marcaram as gerações anteriores. Sempre a espreita, vigilante, carregava a responsabilidade de afastar tudo o que pudesse ameaçar a vida daquele lugar. Com isso, a solidão virou sua maior companhia desde muito novo, quando começou a percorrer a pequena floresta para guardá-la.

Como o tempo não faz pausas, as horas foram avançando e a menina teve a sensação de que estava sendo vigiada por detrás dos arbustos. Mas estava feliz demais para perder tempo com medos.

Do outro lado do lago havia alguns animais, que ao verem a menina chegando, se esconderam. Por entre os arbustos foram se aproximando lentamente da menina e armaram o bote para atacar. Um imponente rugido estremeceu toda a floresta. O Guardiã se pôs entre os animais e a menina e deu a ordem para que todos se afastassem.

Flora estava totalmente distraída, com o alvoroço imediatamente virou e lá estava o Guardiã à sua frente, pronto em defendê-la. Com os olhos arregalados e o coração palpitante tentava entender o que estava acontecendo.

O Guardiã seguia rigorosamente os ensinamentos deixados por seus ancestrais, que incluíam praticar a justiça. Aquela garotinha não havia, até então, apresentado ameaça real e ele estava acompanhando cada passo dela desde que entrou em seu caminho. Por ser muito respeitado por todos, sua ordem foi acatada, mesmo que parecesse ser um grande erro. Os animais, muito apreensivos e desconfiados, aos poucos foram se afastando até que todos sumiram à vista da menina.

Passado o susto, Flora se deu conta que precisava continuar sua jornada. Decidiu, então, se aproximar do Guardiã e pedir ajuda. Mas ele temia que aquilo tudo fosse apenas uma boa armadilha para caçar o último vivo de sua espécie e se negou a ajudá-la.

A menina, decepcionada, tomou algumas frutas pela mão e seguiu seu caminho perdido na tentativa de reencontrar seus pais. Parecia em vão, sentia que cada vez mais se distanciava deles, mas não desistiu e continuou. Flora nunca desejou tanto algo como desejou ter nas mãos a bússola que ganhou de aniversário. Com ela, encontrar o caminho de volta seria muito mais fácil. Tentou se

lembrar das aulas de localização geográfica e se guiar pelo pôr do sol, mas não conseguia recordar se o acampamento estava ao norte, ao sul, à sudeste...

“Passos?” Pensou Flora ao ouvir sons de galhos sendo quebrados. E parou para melhor observar a sua volta. Nada via, nem ouvia. Apreensiva continuou caminhando devagar para testar se ouviria mais sons de passos. Dito e feito! Os sons de passos à sua volta continuavam.

— Oi! Quem está aí?

Como resposta tinha apenas o som dos pássaros que cantavam por toda a floresta. E mais uma vez insistiu:

— Tem alguém aí?

Flora sabia que estava sendo observada, sua dúvida e medo era se pelo Guardiã, que a protegeu, ou pelos outros animais que desejavam atacá-la. Não havia muito o que fazer, então apanhou um pedaço de galho robusto e continuou sua caminhada.

— Pai, estou aqui! Gritava Flora para o alto, já meio rouca e tentando ignorar os sons de passos.

Num breve instante em que ela olhou para o alto, não reparou uma descida íngreme e tomou um belo escorregão parando bem abaixo do caminho em que estava. Tentou subir agarrando em algumas raízes, mas era impossível. Além de ser alto e íngreme, não havia raízes suficientes para chegar ao topo. No entanto, foram inúmeras as tentativas até buscar um outro caminho.

— Não posso parar. Eu vou conseguir. Falou a si mesma bem baixinho enquanto ainda estava agarrada à uma raiz.

Virou-se para tomar um novo caminho e deu de cara com dois cervos a cercando. Amedrontada buscou com o olhar seu pedaço de galho na tentativa de afastá-los.

— Eu não quero fazer mal a vocês. Só quero encontrar meus pais. Dizia Flora com a voz trêmula ao mesmo tempo em que os animais se aproximavam mais. Dando um passo para trás ela pisou no seu pedaço de galho. Abaixando rapidamente, pegou o galho, apontou para os animais e gritou:

— Deixem-me ir! Não me obriguem a machucar vocês. E deu um passo para frente ameaçando um golpe na direção dos cervos. Eles se assustaram e saíram correndo.

Desta vez o Guardiã não apareceu para protegê-la e seu medo parecia aumentar, agora não poderia contar com ninguém mesmo.

No novo caminho havia alguns micos pendurados pelas árvores que emitiam sons que mais pareciam enviar a localização da menina para os outros bichos da floresta. Porém Flora não se intimidou e continuou.

Os animais estavam muito descontentes com a posição do Guardiã, que preferiu deixar aquela ameaça à solta. Decidiram eles mesmo resolver, e se revezavam para intimidar a menina, até que o lobo aparecesse para dar fim a tudo. Seus uivos estremeciam, suas garras eram bem afiadas e seus dentes prontos para mordê-la. Decidiu não atacar de imediato e seguiu a menina por um longo caminho esperando o momento perfeito. Quando Flora, cansada de andar, sentou e largou o galho robusto que carregava, o lobo projetou-se para atacar. Quando ela percebeu deu um enorme grito. Toda a floresta ouviu, inclusive seus pais.

Flora jogada ao chão, o lobo com as duas patas dianteiras sobre seu peito segurando-a, a boca entreaberta exibindo seus afiados dentes e derrubando algumas gotículas de saliva sobre seu rosto, pronto para devorá-la. A menina perdeu completamente a reação e desta vez o medo a consumiu de uma forma que a paralisou. Ela fechou os olhos e só podia imaginar aqueles dentes dilacerando toda sua carne.

Samuel e Zoe estavam caminhando e gritando o nome de Flora, no intervalo de tempo em que se calaram ouviram um grito de pavor que ecoou por todo canto. Não tinham dúvidas, era Flora e desta vez estava realmente em perigo. Começaram a correr no sentido de onde parecia vir o grito, torcendo para que ela estivesse viva. Corriam, corriam e nada viam. Já não tinham certeza de onde vinha o grito de Flora. Pararam esbaforidos, apoiando as mãos nos joelhos atentos para qualquer som que os indicasse o caminho correto até a menina. Não se ouvia nada além dos sons dos pássaros cantando.

Um outro grupo de micos apareceu no alto das árvores ao redor deles e gritavam muito alto, o que deixava Zoe e Samuel mais atordoados. Eles mandavam os micos se calarem e mais alto gritavam. E de repente os micos sumiram.

E como de supetão, algo atingiu o lobo pelo lado direito e o lançou contra uma enorme pedra. O lobo, desorientado, sem saber o que o atingiu, somente fugiu para bem longe da menina. Que ainda estava estatelada no chão.

— Quem está aí?

O Guardiã depois de muitas lutas internas decidiu se aproximar e falou à menina: — Não confio em você pequena, mas irei te guiar pelo caminho até seus pais.

O rosto de Flora se iluminou com um sorriso e seguiram.

A menina tinha muita curiosidade e o Guardiã muita desconfiança.

— O que é esta coisa gosmenta e fria?

— Uma lesma.

— E aquela árvore, qual o nome dela?

— É uma Andiroba.

— Por que a terra está úmida?

— Porque as árvores cobrem tudo, impedindo que a luz do sol faça evaporar a água que nela está.

E assim continuaram por todo o caminho que era repleto de inspiração e aprendizado para Flora.

— Como saberemos onde Flora está agora?

— Vamos seguir nosso coração, Samuel.

— O que seu coração diz Zoe?

— Vamos voltar para o acampamento. Estamos rodando, rodando e sinto que estamos ainda mais longe da nossa garotinha.

Samuel armou-se para discordar, chegando esboçar o início de uma palavra, mas voltou atrás, recordou de quão grande é a ligação entre Flora e Zoe. Que suas intuições sempre estavam certas. E tomaram o caminho de volta para o acampamento.

De fato, Zoe não estava errado. Flora agora tinha a companhia do Guardiã para finalmente encontrar o acampamento em segurança. Todos os animais estavam de olho neles.

— Pequena humana o que faz aqui na floresta?

— Vim com meus pais para conhecer a floresta. Nunca tinha visto uma de verdade. Eu nunca vi nada tão lindo, tão cheio de vida. Meu pai sempre me contam histórias de como eram as florestas e eu nunca imaginei nada nem de perto do que estou vendo aqui.

— Há alguns dias antes do meu aniversário, meu pai Samuel me deu algumas coisas do meu avô e encontrei um mapa com a localização deste lugar.

Flora falou para o Guardiã, com detalhes, sobre cada item da caixa do avô. De como ela ficou totalmente apaixonada pelo que viu e da vontade que nasceu em seu coração de ir até lá. O Guardiã ouvia atentamente, tentando identificar nas palavras da menina alguma mentira, maldade. Mas tudo que via era pureza de coração.

— Me fale mais sobre seu avô, pequena.

— Não conheci meu avô. Meu pai me contou muitas coisas sobre ele e com a caixa dele senti que estávamos de alguma forma mais perto. Ele era muito inteligente, era biólogo e amava a natureza igual aos meus pais. Ele fez muita coisa para proteger este lugar, como você parece fazer, sabia?

O Guardiã ficou intrigado com as coisas que ouvia da menina e as memórias de seus ancestrais começaram a vir à mente.

— Como era o nome do seu avô?

— Lorenzo.

Aquele nome trouxe muitos flashes de memória ao Guardiã e começou a falar sem reservas à menina.

— Lorenzo foi um grande defensor do nosso lar, junto com meus ancestrais. Ele e seus amigos sempre nos observavam e cuidavam para que caçadores não nos encontrassem. Foram nossos grandes amigos. Mas um dia eles não voltaram e não se soube mais deles, até que você apareceu, pequena.

— Então você conheceu meu avô?

— De certa forma, o conheci sim.

A menina não conseguia não admirar o Guardiã. Ele era tão bonito, brilhante e era tão bom ouvi-lo falar. Principalmente, as muitas coisas sobre seu avô que provavelmente seu pai Samuel não sabia.

De repente o Guardiã se viu totalmente entregue àquela doce menina que o indagava a respeito de tudo. Sentindo que aquela humana era diferente de todos que haviam passado por sua vida, já não esperava vir uma pergunta para apresentar tudo à menina com prazer, como nunca havia feito antes.

Após percorrerem um longo e divertido caminho eles se aproximaram do acampamento. O Guardiã se lembrou do medo que sentia dos seres humanos e de repente parou assustando a menina.

— Não tenha medo. Nós não vamos fazer mal a você. Meus pais amam a natureza, os animais.

No acampamento, finalmente, Flora chamava por seus pais e olhava na barraca, no carro, nas proximidades. Não os encontrando sentou ao lado do Guardiã para esperar a volta de seus pais.

Após alguns instantes Zoe e Samuel chegaram ao acampamento e encontraram Flora ao lado do Guardiã e se assustaram. Eles lembraram do grito da menina, com os pedaços de madeira que tinha nas mãos foram de encontro ao Guardiã para atacá-lo. O Guardiã se armou e deu um grande grunido. Ao mesmo tempo Flora se levantou e pôs-se à frente do Guardiã e gritou:

Samuel e Zoe de um lado, o Guardiã do outro e Flora no meio, os separava e os unia.

— Saia da frente, Flora.

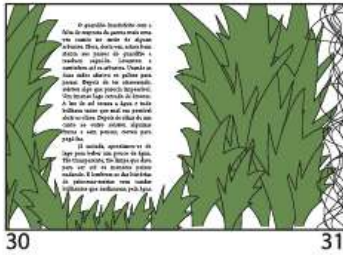
— Não.

— Escute sua filha, Samuel. Acalme-se.

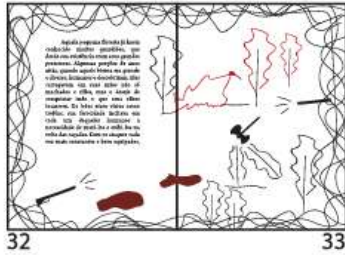
E todos se calaram e se olharam intensamente até que Flora correu e abraçou seus pais como se não os visse há anos. Ainda abraçando seus pais, Flora viu o Guardiã se afastando e correu até ele, tocando em seu rosto, prometeu que voltaria para vê-lo e que sempre protegeria aquele lugar mágico.

3.2.2. Caminho de ferro

<p>PADRÃO DESENHOS</p>  <p>continuação da 2ª capa</p> <p>01</p>	<p>desenhos</p> <p>FALSA FOLHA DE ROSTO</p> <p>02 03</p>	<p>FICHA TÉCNICA</p> <p>FOLHA DE ROSTO</p>  <p>04 05</p>
<p>PÁG DUPLA DE ABERTURA</p> <p>06 07</p>	 <p>08 09</p>	<p>continuar o desenho da pag anterior</p>  <p>10 11</p>
 <p>12 13</p>	<p>ACHEI!!</p> <p>14 15</p>	<p>FLORA</p> <p>16 17</p>
<p>18 19</p>	 <p>20 21</p>	<p>FLORA!</p> <p>22 23</p>
 <p>24 25</p>	 <p>26 27</p>	<p>AUUE</p> <p>28 29</p>



30



31



32

33



34

35



36

37



38

39



40

41



42

43



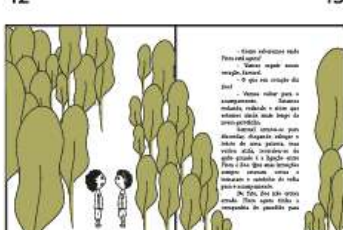
44

45



46

47



48

49



50

51



52

53



54

55



56

57



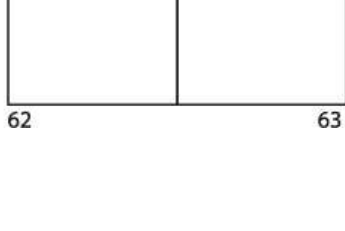
58

59



60

61



62

63



64

65



60

61



62

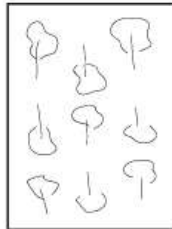
63



64

65

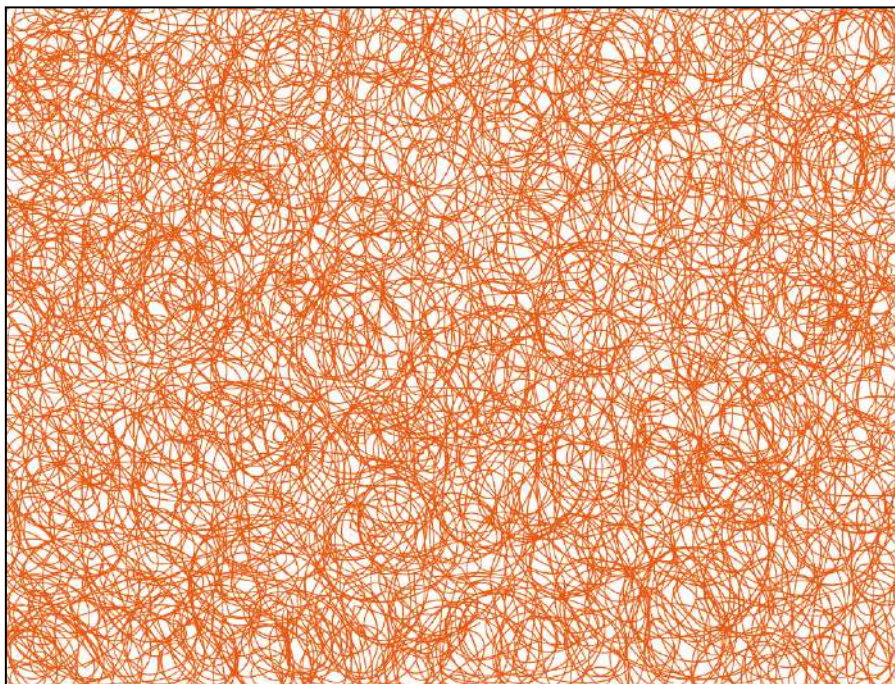
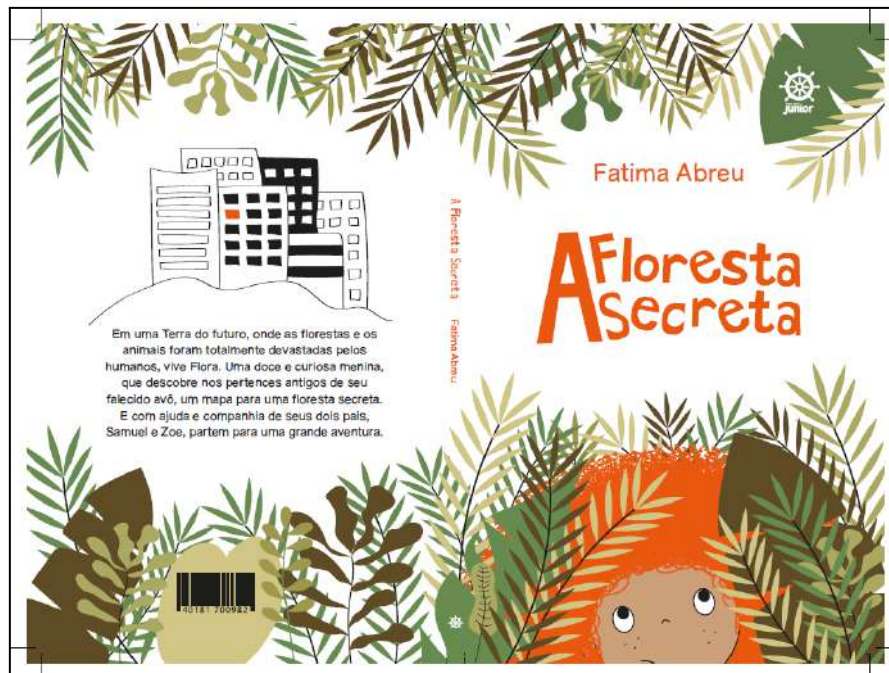
COLOFÃO DESENHOS DESENHOS

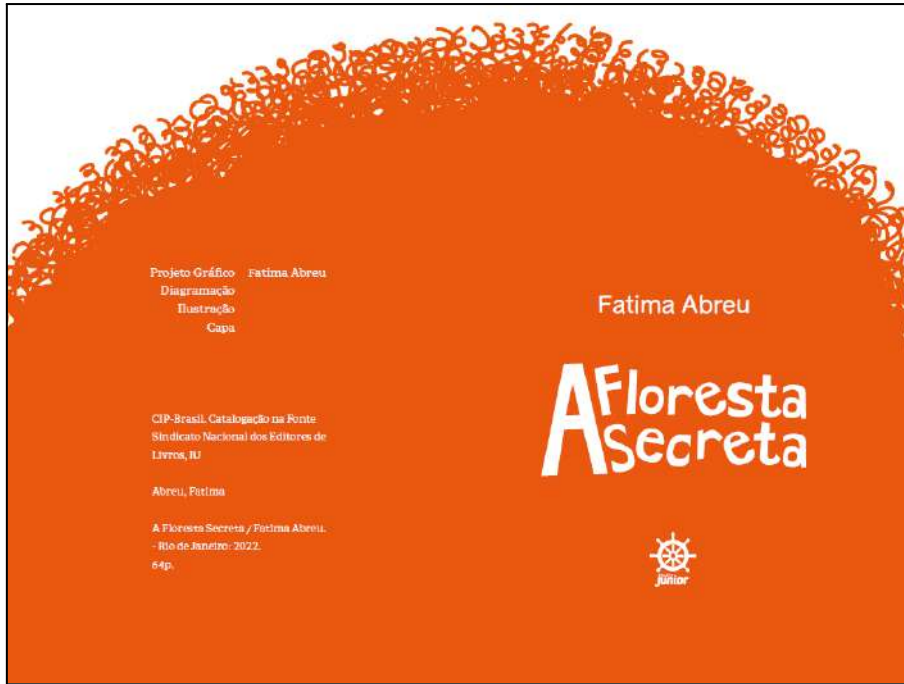


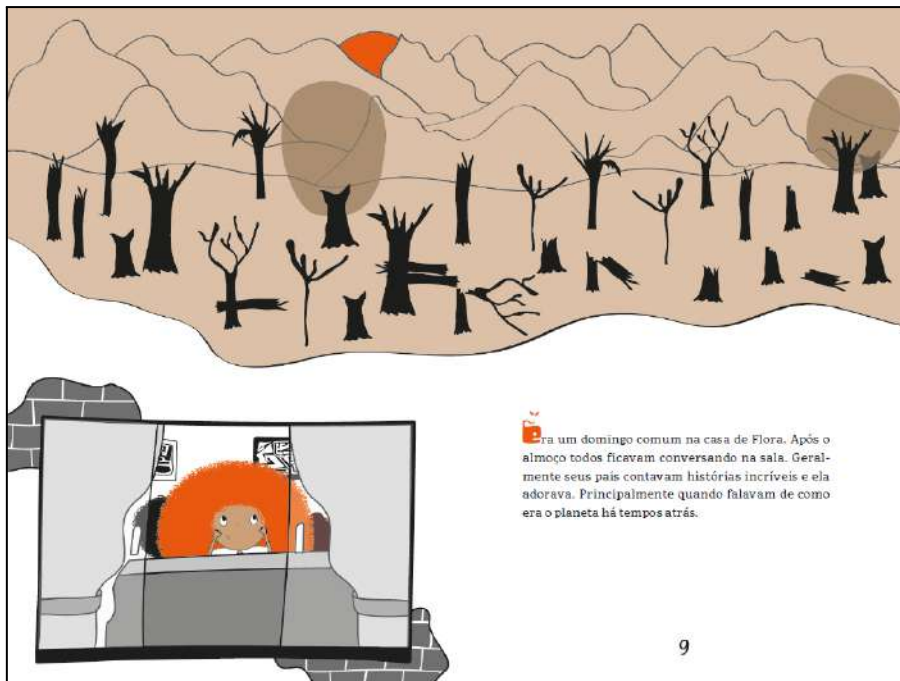
PADRÃO DESENHOS

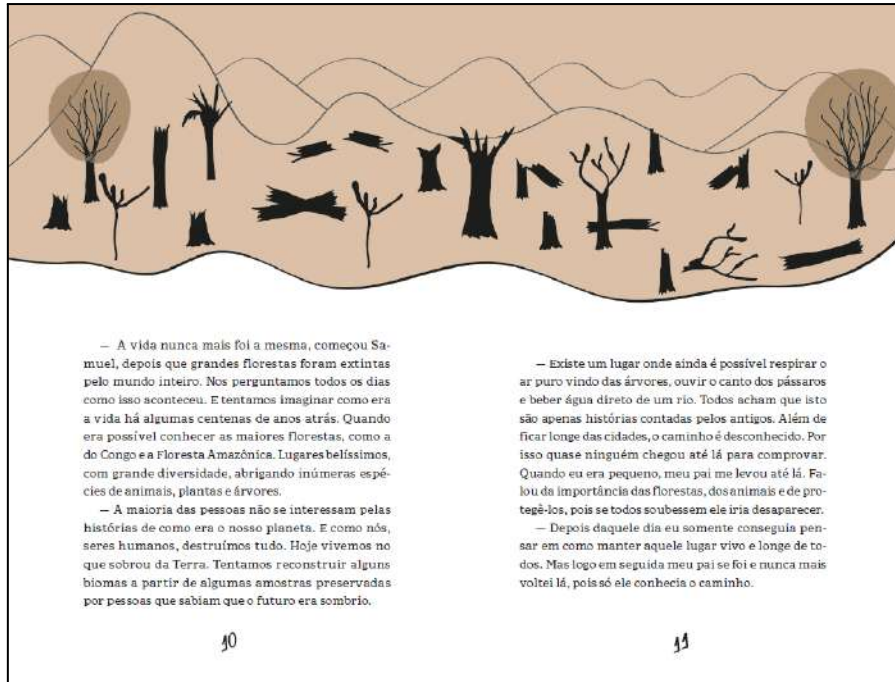
continuação da 3ª capa

3.2.3. Capa e miolo finalizados









— A vida nunca mais foi a mesma, começou Samuel, depois que grandes florestas foram extintas pelo mundo inteiro. Nos perguntamos todos os dias como isso aconteceu. E tentamos imaginar como era a vida há algumas centenas de anos atrás. Quando era possível conhecer as maiores florestas, como a do Congo e a Floresta Amazônica. Lugares belíssimos, com grande diversidade, abrigando inúmeras espécies de animais, plantas e árvores.

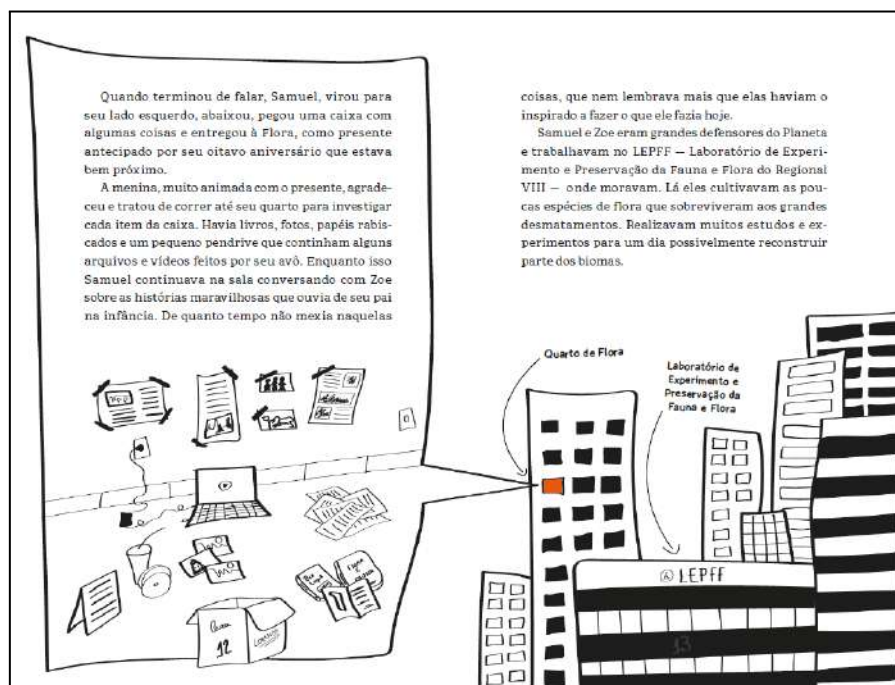
— A maioria das pessoas não se interessam pelas histórias de como era o nosso planeta. E como nós, seres humanos, destruímos tudo. Hoje vivemos no que sobrou da Terra. Tentamos reconstruir alguns biomas a partir de algumas amostras preservadas por pessoas que sabiam que o futuro era sombrio.

30

— Existe um lugar onde ainda é possível respirar o ar puro vindo das árvores, ouvir o canto dos pássaros e beber água direto de um rio. Todos acham que isto são apenas histórias contadas pelos antigos. Além de ficar longe das cidades, o caminho é desconhecido. Por isso quase ninguém chegou até lá para comprovar. Quando eu era pequeno, meu pai me levou até lá. Falou da importância das florestas, dos animais e de protegê-los, pois se todos subessem ele iria desaparecer.

— Depois daquele dia eu somente conseguia pensar em como manter aquele lugar vivo e longe de todos. Mas logo em seguida meu pai se foi e nunca mais voltei lá, pois só ele conhecia o caminho.

31



Quando terminou de falar, Samuel, virou para seu lado esquerdo, abaixou, pegou uma caixa com algumas coisas e entregou à Flora, como presente antecipado por seu oitavo aniversário que estava bem próximo.

A menina, muito animada com o presente, agradeceu e tratou de correr até seu quarto para investigar cada item da caixa. Havia livros, fotos, papéis rabiscados e um pequeno pendrive que continham alguns arquivos e vídeos feitos por seu avô. Enquanto isso Samuel continuava na sala conversando com Zoe sobre as histórias maravilhosas que ouvia de seu pai na infância. De quanto tempo não mexia naquelas

coisas, que nem lembrava mais que elas haviam o inspirado a fazer o que ele fazia hoje.

Samuel e Zoe eram grandes defensores do Planeta e trabalhavam no LEPFF – Laboratório de Experimento e Preservação da Fauna e Flora do Regional VIII – onde moravam. Lá eles cultivavam as poucas espécies de flora que sobreviveram aos grandes desmatamentos. Realizavam muitos estudos e experimentos para um dia possivelmente reconstruir parte dos biomas.

Flora é uma menina adorável, vive com seus pais na barulhenta "floresta de cimento". Passa a maior parte do seu tempo imaginando como seria uma floresta de verdade, com muitas árvores, animais e terra.

Depois de passar o dia todo olhando repetidamente as fotos e os vídeos sobre aquele lugar mágico, Flora teve um estalo e disse em voz alta:



Samuel e Zoe, que estavam no quarto ao lado ouviram e foram ver o que Flora tinha achado naquela hora que não estava dormindo. Quando abriram a porta era uma zonzó.

— Pai, acheii! Agora podemos encontrar a floresta do vovó. E esticou a mão em direção a Samuel e Zoe e entregou um papel com vários rabiscos, que se não olhado com atenção, ninguém diria ser um pequeno mapa para algum lugar.

Em meio a um largo sorriso Flora disse: — Temos que ir até lá. É isto que quero de aniversário.

Zoe e Samuel se entreolharam sem dizer uma palavra. Após um breve silêncio Zoe ajudou Flora a ir para cama, já era bem tarde e no dia seguinte todos iriam acordar bem cedo. A menina não conseguia pensar em outra coisa se não em conhecer aquele lugar.

Samuel ficou muito atordoado com o papel. Como não tinha conseguido perceber por todos estes anos que aquilo era um mapa? Zoe tentava acalmá-lo dizendo que era compreensível que precisasse se afastar de tudo que lembrasse o pai, pois estava passando por algo difícil. Naquela noite ninguém conseguiu dormir bem.



Alguns dias e finalmente Flora completava seu oitavo aniversário. Ao descer para o café da manhã, seus pais a esperavam com alguns enfeites pendurados, uma mesa cheia de coisas gostosas e uma caixa pequena envolta em um lindo papel de presente. A menina foi abraçada calorosamente por seus pais em meio a felicitações por seu aniversário. Em seguida, Samuel entregou a singela caixa. Curiosa por saber o que havia dentro, rasgou com rapidez o papel e abriu a caixa. Por alguns instantes de silêncio, a menina olhava com uma expressão de muito espanto para o conteúdo da caixa. E num supetão se jogou nos braços de seus pais e só sabia agradecer.



Flora desde pequena sempre que podia acompanhava seus pais no trabalho. Ajudava a cuidar das plantas, perguntava sobre tudo e assim cresceu com o mesmo amor que Samuel e Zoe pela natureza. Desde que recebeu os pertences de seu avô não pensava em nada além de conhecer aquela floresta escondida. Quando viu aquela bússola dentro da pequena caixa que recebeu de presente, seu coração palpitou tão forte que parecia que ia sair pela boca.

A menina não via a hora de pegar a estrada rumo ao seu sonho: de ser parte da natureza. Como ela viu nas coisas velhas de seu avô e ouvia nas histórias que seus pais a contavam todas as noites antes de dormir.



E finalmente, o tão esperado dia chegou. O carro nem tinha mais espaço para tanta coisa que eles estavam levando. É como sempre dizem seus pais: "melhor prevenir".

Quando já estavam bem distantes da cidade e se aproximando da pequena e secreta floresta, Flora podia sentir o ar puro e fresco no seu rosto, que adentrava a janela do carro. E o cinza barulhento se tornou silencioso e verde. Algumas horas de viagem e finalmente o sonho da menina torna-se realidade. Bem ali à sua frente estava uma floresta de verdade.

Estacionaram o carro em uma grande área de gramado na entrada da floresta. Era perfeito para armar a barraca, fazer uma fogueira, colocar o telescópio e observar as estrelas à noite. Na cidade quase não era possível vê-las por conta de ser totalmente iluminada.

— Flora! Olha que lindo aquele pássaro!

— Olha aquele outro, papai! Eles cantam bem alto.

Tinha bastante coisa para tirar do carro, Samuel e Zoe pegavam as pesadas e Flora as leves. Depois de carregar tudo para onde seria o acampamento, eles olharam para aquele amontoado e sabiam que tinham levado coisas demais.

— Vamos armar a barraca, amor? E Flora, você pode pegar estes gravetos espalhados por aqui para fazermos a fogueira. Pediu Samuel.

Enquanto seus pais, bem enrolados, armavam a barraca, Flora ia catando os galhos. Encantada com cada detalhe, se via em uma experiência única e sentia que deveria registrar tudo com muito cuidado. Foi andando e tudo a distraía pelo caminho. Avistava uma flor e precisava se inclinar para admirar mais de perto suas cores. Tateava cada árvore para sentir a textura dos troncos. Dava pra sentir com a ponta dos dedos a aspereza e os pequenos buraquinhos que se estendiam por todo o tronco. Às vezes apareciam algumas formigas que subiam nas mãos de Flora. Ela deixava que passassem por sua mão enquanto as observava.

Quando finalmente terminaram de armar a barraca, se deram conta da falta de Flora. Começaram a andar ali por perto e chamavam a menina.

— Onde se meteu essa garota, Samuel?

— Deve estar nos pregando uma bela peça. Isto é a cara de Flora.

— Nós vamos te achar garotinha e vamos te encher de cócegas, você vai ver.

Alguns minutos procurando a menina e começaram a ficar preocupados com a brincadeira que não acabava. — Flora, já chega. É melhor você aparecer. Estamos preocupados. Gritou novamente Zoe. E nada se ouvia de volta. Zoe e Samuel se olharam e como de costume já sabiam o que o outro estava pensando.



Quando Flora se deu conta estava muito longe do acampamento e logo tratou de voltar. Mas quanto mais caminhava, mais parecia estar se afastando. Junto com a tarde veio o medo e Flora começou a gritar por seus pais, mas nada ouvia de volta. Após inúmeras tentativas de encontrar o caminho, sem sucesso e exausta, decidiu sentar-se junto às enormes raízes de uma árvore, que parecia o prédio onde morava de tão alta. Por um instante fechou os olhos e um barulho a despertou recordando que ainda estava perdida e aquilo que parecia ser seu sonho estava virando um grande pesadelo.



Do outro lado da floresta estavam seus pais, afitos e cansados de tanto gritar e correr à sua procura. Era uma luta contra o tempo, pois eram somente os três naquela imensidão verde e desconhecida. Logo a noite viria e tudo seria bem pior.

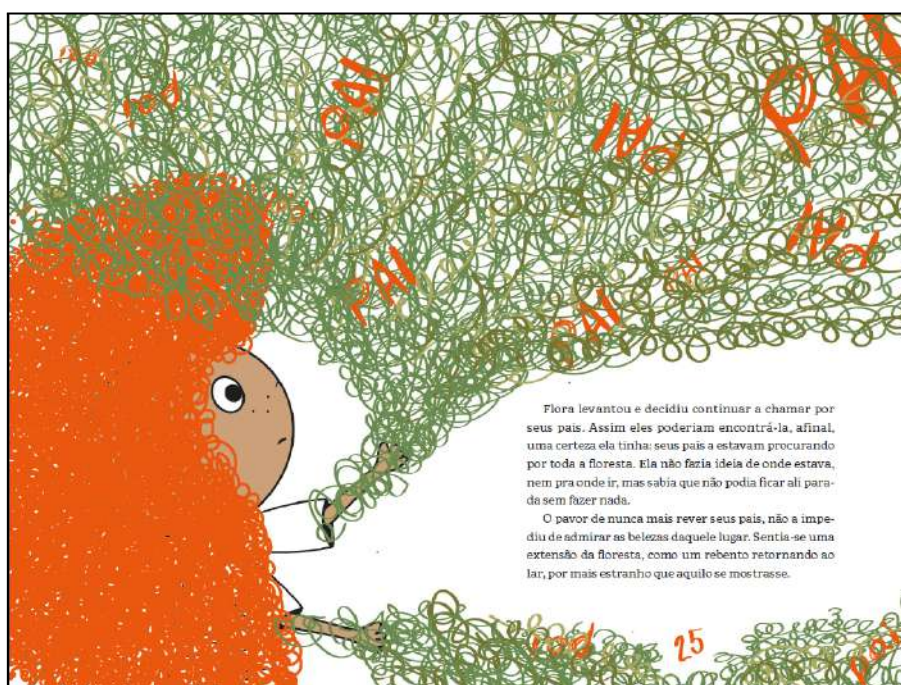
— Flora! Gritava, Zoe desesperado.

Samuel sentou em um pedaço de tronco caído, apoiou os cotovelos nos joelhos, levou as mãos à cabeça e falava descontroladamente: — É tudo culpa minha. Eu não devia ter feito essa loucura. Como vamos encontrar nossa pequena neste lugar?

Zoe, como sempre, o acalmava.

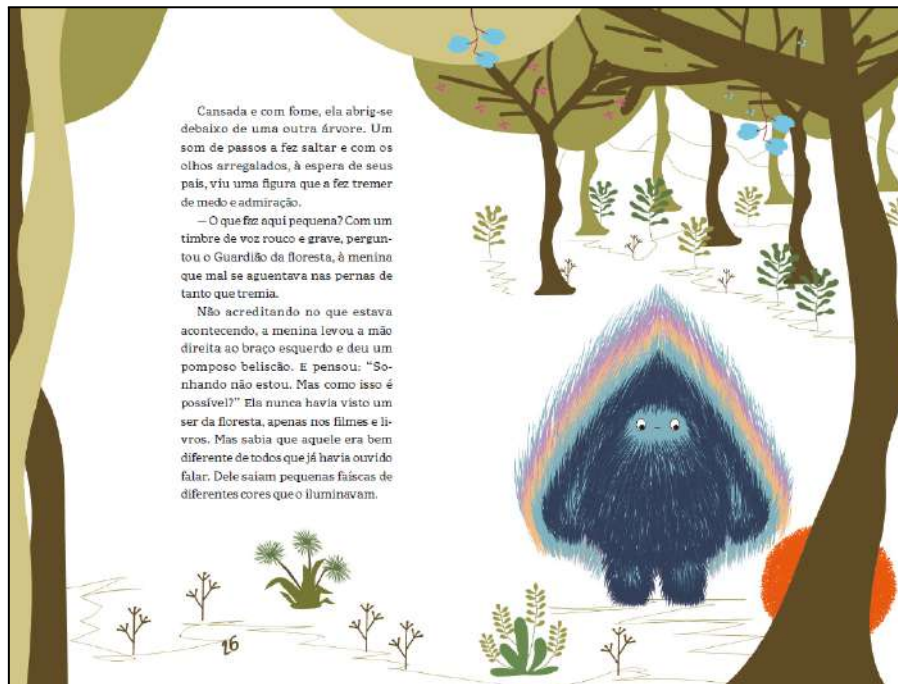
— Nós vamos encontrá-la. Daremos risadas disto um dia. Nós vamos encontrá-la.

Samuel só conseguia pensar em como aquilo era culpa dele e chorava sem parar. Zoe o chamou para continuar procurando, pois eles precisavam encontrar a menina antes do anoitecer e assim fizeram.



Flora levantou e decidiu continuar a chamar por seus pais. Assim eles poderiam encontrá-la, afinal, uma certeza ela tinha: seus pais a estavam procurando por toda a floresta. Ela não fazia ideia de onde estava, nem pra onde ir, mas sabia que não podia ficar ali parada sem fazer nada.

O pavor de nunca mais rever seus pais, não a impediu de admirar as belezas daquele lugar. Sentia-se uma extensão da floresta, como um rebento retornando ao lar, por mais estranho que aquilo se mostrasse.



Cansada e com fome, ela abrig-se debaixo de uma outra árvore. Um som de passos a fez saltar e com os olhos arregalados, à espera de seus pais, viu uma figura que a fez tremer de medo e admiração.

— O que fez aqui pequena? Com um timbre de voz rouco e grave, perguntou o Guardião da floresta, à menina que mal se aguentava nas pernas de tanto que tremia.

Não acreditando no que estava acontecendo, a menina levou a mão direita ao braço esquerdo e deu um pomposo beliscão. E pensou: "Sonhando não estou. Mas como isso é possível?" Ela nunca havia visto um ser da floresta, apenas nos filmes e livros. Mas sabia que aquele era bem diferente de todos que já havia ouvido falar. Dele saíam pequenas faíscas de diferentes cores que o iluminavam.



Enovamente o Guardião perguntou e antes que completasse a frase, Flora o interrompeu.

— Estou perdida. Meus pais devem estar me procurando.

O Guardião a olhava intrigado e com bastante receio. Parecia tentar ler suas intenções naquela floresta. Era muito difícil ter humanos por ali e as vezes que apareceram tinham más intenções.

Com a tarde já findando e a escuridão se derramando lentamente sobre a floresta, havia apenas o brilho das estrelas e da lua cheia. A cada uivo que se ouvia era um bater de dentes. Flora assustada buscou com o olhar o Guardião, a única possível companhia, mas não o encontrou. E novamente se sentiu sozinha.

O Guardião nada satisfeito com aquela presença inconveniente resolveu se afastar e deixar que a floresta se encarregasse daquela intrusa, como era de costume. Com o avançar da noite os uivos eram cada vez mais altos. A menina, horrorizada com aquele som totalmente desconhecido e apavorante, não conseguia se mover para buscar refúgio. E mesmo que tentasse não conseguiria, pois, além de não conhecer a

floresta, também não enxergava nada.

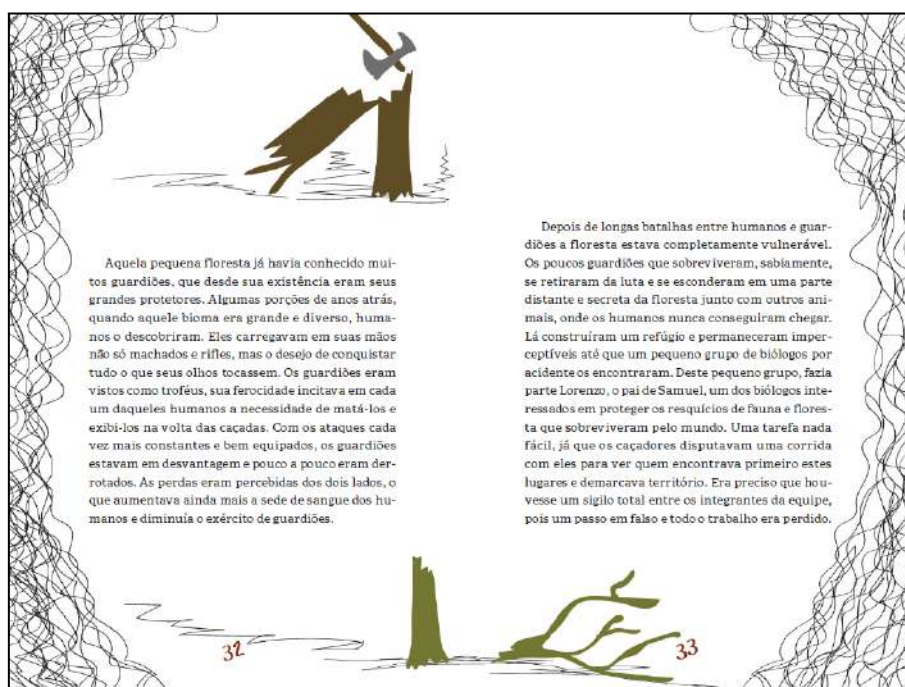
Então ficou ali, abraçada aos seus joelhos chorando em silêncio e suplicando para que não fosse vista pelo o que quer que fosse o dono daquele som horrível.

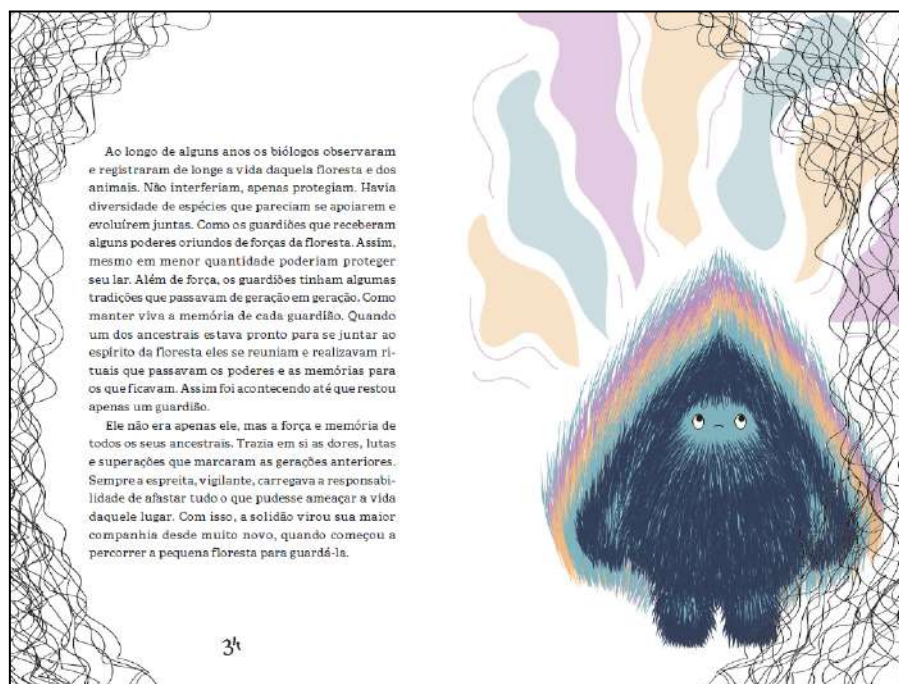
Samuel e Zoe ainda caminhando pela floresta em busca de Flora, ao ouvir o uivo estremeceram. A ideia de que a menina poderia estar sendo atacada

por um animal feroz os deixava ainda mais apavorados. E a noite se apresentou com sons nada agradáveis para quem já estava assustado.

— O que faremos agora Zoe? Não temos mais pilhas.

— Vamos ter que esperar amanhecer e continuar as buscas. Não tem outro jeito. Disse Zoe, enquanto aproveitava os poucos feixes de luz da lua para procurar um lugar onde pudessem se acomodar.





Ao longo de alguns anos os biólogos observaram e registraram de longe a vida daquela floresta e dos animais. Não interferiam, apenas protegiam. Havia diversidade de espécies que pareciam se apoiarem e evoluírem juntas. Como os guardiões que receberam alguns poderes oriundos de forças da floresta. Assim, mesmo em menor quantidade poderiam proteger seu lar. Além de força, os guardiões tinham algumas tradições que passavam de geração em geração. Como manter viva a memória de cada guardião. Quando um dos ancestrais estava pronto para se juntar ao espírito da floresta eles se reuniam e realizavam rituais que passavam os poderes e as memórias para os que ficavam. Assim foi acontecendo até que restou apenas um guardião.

Ele não era apenas ele, mas a força e memória de todos os seus ancestrais. Trazia em si as dores, lutas e superações que marcaram as gerações anteriores. Sempre a espreita, vigilante, carregava a responsabilidade de afastar tudo o que pudesse ameaçar a vida daquele lugar. Com isso, a solidão virou sua maior companhia desde muito novo, quando começou a percorrer a pequena floresta para guardá-la.

34



Como o tempo não faz pausas, as horas foram avançando e a menina teve a sensação de que estava sendo vigiada por detrás dos arbustos. Mas estava feliz demais para perder tempo com medos.

Do outro lado do lago havia alguns animais, que ao verem a menina chegando, se esconderam. Por entre os arbustos foram se aproximando lentamente da menina e armaram o bote para atacar. Um imponente rugido estremeceu toda a floresta. O Guardião se pôs entre os animais e a menina e deu a ordem para que todos se afastassem.

Flora estava totalmente distraída, com o alvoroço imediatamente virou e lá estava o Guardião à sua frente, pronto em defendê-la. Com os olhos arregalados e o coração palpitante tentava entender o que estava acontecendo.

O Guardião seguia rigorosamente os ensinamentos deixados por seus ancestrais, que incluíam praticar a justiça. Aquela garotinha não havia, até então, apresentado ameaça real e ele estava acompanhando cada passo dela desde que entrou em seu caminho. Por ser muito respeitado por todos, sua ordem foi acatada, mesmo que parecesse ser um grande erro. Os animais, muito apreensivos e desconfiados, aos poucos foram se afastando até que todos sumiram à vista da menina.

36

37



Passado o susto, Flora se deu conta que precisava continuar sua jornada. Decidiu, então, se aproximar do Guardião e pedir ajuda. Mas ele temia que aquilo tudo fosse apenas uma boa armadilha para caçar o último vivo de sua espécie e se negou a ajudá-la.

A menina, decepcionada, tomou algumas frutas pela mão e seguiu seu caminho perdido na tentativa de reencontrar seus pais. Parecia em vão, sentia que cada vez mais se distanciava deles, mas não desistiu e continuou. Flora nunca desejou tanto algo como desejou ter nas mãos a bússola que ganhou de aniversário. Com ela, encontrar o caminho de volta seria muito mais fácil. Tentou se lembrar das aulas de localização geográfica e se guiar pelo pôr do sol, mas não conseguia recordar se o acampamento estava ao norte, ao sul, à sudeste...

"Passos?" Pensou Flora ao ouvir sons de galhos sendo quebrados. E parou para melhor observar a sua volta. Nada via, nem ouvia. Apreensiva continuou caminhando devagar para testar se ouviria mais sons de passos. Dito e feito! Os sons de passos à sua volta continuavam.

— Oi! Quem está aí?

Como resposta tinha apenas o som dos pássaros que cantavam por toda a floresta. E mais uma vez insistiu: — Tem alguém aí?

Flora sabia que estava sendo observada, sua dúvida e medo era se pelo Guardião, que a protegeu, ou pelos outros animais que desejavam atacá-la. Não havia muito o que fazer, então apanhou um pedaço de galho robusto e continuou sua caminhada.

— Pai, estou aqui! Gritava Flora para o alto, já meio rouca e tentando ignorar os sons de passos.



Num breve instante em que ela olhou para o alto, não reparou uma descida íngreme e tomou um belo escorregão parando bem abaixo do caminho em que estava. Tentou subir agarrando em algumas raízes, mas era impossível. Além de ser alto e íngreme, não havia raízes suficientes para chegar ao topo. No entanto, foram inúmeras as tentativas até buscar um outro caminho.

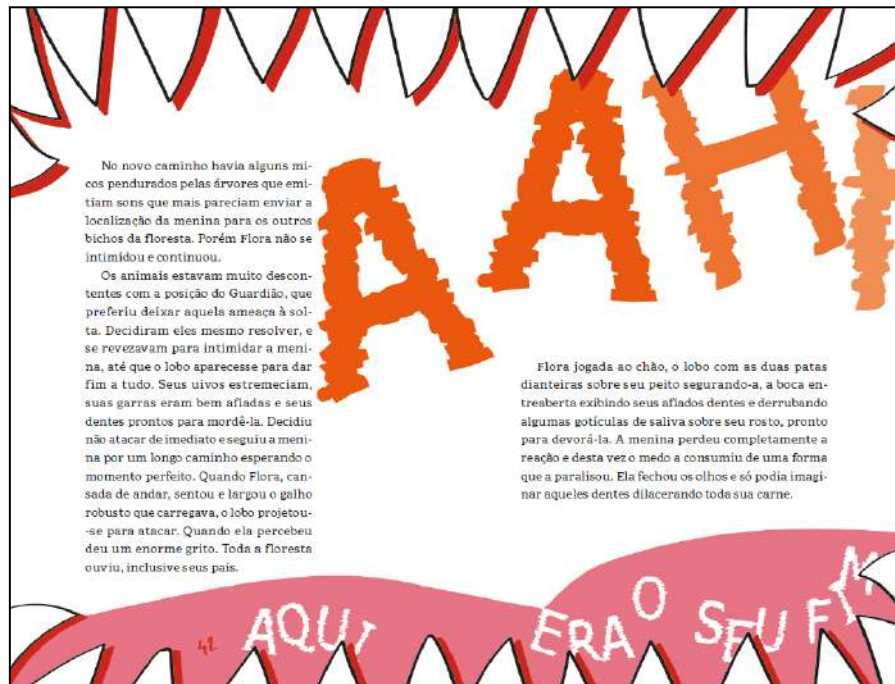
— Não posso parar. Eu vou conseguir. Falou a si mesma bem baixinho enquanto ainda estava agarrada à uma raiz.

Virou-se para tomar um novo caminho e deu de cara com dois cervos a cercando. Amedrontada buscou com o olhar seu pedaço de galho na tentativa de afastá-los.

— Eu não quero fazer mal a vocês. Só quero encontrar meus pais. Dizia Flora com a voz trêmula ao mesmo tempo em que os animais se aproximavam mais. Dando um passo para trás ela pisou no seu pedaço de galho. Abaixando rapidamente, pegou o galho, apontou para os animais e gritou:

— Deixem-me ir! Não me obriguem a machucar vocês. E deu um passo para frente ameaçando um golpe na direção dos cervos. Eles se assustaram e saíram correndo.

Desta vez o Guardião não apareceu para protegê-la e seu medo parecia aumentar, agora não poderia contar com ninguém mesmo.



No novo caminho havia alguns micos pendurados pelas árvores que emitiam sons que mais pareciam enviar a localização da menina para os outros bichos da floresta. Porém Flora não se intimidou e continuou.

Os animais estavam muito descontentes com a posição do Guardião, que preferiu deixar aquela ameaça à solta. Decidiram eles mesmo resolver, e se revezavam para intimidar a menina, até que o lobo aparecesse para dar fim a tudo. Seus uivos estremeciam, suas garras eram bem afiadas e seus dentes prontos para mordê-la. Decidiu não atacar de imediato e seguiu a menina por um longo caminho esperando o momento perfeito. Quando Flora, cansada de andar, sentou e largou o galho robusto que carregava, o lobo projetou-se para atacar. Quando ela percebeu deu um enorme grito. Toda a floresta ouviu, inclusive seus pais.

Flora jogada ao chão, o lobo com as duas patas dianteiras sobre seu peito segurando-a, a boca entreaberta exibindo seus afiados dentes e derrubando algumas gotículas de saliva sobre seu rosto, pronto para devorá-la. A menina perdeu completamente a reação e desta vez o medo a consumiu de uma forma que a paralisou. Ela fechou os olhos e só podia imaginar aqueles dentes dilacerando toda sua carne.



Samuel e Zoe estavam caminhando e gritando o nome de Flora, no intervalo de tempo em que se calaram ouviram um grito de pavor que ecoou por todo canto. Não tinham dúvidas, era Flora e desta vez estava realmente em perigo. Começaram a correr no sentido de onde parecia vir o grito, torcendo para que ela estivesse viva. Corriam, corriam e nada viam. Já não tinham certeza de onde vinha o grito de Flora. Pararam esbaforidos, apoiando as mãos nos joelhos atentos para qualquer som que os indicasse o caminho correto até a menina. Não se ouviram nada além dos sons dos pássaros cantando.

Um outro grupo de micos apareceu no alto das árvores ao redor deles e gritavam muito alto, o que deixava Zoe e Samuel mais atordoados. Eles mandavam os micos se calarem e mais alto gritavam. E de repente os micos sumiram.





